PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 1 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis

COIMBRA, 19 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

PATRIA

Chegamos nas vesperas da batalha.

Nesta hora, para uns tumultuosa de pavores, para outros incendiada das mais claras e seguras esperanças, nós vimos marcar os nossos logares de combate, ao lado d'aquelles que, de ha muito, veem, num rijo e fecundo trabalho de propaganda, fazendo a boa guerra contra velhos principios que hoje mais não são do que uma risivel mascara já sem brilho, mal velando o facies impudente d'uma politica cheia de crimes, roida por mil egoismos, descarada e torpissima.

Não é pois para uma ingenua tentativa de serena orientação, nem, escusado seria dize-lo, para entoar suaves canticos a uma vaga e idyllica republica, que nós vimos expôr os nossos nomes ás perseguições d'aquelles que, na presciencia da sua proxima ruina, se debatem e defendem com a mais terrivel de todas as coragens — a coragem do mêdo.

A orientação está dada e a republica que entre nós já recebeu o seu baptismo de sangue, ha muito perdeu as formas indecisas de uma romantica chimera, para se transformar aos olhos de todos quantos pensam e ainda crêem, numa nitida, precisa e inadiavel necessidade.

Fazer acordar ao ruido da nossa mocidade os que ainda dormem, dar aos que duvidam o exemplo ardente da nossa fé, magoar com a irreverencia da nossa rebeldia os que, sob veneraveis aspectos de prudencia e são conselho, mascaram os temores d'um coração cobarde, affirmar bem alto o nosso orgulho em pertencer a uma raça que um dia, esperamo-lo, mostrará que nem só de humildosa paciencia é feita a alma portugueza, communicar emfim o nosso odio, formidavel como a nossa dôr, contra essa vilissima cohorte de Pachecos, comicos até na ferocidade, despreziveis pelo impudôr, incapazes d'uma palavra ao menos que na historia deixe o corte luminoso d'um caracter, e para quem a honra d'uma patria é como um sacrario entre mãos sujas de bandoleiros, — eis em resumo o nosso programma.

Portugal precisa de ser acordado a berros,—clamava um dia Eça de Queiroz; actualmente, porém, o paiz já não dorme, que o não deixa a miseria nem lh'o consente a vergonha; por isso a nossa voz, se, pela sua aspera rudeza, não cabe, como a do querido artista morto, nos aristocraticos moldes d'aquella sua fina e limpida ironia, não obstante será ouvida porque terá a forte vibração da nossa sinceridade e a calma segurança de quem, como nós, já divisa num proximo futuro os nitidos contornos d'uma republica redemptora e victoriosa.

DUAS PALAVRAS

Patria. Não gosta do titulo o nosso visinho do lado, acrata tremebundo com uma orientação toda moderna, e um odio fulgurante contra alferes aguerridos e empregados d'alfandega. Tem receios graves de que com pendão e caldeira e em som de guerra penetremos em terras da moirama infiel, ou com fins mais altos busquemos nos adustos areaes da Africa vingar emfim a inolvidavel e affrontosa derrota d'Alcacer-Kibir.

Descance o nosso humanitario visinho e repoise a Europa, que nem nós nem o paiz, afinal, estamos dispostos a taes commettimentos, pois garantida por nossa parte se pode considerar a paz universal.

Simplesmente não acclamaremos processos revolucionarios como os de lord Chamberlain, roubando aos boers uma patria como quem furta um lenço, não sabemos se tambem com o humanitario fim de acabar com fronteiras.

Que nos perdoe o bem orientado visinho, mas lá isso não, não achamos bem.

Emquanto ao mais, aqui lhe juramos que, apesar d'uma proficua leitura do D. Jayme, nem pelo primeiro de dezembro poremos as patrioticas luminarias.

Descance — que nem um côto!

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A nossa primeira nota d'hoje é dirigida aos jornaes perseguidos pela brutal violencia do governo deshonesto que só se concebe que esteja no poder por virtude da inédita immoralidade d'um regimen politico nos extremos do descredito.

Sobre elles têm cahido censuras, querellas, apprehensões, condemnações, contra todas as conveniencias e contra o principio da livre expressão do pensamento que passou já dos labios dos paladinos e das preconisações theoricas dos philosophos para as paginas de todos os codigos modernos.

Se isto nos agrada como symptoma dos derradeiros desvairamentos defensivos da monarchia, crivada de crimes e de escandalos, contra a verdade que a condemna no amplo tribunal em que é juiz a consciencia publica, por outro lado revolta-nos pelo que representa como attentado e como extorsão.

A todos esses jornaes a expressão da nossa camaradagem. Mas o que aos republicanos é saudação inteira e incondicional, pela coherencia dos seus protestos em face de todas as repressões, quaesquer que sejam os jornaes que as soffram, aos outros, que em periodos de passada perseguição com ella pactuavam pelo silencio ou pelo applauso, a restricção jubilosa do bem que lhes tem causado a sua situação de victimas, fazendo-os entrar no reconhecimento de como a solidariedade se impõe como necessidade e como dever.

E que ella não seja inobservada e esquecida nos tempos em que, porventura, os seus amigos sejam bafejados pelas auras do poder.

—

Amores Reales

No *Nuevo Mundo*, revista de Madrid, vem publicada uma gravura representando o rei de Hespanha e a sua noiva, a princeza Ena de Battenberg, olhando-se, diz a revista, ternamente, reflectindo-se *en los rostros de los futuros esposos el sentimiento del amor.*

Pois, senhores: vimos a gravura, e a impressão que d'ella tivemos foi que a linda princeza Ena está a dizer compungidamente ao seu real noivo: — Ena pae! Que beiço que vossa magestade tem!

Senão façam favor de a vêr.

—

Novo ministro

O *Primeiro de Janeiro* de 14 do corrente encarregou da pasta da marinha no ministerio da presidencia de Sarrien, o distincto *sportsman* sr. Jayme Tompson cujo retrato foi publicado n'aquelle jornal entre algumas das individualidades do novo gabinete francês.

Foi, incontestavelmente, um acto de justiça do *Janeiro* e o reconhecimento dos meritos do sr. Tompson, comprovados amplamente na direcção do Real Club Naval e da Liga Naval de Lisboa.

No entanto — caso extraordinario! — o importante jornal do Porto, que taes aptidões torna a affirmar, demitte cruelmente, no numero seguinte, o dito senhor da referida pasta, nomeando outro que elle reconhece inferior em competencia nautica e cuja substituição o mysterio das coisas politicas encobre por completo.

Francamente, não sabemos a que attribuir a extranha reviravolta do *Janeiro*.

—

Eleições

Na reunião que na quarta-feira se realisou no Porto, da commissão municipal dos representantes das commissões parochiaes republicanas, foi resolvido que o partido republicano d'aquella cidade, concorresse ás proximas eleições com listas completas.

Apoiamos enthusiasticamente a decisão dos nossos correligionarios do Porto acceitando, como os de Lisboa, perante a urna a lucta legal que ha-de certamente testemunhar a grande força numerica e disciplinar do nosso partido, emquanto não chega o grande dia em que muitas contas em atraso se hão de liquidar e em que, fóra do ambito das leis e da ordem convencional, violentamente se querem, elle ha-de resgatar a serie de vergonhas e de cobardias com que o regimen tem deshonrado um passado historico de muito brilho e de muita grandeza.

Esperem-lhe pela pancada...

—

Moralidade alpoinacea

Recordamo-nos bem.

Foi alli em baixo, no Theatro-Circo Principe Real.

Berravam como possessos contra as falcatruas eleitoraes, de que era fructo o illustre parlamento portuguez; gritavam contra a politica rotativa, chegando um dos conspicuos oradores — se bem nos recordamos, o Sr. João Pinto dos Santos — a declarar que o grupo a que se honrava de pertencer, estava a paredes meias com o partido republicano.

Claro está, que ninguem o acreditou. E' que já então se rosnava por ahi que suas excellencias passariam com armas e bagagens para o Sr. Hintze Ribeiro.

Decorreram mêses.

Dissolvido o parlamento, os partidos monarchicos preparam os seus accordos para as proximas eleições geraes, cuidam já de fazer com que do parlamento sejam excluidos os deputados republicanos, verdadeiros representantes da opinião do paiz.

Onde param os dissidentes?

Alliados com os regeneradores por toda a parte.

Está dado o primeiro passo para a *entente* com os hintzaceos.

Ainda os havemos de ver de... *casa e pucarinho* e nada de paredes meias com os republicanos. Muita mudança soffrem as coisas na superficie da terra!

—

Programma nacionalista

Suborno de heranças, muita reza, salamaleques ante o governo de Sua Magestade e lucta aberta ao partido republicano.

Andam bem os srs. do altar.

Olhos postos nos ceus amigos e mãos nos bolsos dos partidos rotativos, ei los á procura de terra da Promissão.

Que aproveitem emquanto é tempo, que as coisas não correm muito á medida dos desejos d'aquelles que menosprezam os interesses do paiz para olhar pelos seus.

Um Jacintho ou um Bertiandos não vale mais do que um José Luciano, como este não é mais do que toda essa podridão que procura na monarchia os legitimos interesses da sua algibeira.

Abençoado paiz, que tal gente atura!

Centro Republicano Academico

Inaugura este Centro no proximo domingo 25 a sua campanha de propaganda republicana, realisando um comicio em Santarem, no qual usarão da palavra os estudantes Abranches Ferrão, Americo de Castro, Antonio Granjo, Carlos Olavo, Ramada Curto e José Montez.

Nos comicios eleitoraes que se realisarem em Lisboa e Porto far-se-ha tambem representar, e brevemente serão iniciadas pelo nosso illustre correligionario Dr. Malva do Valle as conferencias que o Centro se propõe realisar nesta cidade.

Continuam assim os estudantes republicanos no cumprimento da missão que se impuzeram de lucta contra o regimen.

*

Na sede d'este centro foi recebido um programma do congresso da paz, que se reune em Lisboa no proximo mês de maio, e um convite do seu illustre presidente e nosso eminente correligionario sr. Dr. Magalhães Lima, para que o nosso centro se faça representar.

O assumpto vae ser tratado numa das proximas sessões.

Republicanos e anarchistas

Nos tres ultimos numeros d'*A Era Nova* publicou Campos Lima tres notaveis artigos sobre as relações entre os anarchistas e os republicanos. Dizemos notaveis, porque estamos pouco acostumados a ver escrever com a honestidade e a segurança de doutrina com que o já tão conhecido propagandista trata a palpitante questão. Ha, porem, nesses artigos affirmações que nos obrigam a dizer algumas palavras.

Não é nosso intento provocar polemicas. Declaramo nos incompetente em razão da pessoa e da materia; e até certo ponto, porque um pouco de pudor nos determina ainda, incapaz de tão feia acção. As polemicas são, em geral, uma febre de reclame, e nós julgamos ingenuamente que o reclame é a irrisão.

A questão é posta nestes termos:

«Qual a attitude dos anarchistas a respeito da Republica antes da sua proclamação, durante o periodo revolucionario e depois da Republica feita?»

E' uma questão de tactica que se discute. Não ha, nem pode haver, é claro, uma formula rigida e sagrada de delimitação entre a acção anarchista e a acção republicana. A solução tem de variar conforme os logares, os homens e os momentos. Assim «a nossa questão é restringida a Portugal e ao momento em que escrevemos.»

Se fosse uma questão de principios exclusivamente, nada teriamos que ver com quaesquer affirmações: somos daquelles que têm pouca fé, para a implantação d'ideias, no chamado processo contradictorio. Entendemos que é dentro de cada um que a discussão tem de se travar, que o conflicto tem de rebentar, para que cada um tome resolutamente um caminho. A decisão, que uma conferencia contradictoria ou uma polemica ardente possam levar a um ouvinte ou a um leitor, dura somente emquanto dura o poder de suggestão do conferente e do polemista. E isto não significa de forma alguma recusa a uma discussão de principios nem tãopouco desprezo pelos methodos criticos. Entenda-se: julgamos de fracos beneficios reaes uma disputa entre pessoas, que, mais a mais, tem o inconveniente de quasi sempre descambar em disputa de pessoas. Entenda-se: preferimos que cada um leia, assimile, compare, generalise e conclua. Por esta forma crear-se-hão vontades, delinear-se-hão individualidades e consciencias. Pela outra forma arranjar-se-hão bandos, patrulhas, claques.

Como é, porem, dum processo de lucta que tratamos, não importando agitar idêas antagonicas ou principios irreductiveis, mas somente traçar uma conducta — acaso nos será licito, dentro destas nossas opiniões, dizer algumas palavras.

Campos Lima no primeiro artigo põe a questão. E' no segundo artigo que por varios argumentos procura demonstrar que os anarchistas não podem «auxiliar a propaganda theorica da Republica.»

Como diz Sebastien Faure, se se quer evitar toda a especie de logomachia, é indispensavel precisar os termos. Precisemos os termos. Ninguem pretende que os anarchistas sejam... republicanos. Por isso ninguem pretende que os anarchistas defendam a Republica em face á Anarchia. Os anarchistas atacarão naturalmente todos os regimens auctoritarios. Por isso atacarão a Monarchia e a Republica. Ninguem pode contar, nem conta com outra coisa. Mas o que os anarchistas têm obrigação de fazer é defender «theoricamente» a Republica em face á Monarchia. Desde que a Republica é — vá a definição geralmente acceita — a formula juridica da democracia, e a Monarchia é o privilegio, a hereditariedade, o direito divino, a cruz e espada, os anarchistas defenderão logicamente e indeclinavelmente a Republica contra a Monarchia. Sendo assim, desde que, como Campos Lima reconhece, a revolução republicana é a unica possivel em Portugal, os anarchistas que quizerem ser coherentes com as circunstancias e não quizerem prejudicar as proprias ideias batalharão pela Republica — antes da revolução, e durante a revolução. Depois da revolução já ninguem poderá exigir-lhes outro tanto, de boa fé. O seu papel será de novo, naturalmente, demolir. Mas se, implantada a Republica, ella perigasse de forma tal que houvesse o receio de que perecesse ou de que retrogradasse, ainda os anarchistas teriam não só a obrigação, mas a necessidade de a defender.

Haverá sophisma, subterfugio, subtileza que possa destruir a simplicidade luminosa e inconfundivel destes termos? Pois não é isto claro como a luz do sol?

Evidentemente, «o criterio para atacar a monarchia é fatal que diffira dos republicanos para os anarchistas.» Mas que tem isso? Acaso nós queremos impôr como unico elixir maravilhoso, despoticamente, o nosso criterio? Como Campos Lima admitte, a Republica trará a liberdade de pensamento.

Não se trata — e é justamente aqui que está o erro — de determinar a acção anarchista «confrontando a doutrina anarchista com a ideia republicana.» Trata-se de determinar a acção anarchista — confrontando a ideia republicana com o principio monarchico.

Quem affirma que os anarchistas em confronto com a Republica devem defender a Republica? Collocarmo-nos neste ponto de vista é unicamente fazer um alarido de pardaes, é combater em pura perda, é esgrimir embora vãos moinhos de vento. Não. O que se affirma é que os anarchistas, na linguagem magnifica e terrivelmente synthetica do povo, façam somente isto: defender o bom para alcançar o melhor.

O exame unilateral da questão e o prejuizo insistentemente tamboreado de que a Republica só se importa de resolver o problema politico, viciam constitucionalmente os artigos de Campos Lima. E de tal forma a exposição e a deducção são prejudicadas, que nos chegamos a persuadir duma certa fluctuação e uma certa debilidade na linha estructural.

E' por aquellas razões ainda que Cam-

pos Lima, depois de ter assentado redondamente o principio de que os anarchistas não podem auxiliar theoricamente a Republica, declara que os anarchistas «não podem embaraçar o advento da Republica, antes o favorecem, mesmo sem proposito disso»; que entre nós a Republica é necessaria, visto que os anarchistas não são o numero e não podem portanto supplantar a acção do Estado; que «dado o caso que a acção do partido republicano se torne decisiva e provoque uma revolução popular, o dever dos anarchistas é contribuir para que esse movimento não resulte peor, dando logar a uma tyrannica reacção monarchica»; que, finalmente, «não será de todo inutil o esforço que prestarmos um dia por ventura a uma revolução republicana.»

Estas contradicções, mais ou menos gritantes, eram, quanto a nós, inevitaveis, e, para demonstrar a inanidade da primeira affirmativa, teria bastado enumera-las.

Uma outra affirmativa ha ainda, porem, no terceiro artigo, que merece reparo. Campos Lima diz: «... o nosso dever obriga-nos a bater-nos tambem, não para darmos apenas mais um passo á frente, mas para que não sejamos obrigados a dar vinte ou trita passos para traz»

Não sabemos com que instrumento de precisão o auctor mediu os passos que vão da Republica á Monarchia e vice-versa. Mas devia ser um instrumento muito avariado para marcar só 1 passo da Monarchia á Republica e 20 ou 30 da Republica á Monarchia. Evidentemente perdeu se a noção das distancias...

Mas a correcta attitude, a cathedratica *allure* com que Campos Lima desdenha da evolução, dum passo mais no caminho da libertação e da felicidade!

Não. Entendamo-nos. E' preciso que os que podemos luctar nos não neutralisemos. E' preciso que as nossas vozes se juntem no mesmo clamor para que as muralhas da cidade antiga ruam e o caminho da Terra da Promissão se nos alargue e suavise. Só assim das areias do deserto nós conseguiremos fazer a seara loira da abundancia e da alegria, e só assim poderemos fazer com que a luz dos astros invada os poços e as minas. Juntemo-nos, amemo-nos: só assim nos saberá bem a vida.

Antonio Granjo.

De Lisboa

17 de março

Meus amigos:

Quando esta manhã, ao levantar da cama, naquelle quarto d'hora de suprema lucidez que precede o primeiro cigarro, eu me compenetrei da responsabilidade de correspondente de jornal que a vossa confiança immerecida atirou sobre as minhas debeis forças, dei-me a pensar nos meios que escolheria para o desempenho da complicada missão.

E assentei nas premissas que passo a expor.

— O que é um correspondente de jornal? Na accepção vulgar, correspondente é o individuo que, vivendo num meio afastado d'aquelle onde o jornal se publica, nelle colhe noticias, commentarios, impressões, que transmitte, sob a forma de resumos, de rapidas syntheses, á curiosidade dos leitores da gazeta. Correspondente, em resumo, é um alcoviteiro a distancia.

Num meio pequeno essa missão é facil. Num meio como Lisboa, é que ella se torna um pouco mais trabalhosa. Os aspectos, as variadas *nuances* da vida d'um grande centro, escapam facilmente, pela sua multiplicidade, á observação, á critica e até á simples e secca consignação dos factos. A vida da cidade é um cosmorama a que o observador collocado e immobilisado n'um ponto, só vê um numero limitado de quadros. Necessario se lhe torna mudar d'oculo, como nas barracas de feira onde se apresenta a viagem de Vasco da Gama á India ou o castigo dos assassinos de Ignez de Castro, para que não lhe escape um aspecto. Ou então, escolher um bom logar, fixar-se alli, e deixar que, diante d'elle, se desenrole a fita do scenario.

Esta ultima conclusão pareceu-me a mais pratica e, dado que o melhor logar em Lisboa para observar a vida de Lisboa seja o café, eis a razão por que eu estou agora aqui instalado, a uma mesa do Suisso, em frente de dois inglêses vermelhos e loiros que na mesa fronteira acabam um jantar copioso e bem regado. O mais volumoso dos dois assombra-me pela voracidade com que, desde que aqui estou, já devorou a sua meia duzia de laranjas! E, sendo que eu esteja aqui para observar aspectos e commenta-los, aquelle inglês glotão suggere-me esta ideia consoladora — que Portugal ainda é um paiz que se affirma pela superioridade da fruta que os inglêses comem.

Aqui a meu lado estão uns poucos de sujeitos que fallam muito alto, em torno d'uma mesa onde não se vê uma unica bebida. Acho extranho o facto, consigno e dou-me a escutar o que elles dizem. Não consigo entender a conversa; só, de vez em vez, chegam aos meus ouvidos phrases soltas. «E' uma besta! Uma cavalgadura! Não tem talento nenhum!» Um d'elles, um moço languido e gordo, com uma cabelleira romantica, olheiras bistradas e um ar fadigoso de cortezã hespanhola, retirada do negocio, levanta-se, diz com pompa:

— O livro do Silveira é duma fatuidade inesthetica. .

Em roda, pareceu-me que todos concordaram, o moço bateu as palmas e, ao creado que surgiu, com um ar espantado de quem está em frente d'um facto extranho, pediu com mais pompa ainda:

— Traze-me um copo d'agua...

Por minha vez chamei o creado

— Quem são? perguntei

Elle encolheu os hombros, tornou:

— Acho que escrevem...

— Escriptores, não? — insisti já com immenso respeito.

— Não sei!... Parece-me que estão todos desempregados! — retorquiu o prestante servo.

Pareceu-me ser esta uma noção, e tremenda, sobre a ideia que os creados de café têm dos intellectuaes. Aqui o consigno. — «Em Portugal, para os honestos gallegos que nos servem os *bocks*, os litteratos são gente que não tem que fazer.»

Aqui a meu lado, na mesa contigua, sentaram-se agora dois sujeitos, de chapeu alto. Um d'elles parece-se immenso com o deputado da minha terra, até no córte da sobrecasaca e na proeminencia do abdomen.

Discutem. Vou ouvir.

Fallam d'uma carta, d'um escandalo.

O mais gordo declara, com um sôcco no marmore:

— A verdade é que o Zé Luciano é um...

Perdi o final da phrase e oiço agora a resposta do outro, que peróra gravemente, mamando o charuto:

— Olhe doutor! A coisa não nos toca pela porta. E' estar quietinho... Quando fôr a nossa vez, então sim... vae ahi tudo raso!

E o parceiro, remechendo o café, com um ar que me parece repleto de philosophia, concorda:

— Afinal tem razão! Cada um governa-se!

Não pude ouvir mais porque entraram de roldão, pela porta dentro, uma porção de sujeitos muito fortes, com um ar de quem queria bater em todos, fazendo uma algazarra enorme e atirando ao chão, ao passar, com a minha bengala que eu encostára a um canto, junto á mesa.

E, a um olhar que me deitou um dos do grupo, eu tremi, no terror d'um grande murro.

Como escapasse, chamei, de novo, o creado.

— Quem são? — ciciei, com immenso medo.

— São *das forças!*... tornou elle, com profundo respeito.

— Batem?

— A's vezes...

Fugi. Para a proxima, semana a não se dar um incidente egual, serei mais longo.

Timido

«O Vira»

Sahiu o terceiro numero deste jornal de caricaturas com garantias certas dum largo e brilhantissimo futuro, pois que ao lado do bello artista Pedro Cid brilha todo o talento e toda a graça de Annibal Soares e Alberto Costa.

Lá vem transformado em apostolo o nosso companheiro de redacção Carlos Amaro.

Ora, justiça se lhe faça, o Carlos Amaro não é tão santo como lá o pintam — nem tão feio. Affirmamos isto bem alto, não venha o nosso querido camarada a perder casamento.

Tenacidade governativa

A lei da separação da Egreja e do Estado em França tem agora todas as probabilidades de triumpho com a formação do novo gabinete.

Eis as medidas que Clemenceau e Briand contam empregar, caso persistam os movimentos reaccionarios:

1.º Supprimir as pensões aos padres que resistam aos inventarios;

2.º Confiscar os bens não inventariados no momento da resistencia;

3.º Submetter a penas rigorosas os fieis que se opponham á fiscalisação da lei;

4.º Perseguir nos tribunaes todos os individuos suspeitos de provocar resistencia.

E' um salutar exemplo de tenacidade d'um governo democratico, o que prova que o emprego da força e da violencia devem ser proscriptos como processos de governar.

Partida e chegada dum rei amado

No domingo 11, á noite, o rei D. Carlos, achando bem providos os thesouros da nação, sereno e feliz o seu povo pelo respeito que ha pelos seus direitos e pela sua vontade, funccionando regularmente todos os poderes na legitimidade da sua autonomia, partiu para Madrid a espalhar, em contacto com a effusão do genio hespanhol, a sua alegria de rei muito amado.

Na estação estavam largamente representadas as classes superiores, com as côres varias das suas commendas, o brilho metallico das suas medalhas e a expressão da sua gratidão honrada pelo rei que os tem servido.

Eram ministros, funccionarios, militares fieis, aristocratas, homens que têm realisado no nosso paiz o equilibrio financeiro que caracterisa uma nação prospera, e os maridos de Lucrecias que se não matam...

Fóra, na plataforma superior da estação, um cordão de policias impedindo que a explosão do affecto popular perturbasse a majestade na serenidade das suas despedidas amigaveis.

D. Carlos, cada vez mais rosado, mais gordo, mais feliz, lá partiu tendo o caminho illuminado pela luz extranha de archotes erguidos á sua passagem, não fôsse o povo, teimoso e grato, communicar-lhe por esses sitios os seus sentimentos!

E havia labios que formulavam os desejos de todos os corações lusitanos nos termos que seguem:

— «O' rei amado! rei prestimoso! sê feliz na tua viagem e que as tuas venturas sejam tantas quantas são as saudades que ficam na alma dos teus subditos..»

*

A chegada: no dia 16, lindo dia de plena primavera, o rei chegou. Chegou bom, chegou fresco. Na recepção estava a familia e os partidarios do *direito divino*, havendo em abraços, em apertos de mão, em cumprimentos, expansão de sentimentos de intimidade e de respeito sinceramente monarchico.

Fóra, nas ruas onde formavam as tropas que faiscavam sob o esplendor do sol, houve os vivas que a policia arranjou a 800 reis por manifestante, para não haver excessos nas manifestações de sympathia.

Emfim, o rei amado partiu e chegou significativamente saudado, ficando, certamente, com a impressão suavissima da ternura d'um povo que elle não opprime, não explora, nem defrauda.

Mêdo...

O mêdo que a monarchia tem de que discutam os seus actos pouco limpos, é tão grande que á mais pequena coisa se sobresalta e perde as estribeiras, a tal ponto que ha dias mandou rasgar, pelos seus leaes servidores e guardas, os pequenos e inoffensivos *affiches* que mandaramos pôr, por essas ruas, annunciando o nosso jornal.

Em perfeito accordo com a Universidade que manda fazer o mesmo aos avisos das reuniões do Centro Republicano Academico...

Continuem, pois, que as *Commendas* não se farão esperar.

O caso Djalme

A Justiça de Paredes parece ter finalmente resolvido, no cumprimento do seu dever, pôr termo ao caso triste e sujo em que a policia portuense, ás ordens do commissario Adriano Accacio, envolveu o sr. tenente d'artilharia Djalme d'Azevedo.

No fim d'um longo anno as consciencias adormecidas dos magistrados judiciaes de Paredes acordaram e lembraram-se então de que, contra todos os principios do Direito, havia um homem que elles ciminosamente tinham esquecido durante compridos mêses, num quarto incommodo e frio d'um presidio militar, e resolvem ouvil-o, acatando emfim o clamor que de todos os corações generosos se levanta, num anceio enorme de justiça a favor d'esse perseguido do regimen.

E' extraordinariamente revelador este caso, da completa desorganisação a que tudo isto chegou e entristece sobremaneira a falta de independencia d'um poder que nós, na nossa ingenuidade de rapazes, acreditavamos ainda fóra da sujeição a que a soberania policial subordina hoje em Portugal todas as manifestações sociaes.

Exceptuados os jornaes republicanos toda a imprensa d'este paiz foi cumplice da policia, uma parte pelo seu silencio, outra pela facilidade com que acceitava submissa e de cabeça baixa, as noticias forjadas nos gabinetes do Aljube, sem que um grito de revolta viesse pôr uma nota de honestidade no relato que faziam do caso.

Não podia porem prolongar-se por mais tempo este estado de coisas e, no preterito dia 14, a justiça resolveu-se a ouvir o snr. Djalme d'Azevedo que confirmou todas as suas anteriores declarações e que aguarda agora o complemento do caso com que um criminoso vulgar pretendeu sujar o seu nome limpo e honesto.

Cumpre-nos dizer que para a resolução deste caso muito contribuiram os nossos collegas, estudantes do Porto, que numa campanha activa e persistente têm procurado pôr-lhe fim.

A academia de Coimbra, numa das suas ultimas reuniões, nomeou tambem uma commissão que por certo hade contribuir para que justiça seja feita ao tenente Djalme d'Azevedo.

Contem todos com o nosso apoio incondicional.

PELA INSTRUCÇÃO

Laconicamente, ha dias, num final esquecido de columna, após a nomeação de meia duzia de professores d'instrucção primaria, os jornaes participavam que, de futuro, ia ser permittida a matricula em direito aos individuos que apresentassem a certidão do primeiro anno da faculdade de theologia.

Este facto impressionou nos tanto mais, quanto é certo que muito poucos dias antes tinha sido feito esse pedido.

Entre nós é costume muito antigo, julgamos que de sempre, deixar amadurecer até ao apodrecimento, dentro das gavetas das secretárias ministeriaes, todos os requerimentos que alguns têm ainda a ingenuidade de para lá mandar, desacompanhados de acreditadas cartas de recommendação.

Esta pressa em responder a um simples requerimento d'estudantes, tão justo na apparencia, mas na realidade cheio de perigos para a educação nacional, fez nascer em nós a desconfiança de que altas e poderosas influencias o tinham guiado até junto das mãos do sr. Eduardo José Coelho.

Este decreto é, sem duvida, uma das maiores victorias que a reacção clerical, tem vindo ganhando ha uns annos para cá. Desde a legalisação das congregações religiosas pelo decreto de 18 de abril de 1901, não temos conhecimento de disposição alguma que tanto vá favorecer os planos do clericalismo.

Como se sabe, contrariamente ao que se dá para as outras faculdades, não é necessario o curso dos lyceus para a matricula na faculdade de theologia.

Com o curso de qualquer seminario e um exame feito á pressa perante um jury de lentes theologos, qualquer individuo pode, d'ora avante, graças a essa concessão, frequentar a faculdade de Direito e vir a fazer, mais tarde, de camaradagem com outros advogados de sotaina, uma conceituada succursal de Campolide, de cada uma das repartições publicas do paiz.

Esta disposição legal trará comsigo, naturalmente, um extraordinario augmento da frequencia dos seminarios em prejuizo dos lyceus, já porque o seu curso é mais breve e mais economico, já porque a maior parte dos paes portuguêses, productos d'uma falsa educação, preferem, ainda, o ensino religioso que deprime o caracter e recalca todas as nobres aspirações, ao ensino laico que, embora imperfeito entre nós, deixa em liberdade todas as energias creadoras do individuo. E isto será, nada mais nada menos, que a volta do ensino para as mãos bestificantes do clero...

Succede tambem, que do dinheiro das matriculas nos seminarios pouco ou nada vae para o Estado. D'esta maneira o proprio Estado, sempre prompto a augmentar os impostos e nunca a diminui-los, que já paga aos bispos e aos padres algumas centenas de contos annualmente, vem agora, pela diminuição fatal do numero de matriculas nos lyceus, offerecer-lhes, graciosamente o seu producto, em troca de meia duzia de votos para as proximas eleições.

E' simplesmente triste...

Consta-nos que a Academia de Coimbra vae protestar contra o facto e pedir a collaboração dos alumnos das outras escolas e de todos os liberaes do paiz, a fim de que esta questão assuma o caracter que deve ter — de questão nacional.

Reunirá a Academia?

Ficará ella indifferente a um ataque d'estes contra a sua dignidade e contra os interesses e prosperidades do seu paiz?

Aguardemos os acontecimentos.

Sarau Academico

Vae realisar-se, brevemente, nesta cidade, um sarau cujo producto reverterá em favor das familias das victimas de Courrières.

E' a um grupo de generosos estudantes que se deve esta sympathica iniciativa de que só á ultima hora tivemos conhecimento. No proximo numero daremos uma noticia mais desenvolvida sobre o programma e elementos constitutivos do sarau.

Communa de Paris

Passou hontem, 18, o anniversario da Communa de Paris, de tragica memoria pelo seu triste fim, mas cheia de grandeza e de respeito pelo ideal que a animou.

Reeditemos algumas palavras de José Falcão que tão impressionantemente a defendeu perante todos aquelles que, levados pelas primeiras impressões, não souberam comprehender a alta significação do generoso e heroico movimento:

«Nesta hora grande e sinistra, em que á maldição dos vencedores se junta ao sangue dos vencidos; e a colera implacavel dos *Senhores* triumphantes persegue até a memoria d'aquelles de quem só restam os cadaveres mutilados pela metralha; nesta hora, unica nos annaes das catastrophes humanas, que se ouça ao menos uma voz pedindo respeito para os mortos, maldição para os verdugos, e o pelourinho da consciencia humana indignada contra os canibaes que, na embriaguez da sua selvageria, nem ás mulheres deram quartel.

Sim! Nós defendemos a *Communa* de Paris.

Mas esta causa santa que abraçamos, é sagrada para nós, não pela piedade que a todas as almas nobres inspiram os grandes infortunios; mas porque é a causa do Direito e da Justiça.

Para o provar, basta examinar sem grande esforço de critica as peripecias caracteristicas da assombrosa tragedia; e, sobre tudo, o estado da consciencia e do espirito publico em França naquellas classes, cuja acção é mais proeminente na evolução do Drama humano.

No estado actual da sociedade francêsa dois grandes problemas occupam o espirito publico — o problema politico, e o problema economico. Examinemos um e outro destes problemas.

Que é o problema politico? Definir a essencia e fins do governo, e, como corollario, determinar o mais perfeito e justo systema de relações entre governantes e governados. Por outras palavras, buscar a melhor fórma de governo.

A solução deste problema é diversa nos diversos *partidos*.

Quaes são pois os partidos politicos em França, que buscam a solução do problema nos elementos constitutivos dos seus respectivos organismos? Podemos reduzil-os a tres; e talvez mais um quarto, que só dum modo indirecto busca a solução do problema. Este quarto é o partida da Communa.

.....

Este partido considera o problema politico como mera consequencia do problema economico; isto é, entende que a humanidade (com excepção de alguns milhares de parasitas improductivos) só alcançará a felicidade, quando a producção, repartição e consumo dos producto do trabalho estiverem organisados de modo, que o producto do trabalho pertença exclusivamente aos que trabalham, como é justo, e não a uma minoria exploradora, parasita e despotica, que só deixa ao escravo que a enriquece o sufficiente para elle não morrer de frio e de fome, e poder produzir de novo no dia seguinte; quando não leva a caridade evangelica a metralhar cincoenta mil de uma vez, como acaba de fazer o *bom* do sr. Thiers, com applauso de todas as beatas, e de todos os sacripantas.

A's vezes tambem consolam o pobre proletario servindo de *amparo* ás filhas... mas só durante a mocidade, que é idade cheia de *perigos*.

Este partido, que é o partido do futuro, em quanto a metralha não consente que seja o partido do presente, tem todavia o seu ideal politico — é a Republica Federal. Entende que não está no espirito da sociedade humana supprimir a individualidade, e toda a existencia collectiva intermedia, para só deixar subsistir uma grande existencia geral, em que se absorvam todas as outras, asphyxiando a liberdade nesta violenta concentração. O partido da communa entende, que se ha cousas que devem ser feitas pela grande unidade social ou nacional, ha outras, e em muito maior numero, que devem fazer-se por meio de unidades collectivas de ordem inferior, pela unidade departamental, communal, ou das associações industriaes e commerciaes, pelas numerosas unidades de familias, e, sobre tudo, pelas unidades individuaes.

Foi este o programma da Communa; por elle derramou o seu generoso sangue; e oxalá que ao lado da liberdade, que sempre florece no sangue dos martyres, não cresça tambem a arvore da vingança, para cobrir os nossos filhos com a sua sombra fatal.»

Os Palhaços

Para todos os numeros do nosso jornal, o nosso camarada de redacção Carlos Amaro, escreverá uma chronica sob o titulo geral — *Os Palhaços*.

Pontos de vista

Arte

— Mas, meu amigo, a caricatura não é só isso e nem mesmo é isso.

— Este é o meu modo de ver: tudo quanto faça rir; a vida, o typo, a especie atravez a visão d'um artista habil que exagera as deformidades e os ridiculos, eis tudo.

— Concordo nessa primeira parte, mas havemos de dar a essa visão um intuito critico, uma intenção superior. Fazer caricatura só com o fim de fazer rir, ser humorista só para soltar gargalhadas, parece-me obra tão inutil e tão pouco digna de interesse como esses trabalhos de escamas de peixe que as meninas collegiaes fazem para as molduras dos retratos dos papás, ou esses trabalhos em cortiça, simplesmente valorisados pela indicação elucidativa:—levou dois annos a fazer, todo executado a canivete. E' uma actividade perdida... Dizer isto (como aqui está escripto) *Nós não vimos pôr a nossa penna e o nosso lapis ao serviço do que vulgarmente por ahi se chama uma causa justa e nobre;..... Vimos saltar e folgar com a bella sociedade...*

Rapazes, vamos ao vira! — embora seja sympathico pela singeleza da formula, a ninguem interessaria pela inutilidade do fim. Meu amigo, toda a arte que não tiver um fim moral, uma intenção purificadora, não pode lograr grande vida.

— Eh! Lá vens com as phrases... Já sei com que vens... a these, a philosophia, toda essa trapalhada. Não pode haver arte que seja meramente recreativa?

— Pode haver e ha, mas esse desperdicio d'uma tão grande energia, capaz de revolucionar as mais radicadas ideias, faz-me sempre lembrar aquelle sujeito que accendia cigarros com notas de cem mil reis.

A caricatura hoje é uma arma poderosa de combate e d'um alcance incalculavel. E' o meio de propaganda mais rapido, mais duradouro e mais profundo. E isto pela simples razão de que para entender um artigo e para elle fazer emergir uma convicção num cerebro qualquer é necessario que esse cerebro saiba ler e para uma caricatura convencer alguem basta que esse alguem sinta. Pode o individuo não attingir a profundidade philosophica d'uma caricatura, pode um cerebro menos prevenido intellectualmente não vêr ao primeiro relance a força poderosa d'um grande raciocinio, que quatro traços conteem e resumem, mas o que decerto logo fere e se grava no espirito é o sentimento, a emoção que o artista nella lançou. Um desenho apanha-nos pelos sentidos, domina os rapidamente, e depois o cerebro sobre essa impressão trabalhará lentamente produzindo a ideia. O trabalho é inverso d'aquelle que se realisa quando na leitura d'um artigo. Aqui o trabalho é todo intellectual, sem apoio no sentimento e por isso menos violento, menos vincado; deixa-me dizer-te assim.

Já viste «L'Assiette au Beurre»?

Vê-se um numero, mesmo ao galope d'uma vista apressada, sem lêr os disticos e no fim sente-se indignação, odio, dôr tristeza. Emfim, qualquer coisa que nos leva a rugir contra a infamia social, a abrir os braços caritativos aos desgraçados ou a lançar a nossa compaixão aos anniquilados da existencia. Vê «Les Avariés», que paginas meu amigo!

Fazem mais impressão aquellas poucas folhas tracejadas rapidamente em esboceto do que mil volumes medicos sobre o assumpto. Inspira mais repulsão e horror pela doença terrivel do que bastos conselhos medicos em livros scientificos. E que odio, meu amigo, surge contra esses pandilhas de Madagascar! E' necessario veres, se ainda não viste. Convence, irrita... sente a gente ganas de berrar por essas ruas fóra como se os factos se dessem em nossa casa, á nossa vista... Qual o prosadôr capaz de fazer levantar tão violenta commoção?

Aqui tens o que é a caricatura: uma obra sã attrahindo e interessando; uma arma posta ao serviço dos que pugnam pelo bem e pelo justo.

E' o riso, a troça feita a ariete para derrubar e esmagar tudo o que opprime, tudo o que suffoca: seja uma ideia, seja um facto.

Na queda da monarchia de julho, em França, teve grande parte esse grupo de caricaturistas audazes que Charles Phillipon soube reunir em volta de si. Parece-te phantastico que uns bonecos tenham tanto effeito no espirito publico e o tornem capaz de derrubar instituições? Vê... um dos predicados que mantêm de pé um certo numero de instituições é o respeito que ellas inspiram e que, na phrase pittoresca d'alguem, é como a armadura d'aço que, ainda depois de mortalmente ferido, mantem de pé e erecto o guerreiro. Pois é este prestigio que inspira o respeito que a caricatura destroe abandalhando e pondo ao nivel commum as entidades divinisadas por seculos de isolamento. Pois tu imaginas que o povo que invadiu as Tulherias e deu de cara com Maria Antonieta e Luiz XVI, parando hesitante, estarrecido, perante a majestade d'aquella realeza, o teria feito se atraz de si tivesse uma legião de caricaturistas que no seu espirito houvessem destruido o terror atavico das grandezas divinas?

Não, meu amigo. Mas sabes? para esta obra é preciso estar possuido de odio, opprimido .. Ora agora vê estas caricaturas...

Tu, claro, tens horror á censura, abominas o systema da rolha, irritas-te quando suppões que o teu pensamento não é livre e sentes coceiras pela espinha dorsal pensando nos teus direitos d'homem livre cerceados...?

Pois bem, olha aqui *O Vira* — a mesa censoria.

Que me dizes? Não commove, não te leva a odiar a instituição, não derruba pelo ridiculo, nada, absolutamente nada.

Até, pelo contrario, qualquer coisa de alegre, uma impressão agradavel nos deixa como se acabassemos de vêr uma scena risonha, qualquer coisa encantadôra, como duas creanças a brincarem ao Juiz Veiga.

E' uma obra nefasta porque habitua á escravidão com o sorriso nos labios. Nem a indignação vehemente que redime os escravisados.

E' tanto mais para lastimar quanto bellos talentos a ella se devotam.

— Talvez tenhas razão, mas o nosso espirito nacional é este: a indifferença para tudo e o fado para as grandes dôres. Convence-te tu tambem que este povo não resiste e pôe de parte todas as coisas, as mais vitaes, a este convite bohemio — Rapazes, vamos ao vira!

Thomaz Vireloque

Arbitros avindores

Realisa-se no proximo domingo a eleição para o tribunal dos arbitros avindores organisado nesta cidade a pedido da camara municipal da presidencia do sr. dr. Marnoco e Sousa.

Sendo essa eleição de toda a vantagem para a classe operaria que sempre vê descurados os seus interesses, é de crêr que ella em grande numero ali concorra mostrando assim que está resolvida a ir conquistando regalias que decerto ha muito já teria, se não fôra a sua descrença pelas coisas e pelos homens.

Que lucte e que não deixe os seus creditos por mãos alheias e o operariado irá vendo melhorada a sua triste situação.

O tribunal agora creado de muito lhe servirá para derimir questões entre patrões e operarios.

Le gouvernement est mort; vive...o contrato dos tabacos!

Os jornaes d'hontem registam boatos de crise ministerial que dizem correr com certo fundamento.

Para nós, escusado é dizê-lo, não têm importancia nenhuma estas mudanças de governos que não marcam modificação na situação politica nacional determinada apenas pela influencia perniciosa e nefasta do regimen monarchico.

O sr. Hintze Ribeiro foi chamado.

Quer dizer: homens deshonestos substituirão homens indignos; a vontade, os caprichos, a perversidade de quem representa as instituições continuarão a ser satisfeitos.

A vontade, os direitos, os interesses, os dinheiros do paiz continuarão a ser desrespeitados e perdidos.

A nossa obra, portanto, que é uma obra de combate, resultante de principios constitutivos d'uma forte convicção e da hygienica necessidade patriotica de destruir um regimem immoral, continuará tambem.

Mudem os homens á vontade; nós nos encarregaremos de, no momento opportuno, substituir os principios.

Fervet opus...

Pelo paiz fóra paira uma aragem tumultuosa e agitada de eleições; colligam-se torpemente todas as *cotteries* monarchicas contra o inimigo commum, que vem surgindo e que parece prestes a destruir este montão de monstruosidades e de aberrações, cuja presença nos contamina e vicia como putrido cadaver de pestilento.

Parece chegado o momento de pôr cobro a tantos desvarios e desmandos e de extinguir toda a serie de *escroqueries* que tem posto na espinha os fundos da nação.

O governo, fortemente abalado nestes ultimos tempos com innumeras infamias praticadas, procura a todo o transe mostrar que ainda d'ella tem apoio; esgota para isso todo o dinheiro do thesouro; estabelece accordos particulares e illegaes; compra consciencias; promove transferencias; falsifica e rouba — porque este é o nome — recenseamentos, emfim pratica toda a casta de torpezas e de iniquidades.

Pois, apesar d'isto, estamos certos, o povo saberá ver quanto é necessaria a presença dos deputados republicanos no parlamento.

Não poderão evidentemente produzir já uma remodelação completa e immediata naquelle mercado de discursos ocos e vasios, peores do que as discursatas dos meninos do Lyceu em Assembleia Geral, pelo mesmo motivo por que a desinfecção e limpeza d'um edificio habitado por tuberculosos e syphiliticos se não faz no curto espaço d'alguns instantes.

Mas serão os unicos representantes do povo e pelos seus interesses luctarão, impedindo medidas humilhantes como as que pesam actualmente sobre nós, pugnando pela soberania do povo e defendendo a liberdade e justiça.

Haja um vislumbre de brio e de vergonha. Basta de tyrannia e de sujeição; é necessario que o povo triumphe; é necessario que o povo governe.

Unamo-nos todos e, se no campo da legalidade nada se puder conseguir, lancemos um olhar para a historia e aprenderemos lá a impôr a nossa vontade.

B.

As cartas do Snr. Barbosa de Magalhães

«Ralham as comadres, descobrem-se as verdades» — diz o nosso bom povo.

Os dois davam-se admiravelmente.

Pelo patrão arriscava-se a vida, a saude, e mandava-se o *pequenote* tomar a defesa de todos os galopins progressistas envolvidos em processos eleitoraes pelas suas habilidades praticadas junto da urna.

Um dia, porem, os ares turvaram se. O *bolo* era grande, e o Snr. de Magalhães estava ameaçado de levar com os pratos na cara.

Escreveu, portanto, ao patrão e este tranquillisou o pretendente.

Mas duas casas reinantes poderosissimas se batiam temerosa e gananciosamente.

Eram ellas a de Agueda alliada da de Anadia e a de Magalhães alliada da de «Direito» e mais partes adjacentes. Após algumas luctas encarniçadas, Agueda triumphou.

Pudéra!...

Muito rica, boa polvora e excellentes soldados, eram as condições necessarias para ella vencer.

Mas o chefe do povo de Magalhães conhecia demasiadamente o que ia lá por casa dos povos triumphadores.

Veio, pois, para as gazetas, e, com uma lingua de trapos, propria de mulher de soalheiro contou tudo que por lá ia.

Por lá só havia lama, podridão e... não sei que mais.

Foi o diabo!

Todos concordaram em que se tornava urgente uma vassoura de arame e algumas toneladas de potassa.

Os mais finorios do povoado, com um dedo no nariz, esses perguntavam: Mas para que esteve Sua Ex.ª calado darante tanto tempo?

As comadres zangadas que lhes respondam.

Congresso pedagogico

O sr. dr. Alves dos Santos, inspector da segunda circumscripção escolar e promotor do congresso pedagogico que vae realisar-se nesta cidade, continua trabalhando activamente para que o congresso tenha o melhor exito.

Na proxima segunda-feira reunem-se os professores de ensino primario official deste concelho, para resolverem o modo de condignamente receber em congressistas.

Livros e publicações

Alfredo Pimenta—*Fim da monarchia.*

Pela Typographia Democratica acaba de ser lançado á publicidade um livro cheio de actualidade, do academico Alfredo Pimenta.

Fim da Monarchia, é como elle se intitula. Pequena brochura, de 95 paginas, nitidamente impressa, com uma designação sympatica, o auctor propõe-se analysar o regimen monarchico em geral, e mui particularmente os seus dissolventes effeitos em Portugal. Vamos le-lo com o cuidado que exige uma apreciação sincera e agradecemos ao auctor a gentileza da offerta d'um exemplar.

Theses

Nos passados dias 13 e 14 do corrente, defendeu theses, perante a faculdade de Direito, o sr. Dr. Caeiro da Matta, que se houve brilhantemente na defesa das proposições apresentadas.

A faculdade classificou o illustre doutorando com M. B. 19, classificação que foi acceita como representando uma obra de inteira justiça ao trabalho e intelligencia do futuro professor.

Escola laica

Consta-nos que um grupo de liberaes pretende fundar nesta cidade uma escola de ensino laico. Escusado é encarecer a sua utilidade e affirmar a nossa adhesão á idéa, e, brevemente, nas columnas do nosso jornal, alguem especialmente habilitado tratará, com toda a proficiencia, da laicisação do ensino.

Creches

No barracão cinematographico situado no caes realisaram-se no preterito domingo, 12, os espectaculos em beneficio das Creches, dando entrada no cofre desta associação 101$080 reis, liquidos de despesas.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em

LISBOA — Tabacaria Monaco.
Kiosque Elegante (Rocio).

PORTO — Kiosque da Praça D. Pedro.

BRAGA — Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos.
Casa Elyseu da Silva, rua Larga.
Kiosque da Praça 8 de Maio.

SANTAREM—Bernardo José Vianna.

Os Palhaços

PROLOGO

1.º palhaço, gordo e majestoso como um Budha, a ampla juba azul celeste recamada de constellações, sauda num longo e demorado gesto:

Signori:

Nasci muito antes, ah! muito antes dos astros e dos homens, das feras e dos Deuses.

Duma risada extensa e luminosa abri na feia treva os sulcos das estrellas.

Ri mais e fiz o Olympo, ri muito e fiz o Ceu.

E fui eu que, numa clara madrugada, armei com a espada larga e sonora da justiça o braço d'um anjo triste contra um velho tyranno de longas barbas, que ao som das mysticas philarmonicas ha muito adormecera, a risonha cabeça reclinada sobre o luminoso feixe dos seus raios que um dia, mais tarde, desfecharia sobre a terra rebelde e peccadora.

Vencido e expulso vi depois Satan na sua queda, enchendo o espaço inteiro com a longa sombra das azas membranosas, cortando a treva em largos circulos silenciosos, descendo lento e lento, seu grande coração inflado pelo odio, a negra face mais pensativa e mais triste.

Ensinei-o a rir e fiz d'elle — o Diabo.

Desde então por onde passa e a sua aspera gargalhada, uma onda vermelha e quente de luxuria, d'amor e de crimes, alaga a terra, sobem mais alto e mais alto gritos de batalha, fremitos de beijos, uivos longos de feras, dilatam-se bemditos e fecundos os ventres das mulheres.

Afinou ao luar o bandolim de Mephisto e a guitarra de D. João, teceu com seda leve a escada fina de Romeu, lapidou brilhantes, inventou os leques, foi amigo de Luthero e intimo de Bakounine e ainda ha bem pouco fazia vermicular de cupidez á aproximação do ouro, as mãos delgadas e tremulas do papa Leão treze.

Dizem que envelheceu, mas não acrediteis: Elle soffre e gosa d'uma eterna mocidade. — Elle é meu filho.

Quando os velhos deuses pagãos, fartos d'intrigas e d'amores, se deixaram emfim morrer, Elle andou, coitado, occultando sob a terra humida os seus divinos corpos, á sombra meiga dos loureiros, com tal dôr e carinho, que ao calor das suas lagrimas e beijos se fundiram os claros braços da Venus immortal.

Satan chorou pela primeira vez...

Fabricou depois commigo todo o scenario tragico do Calvario, e foi Elle ainda quem, num gesto manso e doce, junto aos pés d'esse *blagueur* encantador que se chamou Jesus, amorosamente desenrolou a trança d'ouro da loura Magdalena e estrellou de lagrimas os seus grandes olhos azues, tristes e fundos como dois lagos.

Bons tempos foram esses, meus filhos, de bem mais frescas e claras gargalhadas. Depois alguns seculos se passáram tristes e mazorros até que, sob os ceus da Italia, voltei a divertir-me, afiando as folhas lavradas dos punhaes, ensinando aos Borgias os venenos mysteriosos, animando sob o pincel de Vinci o sorriso fino da Gioconda...

Para o 2.º palhaço, corcunda e estrabico, esfarrapado e bebado, mixto de mendigo e malandro:

— Lembras-te, meu velho?

...Foi quando *Ella* morreu, e tu, pobre truão, batido e desprezado, abandonaste aquelle tenebroso castello onde, mais temido que as hostes da moirama, por entre a turba-multa dos guerreiros, o teu riso d'aço feria e scintillava mais do que as espadas, e o teu odio, rijo como um diamante, riscava vivo e fundo o coração dos senhores.

Foi quando *Ella* morreu... Doce e religiosa figura, feita, parecia, das tintas esmaecidas d'um vitral suavissimo, quando passava, leve como um sonho, triste como um soluço, tu tremias mais, oh! meu pobre bôbo, á branda ondulação do seu vestido, do que sob as correias do chicote com que ás vezes, num fundo humido de cavallariça, os servos te batiam.

E enchiam se de lagrimas os teus olhos vesgos, inundavam-se de luz as fundas rugas da tua face odienta...

Ella morreu por fim... sobre o seio exangue as suas mãos já frias, uniu-as pela derradeira vez a derradeira prece; e a sua branca alma, batendo as finas azas por entre os sonhos das magras virgens piedosas, ainda palpitou de leve sob as mãos suaves de Botticeli, e num sereno vôo, para sempre, abandonou este feio mundo, cheio de tantos e tam negros maleficios.

Foi então que tu vieste para o meio das praças armar a tenda esfarrapada, cantando ao sol os psalmos de Luthero, ensinando a rir ás multidões o teu velho odio, á hora em que soava alto a voz de bronze de Camões e tombavam rotas e vencidas das mãos purissimas de Quichote as armas impollutas.

E depois, e depois, o que tu tens visto, como tu tens rido!..

Jehovah percorre melancholico os tristes ceus desertos até onde sobe rumorosa e negra a onda borbulhante de sangue, de gritos e blasphemias com que uma sinistra e bebeda canalha vinga milhares d'annos de fomes e martyrios.

Tombam dos thronos os reis apunhalados, empallidecem os ricos e os senhores ante a mão d'um slavo herculeo e sombrio, que a ferro e a fogo marca o flanco da terra com a palavra sagrada e terrivel — NIHIL.

E aos teus olhos surge, pela vez primeira, a visão dulcificadora d'uma primavera eterna, em que os homens menos crueis e mais bellos do que os deuses, saibam rir, emfim, com o riso forte e alegre dos heroes, dos labios das mulheres os beijos desabrochem claros e profundos, sem medo e sem peccado, e para o sol se ergam os canticos solemnes das multidões libertas e felizes.

Ah! que tu jamais comprehendeste, oh! meu pobre ingenuo, que o mundo é obra minha, feita d'ironia e cynismo, nota sangrenta duma gargalhada infinita, rolando pelo espaço fóra, sem saber para onde, sem saber porquê...

Bem farto e repeso do que fiz, vou-me a descançar, emfim, para bem longe, onde não chegue a estupidez dos homens, nem oiça o zumbir dos astros, a conversar talvez com Brahma, sobre as inexhauriveis delicias do absoluto aniquilamento.

Tu, já agora, segue o teu destino: — ri, ri continuamente, mas não esperes jamais, oh! meu velho palhaço, pela força heroica do teu riso ou pela chamma viva do teu odio, dobrar ou fundir sequer a flecha d'um só crime, nem que, sobre a terra, a flôr do perdão, um dia desabroche. Ouviste?

2.º palhaço:

Veremos, veremos...

CARLOS AMARO.

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson,* etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria pôrem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 7$000

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. . . . . 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

"O Conimbricense" Coimbra

CORREIOS E TELEGRAPHOS 26 MAR. 06 COIMBRA

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 2 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 26 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

REVOLUÇÃO

Não vimos annuncia-la, o que só fariamos, com intensa alegria, no momento em que os nossos adversarios não podessem impedi-la e em que, pelo menos, lhes fosse difficil sufloca-la.

O que queremos é precisar o valor do termo, effectivamente um pouco gasto nas faceis oratorias das assembléas exaltadas, mas que corresponde a uma ideia legitima e a uma necessidade indiscutivel, porque representa em face de determinadas circumstancias e num determinado ponto da evolução o unico caminho possivel e rasoavel que póde tomar um partido que se proponha realisar modificações profundas e radicaes nos fundamentos politicos d'uma nação.

Ha dias, um escriptor e deputado republicano hespanhol, Blasco Ibañez, escrevia ao chefe do seu partido, notificando-lhe que renunciava ao seu logar no Congresso, por não lhe agradar a passividade parlamentar, isto é, o exclusivismo parlamentar da acção republicana, visto elle entender que a preoccupação revolucionaria devia ser a alma de todo o trabalho do partido republicano.

A impaciencia revolucionaria do notavel escriptor, a sua desistencia dos meios de lucta legal que o parlamento lhe offerece, comprehendem-se pelas condições politicas da Hespanha, no seu aspecto fundamental semelhantes ás nossas, e pela attitude do seu partido que preteriu a sua natural missão, recorrendo simplesmente aos processos pacificos d'uma opposição parlamentar.

As monarchias são formas immutaveis e como taes fechadas a toda a especie de concessão, intransigentes ás transformações evolutivas, inamoldaveis ás conquistas do progresso.

Quando a noção dos novos direitos se formou na consciencia dos homens que a exprimiram nas reivindicações publicas, as monarchias sentiram a necessidade da defeza que se traduziu na pratica odiosa de perseguições de toda a ordem, na repressão systematica de todas as manifestações do pensamento.

Ceder era morrer. A monarchia absoluta de Luiz XVI, concedendo a primeira constituição á França, preparava pelas suas proprias mãos, no temor da sua transigencia, o golpe de morte que a prostrou.

Diante das reclamações que as massas populares, organisadas e orientadas, teem formulado sobre o suffragio universal, as monarchias resistem absolutamente.

As barricadas erguidas na Belgica, ha poucos annos ainda, representam o esforço heroico dos trabalhadores respondendo á recusa do rei Leopoldo em reconhecer a sua soberania, effectivada naquella especie de suffragio.

A acção dos partidos republicanos não deve, pois, limitar-se aos recursos de lucta que, dentro da lei, os velhos regimens existentes escassamente lhes concedem, nem reduzir-se aos movimentos inoffensivos que podem produzir-se na área das operações pacificas!

Se fosse assim, elles perderiam não só o seu caracter de partidos revolucionarios, mas até, pela renuncia á sua influencia radicalmente transformadora, a essencial razão da sua existencia.

*
* *

A monarchia portuguêsa tem cerceado quasi por completo todas as garantias e todos os recursos de combate e propaganda aos partidos que se lhe oppõem.

Isto resulta do plano de reacção politica que ella vem, ha annos, methodicamente realisando e que se expressa quer nos actos cada vez mais violentos do poder, quer no sentido cada vez mais regressivo da nossa legislação.

Desde os actos de puro arbitrio governativo que suffocam a natural indignação dos nossos jornaes em face á sequencia revoltante de tanta baixeza e de tanto roubo, até ás leis que difficultam os direitos de reunião e de associação, ás leis de policia que puzeram todos os propagandistas e todos os combatentes á discrição dos ultimos esbirros, tudo é coacção que nos impede de luctar e agir com a amplitude legitima do nosso enthusiasmo e da nossa cólera.

Quer dizer: a monarchia levou-nos, pelo impudor das suas espoliações, pela immoralidade dos seus processos, pela violencia usada para comnosco, á necessidade de nos batermos decisivamente com ella, lançando mão d'essa violencia salutar e redemptora que nos registos historicos se conhece pelo nome de revolução.

Isto não significa, de modo nenhum, que devemos abandonar o chamado campo da lucta legal onde o partido republicano, pela extraordinaria força que possue, póde fazer admiraveis affirmações de vigor numerico e de consciencia disciplinar, nem desprezar as intermittencias da oppressão monarchica para o proficuo trabalho orientador da propaganda. Mas que a organisação das nossas forças, que a alma da nossa acção, que a preoccupação fundamental do nosso trabalho deve ser o intuito revolucionario.

E ninguem estranhará, certamente, a franqueza das nossas palavras, visto que, por mais estupido que se seja, comprehender-se-ha facilmente que a missão principal d'um partido revolucionario é fazer a revolução!

CARLOS OLAVO.

O proximo numero da PATRIA publicará um artigo do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

DUAS PALAVRAS

É para notar que os caricaturistas portuguêses de tal forma traçam as physionomias dos senhores José Luciano e Hintze Ribeiro, que, a não serem as respectivas e explicativas legendas, nos veriamos a perros para saber quando se trata d'um e quando se trata do outro. Tambem para nós, nos dois grandes homens e incriveis estadistas, não é facil encontrar caracteristicas differenciaes que notavelmente os possam separar para a nossa admiração e respeito.

Ambos são conselheiros, ambos chefes de partido, ambos usam lunetas, calçam ambos botas d'elastico e alternadamente ambos contam com a confiança da corôa.

A mesma bexiga monarchica os verteu sobre a terra, á mesma hora, d'um mesmo jacto, á mesma esquina, como productos dum mesmo aperto.

A differença... a differença... Sim, existe uma pequena differença: A um, ao triste que se foi, faltam-lhe, alem do resto, as pernas — ao outro ao d'hoje, ao fundamentalissimo, só lhe falta... a cabeça.

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

Acerca do celebre «aperto de mão» — Hintze-Franco, que passará á historia do constitucionalismo portuguez como um gesto celebre, tem corrido persistentemente um boato curioso.

Diz-se que essa aproximação entre os dois irreconciliaveis foi ordenada pela Corôa, com o fim de substituir João Franco e a sua facção ao esbandalhado partido de José Luciano, que definitivamente se retira a bastidores, coberto de glorias.

Assim, para não alterar a nora rotativa, inutilisado um dos comparsas de tantos annos, a Corôa não faz mais do que faria o emprezario Sousa Bastos, no caso de doença d'um actor — chamar um figurante e distribuir-lhe o papel que pertencia ao outro.

João Franco adapta-se ao papel e naturalmente agradece a gentileza do emprezario.

Hintze continuará a representar de «conservador», o «dictador do Alcaide» figurará de «liberal» sem recear que o *travesti* lhe fique curto nas mangas, e a nora continuará, depois do gesto celebre, como tem continuado até aqui, isto emquanto o paiz não se resolver a fazer definitivamente o gesto redemptor que a farçada ignobil ha muito requer.

D'isto tudo altera-se a ideia que o vulgo forma acerca do que seja um partido politico. Em paizes atrazados e pouco progressivos, como por exemplo a monarchica Inglaterra, ninguem se lembraria de, inutilisado Chamberlain, chamar Balfour para o substituir. Em Portugal está-se mais adiantado, como se vê.

Simplesmente não se tem sido coherente na escolha d'aquelles a quem os papeis têm sido distribuidos.

No palacio do Conde Andeiro, recrutaria sem custo a monarchia um elenco de primeira ordem... para estes casos bicudos.

—

Anniversario

Na quarta-feira, 21, foi o dia dos annos do nosso collega Luiz Filippe d'Orleans e Bragança, alumno d'essa ideal Universidade em que se não fica nunca *chumbado* e em que se tem sempre talento até para pôr em cheque os professores que, valha a verdade, não o teem para dar e vender.

E, a proposito, um dialogo que apanhámos entre dois feriadistas:

—Então cá estamos a gosar o feriado dos annos do principe.

—E' verdade. E elle o que devia era fazer annos mais vezes!...

—

Queixas franquistas

Os franquistas queixam-se contra o rotativismo.

Ora, para que tantas admirações, se já um atilado camponio dos arredores de Braga, onde não chegou ainda a viação electrica, dizia: «Isto da governação, meu senhor, é um carro americano. O carro e o trilho são sempre os mesmos, só mudam as bestas de quando em quando.»?

Ora é o caso.

—

Perseguição á imprensa

O governo da *sr.ª ministra*, o patusco governo d'operetta do immaculado, depois da sua ignobil vida de falcatruas e trampolinices, já no estertor derradeiro mais uma vez quiz assignalar-se com a apprehensão de dois jornaes do Porto — os nossos presados collegas o *Norte* e a *Voz Publica*.

Foi o ultimo canto do cysne, que é como quem diz, o derradeiro coice do asno.

O «liberalão» Eduardo José Coelho é, neste caso, o asno complicado de traste.

Mas consolemo-nos: subiu aos conselhos da Coroa o famigerado «principe ilheu» alcatruz da nora rotativa...

Pela nossa parte já nos prevenimos com o apito, na impossibilidade de nos servirmos d'um chicote.

—

Tres dias de... Festas

O *Tribuno Popular*, a proposito da demissão do governador civil d'esta cidade, alem de varias festas que faz ao Tavares das mesmas, falla-lhe, «na solicitude e actividade no desempenho das suas funcções».

E' verdade!

O raio do homem, coherente com o appelido, até parecia uma bicha de rabiar!

E tanto assim é que só parou em Coimbra tres dias, por junto!

Quanto ao resto... está certo.

—

O Almanak Gotha alterado

O principe de Shoenburg requereu o divorcio contra sua mulher, a princeza Alice, que se metteu d'amores com um tenente plebeu e sem fortuna.

A *Vanguarda* commentando o caso accentua a falsificação que tem soffrido nos nossos tempos o sangue azul.

Nos nossos tempos? Em todos os tempos, que bem o diz a Historia. Aqui temos nós, por exemplo, a nossa rainha D. Carlota Joaquina que resolveu no paço de Queluz, misturar ao *cacharolete* dynastico que gira nas veias da sua illustre descendencia, a zurrapa nacional!

O *patriotismo* levou-a até ali...

—

Que admiração!

A *Folha de Coimbra*, insurgindo-se contra a chamada do Sr. Hintze para resolver a questão tabaqueira, elle que ainda ha pouco se mostrára *incompetente* para tal negociação, diz-nos ingenuamente:

«Parece que quem devia ser o primeiro, se mostra o ultimo dos portuguêses!»

Pudera... pois se elle é mestiço!..

—

Confusão cerebral

Segunda-feira, 19, o sr. Martins de Carvalho antigo republicano militante, hoje advogado em Lisboa e dissidente regenerador, fez no centro José da Silva Carvalho uma conferencia.

Consumiu um consideravel esforço de hypocrisia para mostrar que crê ardentemente em que o regimen se póde consolidar e subsistir quando praticado *escrupulosamente, conscienciosamente*.

Para rematar uma parte das suas largas considerações, o conferente disse: — «a monarchia só pode hoje ser liberal.»

Que estranho symptoma de confusão cerebral!

Positivamente não comprehendemos como o Sr. Martins de Carvalho quer conciliar monarchismo e liberalismo. Monarchias absolutas são essencialmente baseadas no privilegio. Monarchias constitucionaes, formas de transição, governos de fricção, tambem nellas os privilegios politicos predominam. Ora onde houver privilegio não póde existir liberdade. São duas coisas inconciliaveis.

Caramba! que os senhores franquistas chegam a ser d'uma impertinencia desmedida querendo mangar até com gentes esclarecidas.

Será o mesmo?!

Em um dos ultimos numeros da *Folha de Coimbra*, **o fachina** dos regeneradores liberaes, que aos dias trabalha na casa de redacção d'aquelle nosso collega, publicou uma local sob o titulo que nos serve de epigraphe com que procurava attingir o nome de um dos nossos mais illustres correligionarios, o sr. Dr. Malva do Valle.

A proposito d'este caso, o nosso amigo enviou-nos a carta seguinte a que gostosamente damos publicidade:

Caros amigos e companheiros:

A proposito d'uma local inserta no ultimo numero da *Folha de Coimbra*, peço-lhes publiquem no nosso jornal o seguinte:

Em 1901, após a minha formatura, fui convidado para uma reunião, no antigo convento dos Grillos, presidida pelo sr. Dr. Affonso Costa, na qual se tratou de assumptos eleitoraes.

Tive então occasião de declarar o seguinte:

1.º — Que em virtude de relações de familia e varias outras circumstancias pessoaes podia fazer entrar na urna um numero relativamente grande de listas republicanas.

2.º — Que por falta de meios de fortuna não podia sustentar essa votação, na impossibilidade de garantir a defesa de todos aquelles que pelo facto de me acompanharem eu collocava em circumstancias difficeis.

3.º — Que, se d'essa defesa o partido republicano ou qualquer dos seus membros se podia ou queria encarregar, eu por minha parte iria até aos maiores sacrificios para conservar e aguentar essa influencia.

Como nem o partido republicano nem algum dos seus membros quizeram tomar tal responsabilidade, abandonei essa votação, que ficou na sua grande maioria no partido progressista, onde já estava.

Passado algum tempo succedeu, porém, que um d'entre esses meus amigos, José Lopes, de S. Silvestre, mais illustrado e por isso mais independente, se recusou a votar com o partido progressista e mostrou desejos de seguir o partido republicano. Foi o bastante para que, por instigações d'um influente local, a camara d'então, presidida pelo sr. Dr. Dias da Silva, procurasse hostilisa-lo de todas as maneiras.

Foi assim que tentou apoderar-se d'um terreno que o mesmo Lopes possuia desde tempos desconhecidos.

Para isso multou-o para cima de 200 vezes; fê-lo responder a uma policia por insultos ao juiz, de que foi **participante** o mesmo sr. dr. Dias da Silva e testemunhas d'accusação dois empregados da camara. Foi absolvido sem que o

juiz (tambem progressista) ouvisse as testemunhas de defesa.

Fê lo em seguida responder a um processo, por não pagar as multas, provando nessa occasião o meu amigo que esse terreno lhe pertencia de direito. Como a sentença do juiz, apesar de tudo, não agradou á Camara, procurou ella apossar-se do terreno violentamente, por meio dos seus empregados.

Defendi-o com a consciencia dum dever, sem ter de recorrer ao favor de qualquer partido monarchico, só e sem o auxilio de ninguem, a não ser do distincto advogado e meu amigo Exmo Sr. dr. Frederico Guilherme.

Em seguida começaram a hostilisar-me directamente, suggestionando ao povo da aldeia onde eu vivia, que tinha direito a uma nova serventia para a capella da Senhora d'Ajuda que fica no meio d'uma propriedade minha que desde ha seculos lhe dava uma outra serventia.

Para isso desviaram, sem motivo algum, o trajecto costumado d'uma procissão, collocando-me assim na difficil posição de eu ser roubado ou de ter de arcar com a antipathia popular.

Como elles esperavam já, resisti ás injustas e maliciosas pretensões com perigo da minha propria vida. Houve, sobre isto, uma propositada syndicancia que não foi avante, sem que para isso, sob minha palavra d'honra o juro, eu fizesse a alguem qualquer pedido.

Saltando sobre um certo numero de factos, a que talvez tenha ainda de me referir, tive conhecimento de que ha pouco tempo, numa reunião dos influentes progressistas deste concelho, alguem propuzera uma guerra de morte, um exterminio absoluto á minha influencia.

E essa influencia, herdada de meu avô, um dos modestos fundadores do partido progressista, que até hoje só foi util a esse partido e não á minha familia — nem a mim, pois nunca lhe pedimos favor algum, ia ser utilisada, em virtude de tal proposta, para me esmagar e aos meus!...

Devia eu, republicano intransigente, na impossibilidade demonstrada no principio d'esta carta de aproveitar essa influencia em favor do meu partido, deixa-la como arma nas mãos de inimigos meus?

Não deveria eu, no mais rudimentar e legitimo direito de defesa, arranca-la dessas mãos hostis, deixando-a ir para individuos que não me perseguissem e pelo contrario me respeitassem, sem offensa á minha inteira e absoluta liberdade de republicano?

Se o partido republicano não poude ou não quiz utilisa-la, como offereci, onde é que offendi os seus interesses, tornando essa influencia inoffensiva para mim?

Em quê?

Responda, pois, o meu partido, — o republicano — que a outro não dou eu satisfação dos meus actos.

De V. Camarada e amigo,

Malva do Valle.

S. Silvestre, 22-3-1906.

*

Nada teem os republicanos que responder ao nosso correligionario, visto que o não atacaram, e porque sabem bem que podem contar incondicionalmente com a sua lealdade e fé revolucionarias.

Por nossa parte apresentamos ao sr. Dr. Malva do Valle a homenagem da nossa admiração e respeito por uma vida toda consagrada á propaganda da Idea Republicana, feita com muitos sacrificios e com muita honestidade.

A PATRIA e a imprensa

A todos os nosssos collegas que tiveram para nós excepcionaes palavras d'amabilidade e incitamento, fazendo-nos referencias por demais elogiosas, a expressão sincera do nosso agradecimento e camaradagem.

A todos, muito obrigado.

De Lisboa

23 de março

A semana foi fertil em acontecimentos.

A queda do sr. José Luciano, que viera substituir o sr. Hintze Ribeiro, e a ascenção ao poder do sr. Hintze Ribeiro que vem agora, a curto praso, substituir por sua vez o sr. José Luciano, constituiu, sem duvida, o facto culminante dos ultimos oito dias. Sobre este caso porém, já estão feitos todos os commentarios. Mais do que nunca a similhança que offerece a politica constitucional portuguêsa com uma nora, se tornou tão palpavel que não ha moço de fretes a quem não lhe occorra a comparação flagrantissima. Ao que parece, porém, o alcatruz progressista, já velho e combalido, quebrou-se e não tornará a funccionar. Indigita-se já para o substituir o sr. João Franco e a sua phalange aguerrida de paladinos das liberdades, moralidades e mais especificos de que urgentemente necessita o organismo adoentado da publica governação. Se assim fôr, como é de esperar da logica dos factos, incluindo na mesma logica a reconciliação publica e solemne, com apertos de mão carinhosos, dos srs. Hintze e Franco, atado á corda do rotativismo, em breve veremos descer ao poço governativo este ultimo cavalheiro. O sr. Alpoim, ao que parece, é que terá de contentar-se em ficar á borda, como o caracol de que falla a cantiga. Ha quem diga que S. Ex.ª pensa em recolher-se á privada, na Rêde. Em tal caso não será conveniente que os ruidos dos futuros acontecimentos politicos alli vão perturba-lo. Em naturezas sanguineas como a de S. Ex.ª são sempre prejudiciaes essas perturbações extemporaneas.

A situação do paiz, em face dos ultimos acontecimentos é que se torna curiosa. Interrogado sobre o regimen politico em que vive, o paiz responderia como aquelle doente d'um hospital militar a quem perguntavam que tal era o tratamento da casa. Bacalhau com batatas, respondia invariavelmente o homem. — — Sim, mas para variar? insistiam. Aos domingos, por exemplo? E o homem, depois de pensar um bocado: — Aos domingos... para variar... batatas com bacalhau.

Fóra da politica, mas ainda como manifestação da influencia da mesma politica nas questões d'Arte, temos a nomeação do Sr. Dantas para commissario regio do theatro normal.

Não ha ninguem que não conheça o sr. Dantas, a sua *Severa*, o seu *Serão nas Larangeiras*, e o apregoado mimo litterario, que faz as delicias de meninas sentimentaes, onde um velho portuguez que para demais é cardeal, lança sobre a virilidade da classe ecclesiastica e dos lusos valorosos, o labeo infamante de que a raça portuguêsa necessita para o desempenho cabal das suas funcções amorosas, do apregoado Vigorisador Electrico do dr. Mac-Laughlin. Todos conhecem, pelo menos de nome, o *Nada*, as suas pustulas verdes, os seus esqueletos, as suas danças macabras em português de D. Affonso Henriques, que armou em Baudelaire nacional o esperançoso litterato de vinte annos, recemchegado para a litteratura patria das camaratas do Collegio Militar. Para quem o conheça dos retratos, perfil de torturado, olhos negros e fundos, cabelleira ondeada e azevichada d'homem fatal e predestinado — cumpre dizer que o sr. Dantas já não é o que «era d'antes», no tempo de «O que morreu d'Amor», e dos seus primordios funereos. Continua sendo «um bonito rapaz», mas usa farda, cortou o cabello em obediencia aos regulamentos e, não raro, passeia a cavallo na Avenida, para o que, diga-se de passagem, tem pouco geito. Quer dizer — o sr. Dantas «*desfunebrisou-se*» e consagrou-se definitivamente. Deixou o genero triste e tem-se dedicado, com successo, ao genero brejeiro e «fresquinho». Na *Severa*, por exemplo, elle que toda a gente julgava um casto, mostrou conhecer a fundo «a porca da vida» e no *Serão*, mostrou saber da «vida galante».

Hoje é medico, progressista ortodoxo, ex-deputado, e amigo do sr. Augusto de Castro — que, ao que parece e se diz baixinho no Suisso, é, nem mais nem menos, do que o Ibsen disfarçado em sobrinho do sr. José Luciano. Já ha muito tempo se dizia tambem que o sr. Dantas era o Shakspeare, especialmente depois de elle ter feito umas emendasitas no rei Lear do outro, do inglês, levado á scena em D. Maria, ultimamente, com a Angela a fazer de princeza e a mandar tocar «theorbas e clavicordios» que até parecia mesmo que gritava: — Eh! rapazes! vá lá o faduncho e repeniquem-me os arames!» De maneira que, entre Ibsen de Castro e Dantas Shakspeare, o logar de fiscal da arte dramatica portuguêsa foi naturalmente adjudicado ao mais velho.

Mas os regulamentos do theatro não permittem que se ponham em scena peças do commissario. Estava, portanto, a arte codilhada e, no vestibulo, o busto de Garrett chorava inconsolavel, por tal fatalidade. Obviou-se á desgraça, promettendo o snr. Castro que enchia toda a epoca com peças suas e o busto lá ficou mais consolado. O papel d'este busto tem sido sympathico. Ao ter conhecimento da nomeação «do Julio» — que é como elle o trata — chorou tambem, de pura commoção e de pena de não ter braços! Suppõe-se que seria para abraçar o collega...

Agora o que nos parece é que o snr. Castro não terá forças para cumprir a promessa. Dizem-nos amigos intimos que elle trabalha afanosamente para esse fim. Em mangas de camisa, sentado á secretaria, noite e dia S. Ex.ª, locubra. Já mandaram deitar ráspa de sola na rua para que o ruido dos trens o não perturbe. E, ao mais ligeiro barulho domestico, Castro levanta-se, vae á porta e grita irado: Não façam barulho, que eu estou a produzir!

Em noites de nevoeiro denso, permitte-se uma folga. Vae ao Terreiro do Paço e passeia, mergulhado na bruma alvacenta que sobe do Tejo, ao longo da muralha, interminavelmente. Diz-se que é para ter impressões da Noruega.

Quem, no emtanto, passa alta noite no Rocio, á hora em que as carroças do lixo põem a nota poetica do tilintar das suas campainhas e do fedor dos seus caixotes nas ruas da cidade adormecida, vê, em frente do theatro, uns vultos gritando lamentosamente, braços ao ceu, cabelleiras ao vento: *Lasciate ogni speranza, ó voi, d'entrare!*.

São os dramaturgos incipientes que choram magoas fundas!

Timido

Passeio d'um rei muito amado

Ao longo da estrada por onde deviam passar os automoveis, dum e doutro lado, o povo apinhava se curioso. Estava lindo o dia, d'um ceu muito azul.

Em frente da real tribuna, levantavam-se palanques onde se divisavam perfis graciosos de mulheres bonitas, bandas militares entoavam marchas guerreiras, foguetes estralejavam.

Grupos espalhados á sombra das arvores, estendida a toalha branca de linho, merendavam. A corrida devia começar d'ahi a pouco; não tinha chegado ainda o snr. D. Carlos que promettera assistir.

Para lá do Reguengo, até Lisbôa, de dez em dez metros, guardas vigiavam a estrada, não houvesse algum subdito mais expansivo em amorosas manifestações, que perturbasse a serenidade d'aquelle passeio.

Por volta do meio dia uma girandola mais comprida de foguetes e o hymno da carta tocado pelas bandas annunciam a chegada da familia real, e toda aquella multidão, de mais de dez mil pessôas, fica immovel e calada, não fossem os seus gritos d'enthusiasmo despertar enxaquecas em privilegiadas cabeças.

E durante aquellas duas horas que se gastaram nas corridas, D. Carlos gosou serenamente o carinho e o amor com que o seu povo o recebeu e que manifestava no seu respeitoso silencio.

E revolta grandemente o facto dos jornaes da opposição, á falta de assumpto, que o não dá o nosso esplendido estado economico, forjarem noticias como esta de ter o povo feito grande barulho com vivas, unicamente para arreliarem sua majestade, porque demais sabem elles que de manifestações nada houve porque o povo sabe bem que dellas não gosta o rei.

Como bôas testemunhas e como fieis e respeitosos subditos que somos, aqui deixamos consignado que nada houve de manifestações, porque D. Carlos assim o quiz.

Centro Republicano Academico

O comicio que este grupo tinha resolvido realisar hontem, domingo, em Santarem, ficou adiado para uma epocha mais proxima das eleições.

Alem dos estudantes republicanos que nelle usarão da palavra, falarão os snrs. Dr. Guilherme Godinho, e o operario snr. Avelino de Sousa membro da commissão municipal republicana d'aquella cidade.

* * *

Na ultima reunião deste centro realisada no sabbado foi resolvido lançar na acta um voto de confiança ao Snr. Dr. Malva do Valle, tendo a este proposito usado da palavra alguns estudantes que fizeram salientar a bella obra de republicano realisada por aquelle illustre correligionario.

Na acta foi tambem lançado um voto de sentimento pela morte do Dr. Barbosa de Andrade e proposto que da parte da acta referente a este caso se enviasse copia ao pae do nosso fallecido correligionario.

Outras resoluções foram tomadas, de natureza secreta.

* * *

A conferencia que o Snr. Dr. Malva do Valle tencionava realisar, por iniciativa do Centro Republicano Academico, no Centro José Falcão, foi adiada, realisando-se em dia que será opportunamente annunciado.

Para purificar o sangue

Sob este titulo, o jornal catholico, *A Palavra*, num dos seus ultimos numeros, dizia que o unico remedio conhecido para estimular e dar vigor ás funcções vitaes era o *Extracto composto de Salsaparrilha do Dr Ayer*. Queremos acreditar, mas nesse caso perguntamos á *Palavra*: Para que serviem então as milagrosas aguas de Lourdes?

Falta d'espaço

Por absoluta falta d'espaco somos obrigados a retirar alguns artigos, do que pedimos desculpa aos seus auctores.

TRIBUNA DOUTRINARIA

Funcção legislativa

UNIDADE E DUALIDADE

Examinando as Constituições dos principaes Estados modernos, noto com pezar que todos attribuem a dois corpos legislativos a funcção de reconhecer o Direito.

E' uma questão muito debatida a da dualidade das camaras, ninguem ignora. Mas o que me assombra é o sistema de argumentação confuso, illogico no qual se apoiam os estadistas, tratadistas, professores para defender uma tão complicada organisação do Poder legislativo.

Em cada civilização certas idéias e principios predominam sempre sobre todos os outros. Na antiguidade classica foi o principio theocratico que imprimiu caracter a todas as instituições. Idéas feudaes e idéas monarchicas prevaleceram na Edade Media. Porém, a feição caracteristica da epocha moderna deriva do principio democratico servir de directriz para todas as reformas politicas.

Sendo esta, acentuadamente, a corrente actual de orientação politica, a pouca attenção prestada pelos publicistas de Direito Constitucional a esse phenomeno de idéas forças, lançou-os naturalmente no imperdoavel erro de considerar legitimo o desdobramento da funcção de reconhecer o Direito por duas camaras distinctas e hierarchisadas que nem theoricamente, e, menos ainda pratimente, no ponto de vista puramente legislativo, têem justificação acceitavel.

Afasto-me por momento do campo da philosophia geral do Estado, e, convergindo a minha attenção para a organisação politica d'aquelles paizes que me inspiram particular simpathia como os Estados-Unidos, a França, a Suissa, republicas democraticas e sociaes, sinto amargamente que em tão fecundas e progressivas nações, vigore o systhema bicameral, verdadeira incoherencia á face das idéas democraticas puras.

Durante todo um largo e movimentado periodo da Historia humana, nasceram e floresceram muitas especies de republicas. Houve republicas patricias e plebéas como outr'ora em Roma; republicas oligarchicas, como a de Venêza; republicas aristocraticas, como a de Polonha; republicas theocraticas ou sacerdotaes, como o governo de Roma sob o papado. Mas republica democratica é um producto logico da evolução social contemporanea. Porque não reconhece nem a tirannia d'um pequeno numero de governantes, nem aristocracia investida do privilegio de governar exclusivamente, nem castas superiores ou inferiores em auctoridade a outras castas. Porque admitte e legitima soberana sómente a vontade do povo, não do povo terceiro estado, mas sim da nação na sua generalidade a mais completa abrangendo todas as classes, todos os modos de existencia, de situação, de profissões

Ora o traço caracteristico, fundamental de todo o governo democratico, é a participação geral dos cidadãos aos direitos politicos, cujo exercicio, não se podendo effectuar directamente por motivos de facil intuição, realisa-se por meio da representação.

Sendo, porém, a representação moderna totalmente differente do systhema antigo de representação, do medieval por exeemplo, no qual o direito de enviar representantes á assembleia dos Estados pertencia só a certas classes privilegiadas, transformando-se aquelles em submissos mandatarios dos interesses d'estes; presidindo hôje á escolha de representantes o voto consciente do povo como unidade organica, depositaria da soberania; os deputados, nos modernos estados democraticos, representam a nação sendo defensores dos seus interesses geraes.

Pois muito bem. Esta theoria é scientificamente perfeita? E', não ha duvida. Então apéllo para a verdade do principio e pergunto se a segunda camara, camara alta, camara privilegiada póde ter base juridico-politica pela qual se possa fundamentar. Não certamente. Porque a soberania é una e indivisivel. Não se concebe que a nação tenha mais de uma vontade sobre o mesmo assumpto.

Como se comprehende, pois, uma camara alta? Por uma razão historica? Mas o culto servil do passado é um elemento que retarda o progresso das instituições e a imitação da Inglaterra tradicionalmente parlamentar pelas democracias puras, só por um desnorteamento intoleravel do espirito do Estadista se póde explicar.

Será a segunda camara para exprimir as aspirações, os sentimentos, os direitos, d'uma aristocracia no seu sentido technico, de corpo privilegiado? Quem acredita hoje em aristocracia! A aristocracia é uma *blague*. Ella não tem prestigio, falta lhe força moral bastante que justifique uma correlativa auctoridade legal propria.

A camara alta formará um centro de pessôas mais esclarecidas e mais capazes? Uma razão politica d'esta ordem é um paradoxo á face da verdadeira noção juridica da representação. A eleição moderna não é uma delegação de poderes mas uma designação de capacidades. E' uma certa conpetencia governativa que se requer nos candidatos. De maneira que assim uma unica camara ha de exprimir necessariamente a elite intellectual do meio politico d'uma nação num dado momento.

Por qualquer lado, pois, pelo qual se encare a questão, um segundo corpo legislativo, Senado ou Camara dos Pares, enferma da falta de condições juridicas de defeza. E' simplesmente um luxo decorativo e superfluo, perturbador e inutil para o cabal e prompto desempenho da funcção legislativa.

Fazer leis é a fundamental attribuição das camaras. Abstrahindo, porém, o seu elemento formal, exterior, as leis na sua essencia, no seu objecto real são a manifestação organica da vida dos povos, a expressão das suas necessidades, do seu caracter, dos seus sentimentos. A assembleia legislativa é o interprete do espirito publico. O seu cuidado constante é investigar as transformações da consciencia popular e provocar uma nova elaboração juridica visando a supprimir os erros e as lacunas do Direito existente.

Um poder com tão graves responsabilidades deve ser rapido e simples no seu processo de exercicio. Ora uma segunda camara retarda e impede a celeridade no trabalho de formação e desinvolvimento juridico.

As Camaras francezas promulgaram recentemente a lei da separação da Egreja e do Estado, d'um consideravel alcance moral e democratico. A sua execução fecunda em resultados para a emancipação das consciencias e laicisação dos costumes, que devia ser immediata, foi, porém, atrazada pela existencia do Senado. Tambem a lei, ha dias votada na Camara dos Deputados sobre as aposentações operarias, d'uma efficacia social extraordinaria e tão profundamente humana vae agora á discussão do Senado.

Aqui está uma falsa segunda vontade nacional a manifestar-se sobre o mesmo problema, e nada mais absurdo. Não. Um segundo corpo legislativo não tem justificação plausivel porque lhe falta base juridica solida em que se assente, e as democracias, não admittindo classes investidas de privilegios politicos, são incoherentes reconhecendo uma instituição que parece dár autonomia organica ás classes sociaes determinados como fundamento a uma representação feita á sua imagem.

Uma só Camara deve ser a sinthese suprema da representação nacional, e desde o momento em que a escolha dos seus membros se faça escrupulosamente pelo principio da selecção dos melhores e mais capazes, haverá interesses diversos em conflicto, todas as *nuances* de opinião, discussão reflectida dos competentes, dabate esclarecido e profundo, exame technico e cuidadoso, todo um methodo intimo de trabalho parlamentar que assegure leis fundamentalmente perfeitas.

Alberto Xavier

Barbosa d'Andrade

Falleceu ha dias em Vizeu o nosso correligionario Barbosa d'Andrade, uma das mais bellas figuras que nos legou a forte geração de 90.

No meio da maior agitação, fosse ella uma assembleia da Academia ou a vespera d'uma revolta, elle era sempre o mais severo e o mais reflectido d'entre os seus camaradas, na maioria irrequietos e romanticos.

Como estudante foi um dos que no seu tempo mais guerra fizeram ao foro universitario e como homem elle teve uma vida cheia de intelligencia e de sacrificios pelo partido republicano.

Pela proposta do nosso querido correligionario Dr. Affonso Costa, Barbosa d'Andrade era, como todos os correligionarios do grupo de 1890, socio do Centro Republicano Academico.

Por isso e porque o merece toda a sua vida de propaganda revolucionaria, sobre elle o nosso jornal publicará no proximo numero um artigo de Antonio José d'Almeida.

A todos os seus a expressão muito sentida do nosso pezar.

Livros e publicações

José Augusto de Castro

Os Rebeldes.

Recebemos este interessante livro, do nosso collega d'*O Combate*, a quem agradecemos a sua amabilidade.

E' uma excellente brochura de 202 paginas em bom papel e em linda edição da imprensa de Libanio da Silva, de Lisboa.

Breve lhe faremos a nossa apreciação.

Pontos de vista

Arte

Na arte Malhôa e Columbano são dois polos. Elles (um alegre e cheio de vida e sol, outro monotono e triste) condensam os dois extremos da alma portuguêsa que fez, cantando alegremente, a canninha verde e, chorosa e dolentemente, se esvaece no fado triste que as trevas do mar nella inspiraram.

Malhôa, o pintor das telas quentes, palpitantes de sol, viaja a sua inspiração por bailados e romarias d'aldeia desenhando varios typos e fixando a variedade dos pittorescos locaes em que é tão rica a nossa forte Beira. Puramente nacional, sem ensinamentos extranhos que tenham abastardado a sua arte, estrangeiro a Bretanhas quisilentas, o seu pincel manifesta-se cada vez mais analysta e mais sobrio na representação fiel da nossa terra e do nosso ambiente. Busca sempre entre a variedade de casos da vida campestre, os passos alegres, as bonhomias sympathicas da vida do nosso povo. Um leve humor alegra por vezes os seus quadros; um humor facil de homem simples a quem a natureza absorve e extasia. São assumptos triviaes que a sua mão de artista nobilita, casos mingues de interesse que a sua alma enternecida toca d'uma ligeira bonhomia critica. A sua pintura é cheia de côr e ha quadros onde a reverberação do sol é tão intensa que a um observador demorado decerto produziria ophtalmias! Pela alacridade dos tons, pela sympathia que o artista manifesta na exhuberancia cantante da côr, podemos suppôr o seu coração fortemente banhado por caudaes de sangue arabe, perdido em gerações portuguêsas.

Está-nos vindo á memoria a imagem do quadro — a volta da romaria — Um sol violento cahe d'um ceu azulado. Nem uma nuvem quebra a monotona claridade do azul e sob este sol ardente um homem bebado cambaleia, deixando atraz o burro philosophicamente trincando o que cahe dos alforges, já meio derrubados sobre o chão. Atraz duas raparigas sorriem commentando o dançar do bebado. A fita branca da estrada estende-se lá para o fundo até á povoação banhada de sol, onde grupos de gente se amontôam. E' tão natural, tão trivial, que assombra como o pintor conseguiu ainda arrancar-nos a admiração com caso de tão pouco interesse.

Um outro. O barbeiro na aldeia — é tambem interessante pelo assumpto, mas principalmente querido pelo saber com que é soberanamente feito. E tantos outros!

Apezar de tratar mais vulgarmente assumptos ao ar livre, tambem affirmou o seu forte pulso na representação de scenas a luz difiusa, e, tão magistralmente o fez, que se impôz d'uma forma inconfundivel.

No quadro — Os oleiros — manifestou bem quanto era variada a sua paleta e malleavel o seu talento.

Podiamos citar duzias de quadros, porque a sua obra é já vastissima e não traz cançaço a vista das suas pinturas, porque sempre alguma coisa de novo nos vem espevitar o interesse e alimentar a curiosidade. O seu pincel raras vezes tem tocado o drama. Quando o aborda, o toque fiel da pintura liga-se tão de perto á emoção dramatica que a obra d'arte vem sobraçar-nos os sentidos e, dominando-os, lança-los na dôr que o quadro fixa.

E', como expressão dramatica, soberbo, sob este ponto de vista, — o julgamento do Marquez de Pombal.

Extranho é que o pintor que ama o sol e de quem toda a obra é luminosa, fosse buscar na vida do soberbo Marquez a parte mais sombria e triste, essa queda tão desastrada que o coração dos mais duros se confrange ao ter de a reconstruir.

Que má hora passaria o pintor para escolher tal assumpto? Que desalento o faria tratar com tanto amor esta desalentada hora da vida do Marquez? Afóra esta pintura dolorosa tudo representa vida, sol, alegria.

Columbano é taciturno e sombrio.

Malhôa é o pintor da vida externa, Columbano o da vida interna. Todo o português a sós com o seu pensamento é sombrio e triste.

O português é bem o homem das multidões.

O barulho, a algazarra, a multidão, tudo isto faz emergir no lusitano a alegria de viver, mas, se solitario o collocarem, morrerá de tedio suicidando-se lento e lento na tristeza sombria do seu pensamento. Raras vezes o português é como solitario um alegre; ahi está para o attestar a nossa parca litteratura humoristica.

Columbano como português é triste, como artista é um solitario e um cerebral. A toda a sua obra communica o sombrio pesadello que o esmaga. Nos retratos sente-se bem fortemente, acima da psychologia do retratado, a sua propria, cobrindo d'uma tristeza profunda os traços physionomicos do modelo. Bem fulgurantemente se pode confirmar esta observação attentando no retrato de Anthero de Quental. Este quadro foi um dos que mais reputação trouxeram a Columbano e o que, no dizer dos criticos, realisava a expressão maxima do que a pintura pode com elemento poderoso de dissecação d'almas. Disse-se que se não é a representação fiel dos traços physionomicos de Anthero é a exacta physionomia do genio quando na realisação dos seus magistraes sonetos.

Deve ser aquella, accrescentava-se, a expressão de Anthero quando a inspiração o visitava, quando a sua alma toda se evolava em estrophes immorredoiras.

E no entanto parece-nos que uma analyse demorada á obra do pintor fará uma clareira no nosso raciocinio, onde se poderá ver á luz clara que o que menos existe no retrato é a personalidade de Anthero. A expressão sombria, a face alterada allucinadamente, de olhos assombrados, é mais da physionomia moral de Columbano do que d'aquella creatura ingenua e boa, alma de creança e de santo, que dizem ter sido Anthero.

A alma de Anthero não cabe nem se amolda ao retrato que Columbano para ella fez.

O que, além da immaterialidade das linhas, o retrato fixa é mais da alma solitaria do pintor que do poeta.

Columbano é uma individualidade muito poderosa para não vincar com a sua maneira de ser toda a obra que lhe sahe das mãos.

Se percorrermos toda a obra de Columbano, intensa e forte, não encontraremos recanto ameno onde descançar a cabeça fatigada do sombrio do tom das suas telas e da alma triste que as anima.

A' laia de balanço final podemos terminar dizendo: — Malhôa faz-nos sorrir; Columbano faz-nos pensar.

Thomas Vireloque.

Como se governa na França

Na republicana França onde os ministros não costumam esquecer as suas affirmações, feitas a quando fora das funcções governativas, e procuram realisar sempre os seus programmas de governo, deu-se ha poucos dias um caso interessante e que é bom relatar para estabelecer confrontos.

Foi o caso que tendo os operarios de Courrières, depois da estupenda catastrophe que enlutou aquella região, declarado a greve para alcançarem dos patrões augmento de salario, Clemenceau, pela gravidade que revestia o caso nesta occasião, foi pessoalmente conferenciar com os obreiros, intervindo assim immediatamente na procura de remedio áquella situação.

Como os operarios estão divididos em dois grupos, o conservador sob a chefia de Basly, e o anarchista, o ministro entendeu ouvir isoladamente as razões d'um e d'outro.

Foi assim que tendo tido uma conferencia com os operarios conservadores no gabinete do *maire*, foi elle mesmo em pessoa á sede da Casa do Povo, só, sem escolta militar, nem comitiva.

Chegado ahi, convidado pelos obreiros que se encontravam reunidos, elle expoz d'uma maneira succinta e clara a sua maneira de ver sobre o modo por que elles deviam exercer o seu direito de greve.

Escusado será dizer que foi extraordinariamente applaudido.

— E' assim que os ministros governam em França; por cá, o illustre policia Veiga intimaria os operarios a trabalhar ameaçando-os com um amavel passeio até Timor.

Não comprehendemos

A Era Nova extranhou que achassemos bem o sarau que brevemente deve realisar-se em Coimbra e cujo producto reverterá em favor das familias das victimas de Courrières.

Não comprehendemos a extranheza num jornal que se diz inspirado por um ideal humanitario e que devia coherentemente applaudir todo o intuito sentido de attenuar a espantosa catastrophe que teve logar n'aquella região mineira.

A nossa democracia não nos leva a gostar de dançar o vira em homenagem a uma desgraça, porque esperamos do bom senso das pessoas que o promovem, que elle será constituido d'harmonia com o facto que o motiva. O *anarchismo* incipiente da *Era Nova* é que parece fazê-la dançar o vira em deshomenagem á logica.

Influencia social do clero

Sob este titulo o nosso companheiro e correligionario Joaquim José d'Oliveira, começará a publicar no proximo numero d'este semanario uma serie d'artigos que teem a excepcional importancia dum depoimento consciente e intelligente. O nosso querido amigo fez o curso do seminario de Braga, onde teve das maiores classificações.

Cada artigo é, pois, um precioso documento. Aos nossos companheiros, que ainda não pensaram tres vezes nessa estupenda permissão da matricula em direito aos individuos que apresentem certidão do 1.º anno de theologia, pedimos que reflictam sobre a situação.

Não se trata aqui somente dos interesses ameaçados duma classe, mas do presumivel predominio do padre na Universidade d'amanhã e da presumivel invasão pela sotaina das repartições publicas e consequente usurpação da auctoridade civil pela auctoridade religiosa.

E' para nós, estudantes, um verdadeiro *casus belli*; e para os estudantes de direito, que não tenham por mira unica passar no fim do anno e queiram olhar o futuro, é um verdadeiro pesadello.

Aos nossos collegas republicanos, especialmente, e a todos os diarios liberaes, a quem escapou a importancia enorme da medida que combatemos, pedimos que emprestem a larga publicidade e competencia de que dispoem, a esta causa, certamente mais instante e de mais graves effeitos para o paiz do que a eleição ou não eleição do sr. Alpoim para chefe do esfrangalhado e vinte vezes apostata partido progressista.

RAPSODIA

O revolver d'um padre

Os diarios traziam na quarta feira passada o seguinte telegramma:

«Paris, 20, ás 11 n. — Hoje, em Nancy, á sahida dos officios da basilica, um grupo de 50 mancebos capitaneados por um padre encontrou-se com outro grupo de livres pensadores, sobre o qual disparou tiros de revolver que attingiram um d'elles, ferindo-o gravemente.»

Constitue o caso um dos muitos incidentes que teem acompanhado o inventario das egrejas, uma vez posta em execução a lei da separação da egreja e do Estado. Incidentes d'esses são, de resto, a consequencia natural de toda a acção revolucionaria — e a execução da lei da separação é verdadeiramente uma acção revolucionaria, desde que não se dê á expressão o sentido pejorativo que lhe costumam dar o padre cura e o meu amigo D. Commodo. Essa lei cahiu, como uma clava de fogo, em cheio, sobre a tyrannia religiosa que pesava ainda no coração da França. Essa lei foi lesar interesses adquiridos, situações creadas á sombra d'essa tyrannia, e por isso essa lei despertou e desperta da parte da Egreja uma resistencia que não se poderá de boa mente chamar evangelica. Os diarios teem trazido a narrativa dos muitos casos picarescos a que tem dado logar a aliás branda, quasi timida, applicação da lei.

Sendo assim, reconhecido que o caso é apenas um incidente lamentavel, de natureza esporadica, perfeitamente dentro da logica dos acontecimentos, parecerá que uma gotta de tinta gasta a fazer-lhe uma referencia ou um commentario é absolutamente inutil e perdida.

Depois, chegados — como diz solemnemente, duas vezes por semana pelo menos, o artigo de fundo do *Noticias* — ao estado positivo, em que os padres são simplesmente uma sobrevivencia e as superstições de toda a especie não são mais admissiveis, toda a discussão, todo o estrondo que se faça em volta de religiões e metaphysicas é redondamente, puramente — um coaxar de rãs.

Por isto tudo parecerá que estamos malbaratando o tempo, que melhor poderiamos empregar em aprender viola, o que nos facilitaria uma viagem de borla a terras d'Hespanha, e acaso um terno olhar de qualquer menina romantica, amante do fado e do luar, e que fosse menos exigente em esthetica e mais pertenças.

Eh! lá! Os senhores conhecem a provincia? conhecem a mulher?

Alguma vez viveram na aldeia e sentiram o pranto queimar-lhes os olhos ouvindo os camponezes fallar do abbade como d'um deus ante o qual as proprias montanhas se prosternam e do qual dependem inteiramente a chuva e o sol, a colheita do pão e do vinho, a saude e a felicidade de todos?

Acaso os senhores alguma vez sentiram a garganta rouca de colera contra essa cohorte de sombras, que, na phrase lapidar de Salmeron, «hypothecam o céo para explorarem a terra»? Acaso já aspiraram o perfume da sachristia e já sentiram nas faces o bafo do confessionario?

Acaso os senhores teem na familia mulheres que pelas palavrinhas doces d'um padre desprezem todos os conselhos dos seus, todas as necessidades do lar, todas as alegrias da meza? que continuamente tragam no olhar as fogueiras infernaes de que o padre lhe falou em termos apocalypticos e se neguem a dar um beijo num irmão porque esse beijo acarretaria sobre ellas a maldição eterna?

Se alguma vez qualquer d'estas enormes desgraças vos suffocou, comprehendereis a quasi delicia, a quasi volupia com que eu quero mostrar, aos que porventura queiram ler e emancipar-se, esse padre que ataca homens a tiros de revolver.

Oh! Esse revolver vale bem por todo um tratado da razão. Esse revolver, porque é o instrumento da intolerancia e da morte, manejado pela mão d'um padre, que só deveria saber abençoar e perdoar, é a mais forte catapulta que podiamos assestar contra a velha, contra a grande Bastilha — a Religião.

Ficareis sabendo, homens de boa fé, como essas angelicas creaturas que vos vão prégando, entre gestos de bondade e de seducção, o bem, a virtude, a renuncia, a paz, a harmonia, o amor ao proximo, a indulgencia, o perdão, ficareis sabendo como ellas entendem o bem e a virtude, como praticam a renuncia, como querem a paz, como procuram a harmonia, como comprehendem o amor, a indulgencia e o perdão.

Lembro-vos a theoria sustentada pelo papado desde o edicto de Milão e ainda ha pouco apregoada e consagrada mais uma vez na encyclica dirigida pelo actual papa ao clero francês. A humanidade compõe-se de duas partes: os pastores e os rebanhos. Os primeiros mandam, os segundos obedecem. Os primeiros não conhecem senão direitos, os segundos não conhecem senão deveres. Os pastores vivem na luz, na graça e na abundancia. Os rebanhos vivem na sombra, no peccado e na dôr, e jámais pensem em rebellar-se para se libertarem da sua condição, porque logo Deus mandará sobre elles o anjo do exterminio.

Percebeis?

Esse padre não faz mais do que applicar a theoria. Os rebanhos declaram-se em rebellião e elle considera-se o anjo enviado pelo Senhor para exterminar os herejes. Não é um caso esporadico. Enganae-vos se julgaes que esse padre é o unico ou é dos raros que recorrem a meios violentos. Desde o baptismo que nós somos catholicos pela violencia. Esse padre é o producto do meio, é o molde talhado pela instituição.

Todos são assim. Travae qualquer disputa com o padre. Vós vereis a cada palavra o braço d'elle erguer-se na ameaça d'um murro.

O padre é, por obrigação, não só militante, mas intolerante.

Esse padre, descarregando sobre um grupo de irmãos tiros de revolver, é um symbolo e é uma lição. Esse padre, esse homem, falla em Deus só para opprimir e matar o homem. Usa de Deus como usou do revolver.

Antonio Granjo.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em

LISBOA — Tabacaria Monaco.
Kiosque Elegante (Rocio).

PORTO — Kiosque da Praça D. Pedro.

BRAGA — Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos.
Casa Elyseu da Silva, rua Larga.
Kiosque da Praça 8 de Maio.

SANTAREM — Bernardo José Vianna.

CHRONICA

(As opiniões do meu visinho)

Eu móro n'uma hospedaria. E' inutil explicar as razões do facto. Certo é porém, que, ha já uns annos, vivo modestamente no segundo andar d'um predio d'azulejo, n'uma rua escondida da cidade, onde não passam trens, não se ouve o tilintar agudo das campainhas dos electricos, e só a espaços, nas tardes somnolentas e calmas, quando gatos sonham ao sol estendidos nos passeios, o som dolente d'uma gaita d'amolador ou o pregão nostalgico e longiquo do homem dos *abat-jours*, põe uma palpitação de vida na paz amodorrada do bairro.

Gosto d'aquella serenidade. O meu quarto tem uma janella larga d'onde se vê o rio. A casaria branca da Graça e do Monte, estende-se docemente em amphytheatro a meus pés, até se confundir mais longe, com a massa pesada dos barracões da alfandega.

De baixo vem o ruido indistincto e vago do movimento e da vida das ruas e é grato a meus olhos e á minha alma, nos dias de muito sol e muita côr, sentar-me n'uma grande cadeira de verga, em frente á janella aberta, olhando adormecidamente a tremulina azul do calôr dos montes da Outra-Banda, o vôo lento e branco das gaivotas, as velas de faluas que passam devagar n'uma esteira luminosa de espuma e o pennacho de fumo do vapor de Cacilhas.

E, se nesse momento, oiço as quatro notas doces do *amolla-facas* ou a nostalgica voz do pregoeiro, então cerro os olhos de todo e continuo a ver o ceu azul, as gaivotas brancas e as velas de faluas, paradas e frescas.

Até que, já farto das côres constitucionaes, acórdo quasi sempre á hora do jantar e lá vou para a mesa palestrar com os meus companheiros de casa.

São sete cavalheiros muito agradaveis que estão sempre de accordo até em serem todos os sete nutridos.

Todos os dias, á hora do jantar, inquirem carinhosamente das saudes respectivas, sentam-se com um sorriso satisfeito, desdobram os guardanapos brancos lentamente, mechem a sopa com a ponta da colher para esfriar e comem-na em silencio. Depois conversam com methodo e com sobriedade.

Não teem politica e leem todos o *Diario de Noticias*.

Ahi se informam da guerra do Japão, que admiram immenso pela pericia dos seus generaes e pelo facto do seu povo não usar rabicho como sempre tinham ouvido dizer.

Ora eu estou á direita d'um baixinho, gordinho e sorridente como os outros seis. De principio, nos primeiros tempos do meu ingresso no convivio de tão honestas pessoas, eu distingui o meu visinho dos restantes companheiros de mesa.

Era gordo como os outros, amavel como os outros, mas tinha um *não sei quê* de differente na expressão fina dos seus olhinhos pretos e brilhantes e sobretudo interessava-se pouco com os assumptos que despertavam a attenção commum. Tentei entabolar uma conversa que me permittisse sonda-lo, mas encontrei pela minha frente a impenetrabilidade dos sorrisos e das boas maneiras e, a pouco e pouco, fui esquecendo o meu interesse particular por elle.

Até que, ha poucos dias, eu tive occasião de, por um d'estes acasos imprevistos, travar mais intimo conhecimento com esse extraordinario homem que come sopa a meu lado ha perto de dois annos.

Eu tinha lido nos jornaes a historia d'uma princeza que fugira ao marido, tinha filhas já mulheres e por isso não tinha direito nenhum de fazer coisas d'essas.

E, como se dê o caso de eu ser muito demagogo, não gostar de princezas que fogem com esses cavalheiros que eu não conheço, succedeu que, nesse dia, á sobremeza, zangnei-me immenso e aproveitei a occasião para dizer mal das meninas ricaa. Fiz um grande discurso.

Fallei da educação mal orientada das mulheres da cidade, do meio artificial em que vivem, falta absoluta das mais elementares noções do que eu chamava indignado «uma verdadeira e sã moral». Fui muito inconveniente e chamei ás senhoras *manequins walsistas*.

E, como os meus ouvintes eram todos provincianos eu passei a louvar a provincia. Disse a simplicidade dos costumes, a pureza d'alma dos meios rudes, a ingenuidade, a bondade sincera da mulher que vive retirada dos grandes centros e que, concluia eu com convicção: «é a unica capaz de fazer a felicidade, d'um homem que a escolha para a companheira da sua vida.» Fui muito apoiado e um dos meus amigos, natural da Beira-Baixa, declarou commovido que eu lhe tinha tocado o coração.

E, foi então, quando eu gozava o meu triumpho e a certeza grata da minha eloquencia, que o meu visinho da esquerda se me debruçou sobre o hombro e me segredou:

— O cavalheiro não pensa o que diz. Deixe os sahir que eu lhe ponho essa psychologia a direito.

Entupi. Aquelle homem era um psychologo!

(*Termina no proximo numero*)

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson,* etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 7$000

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 8 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 2 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

BARBOSA D'ANDRADE

A figura de Barbosa d'Andrade era original.

Physicamente era espesso e de movimentos enfastiados como se lhe corresse nas veias um antigo sangue fidalgo. Arrastava vagamente uma das pernas, de maneira que, marchando, dava os ares de um velho ganso apedrejado. Os olhos eram de myope, e, como a testa era abaulada e as sobrancelhas abundantes, quando olhava, tinham sempre a attitude prescrutadora de quem indaga. Dir-se-hia que só olhava para vêr ao longe. O espaço intermediario ficava na penumbra, como nas projecções electricas só brilha e scintilla a parte em que bate de chapa o feixe luminoso.

Intellectualmente era a mesma coisa. A sua intelligencia sobretudo imaginativa não tinha o feitio cortante dos cerebros criticos. Era cadenciada, de movimentos calmos, que se desenvolviam numa harmonia rara, deslumbrando n'uma serena inundação luminosa. Mas quando era preciso insinuar-se pelos meandros da argumentação ou collear-se pelas saliencias e reintrancias de um raciocinio, ella não attingia em poder analytico o que possuia em vivacidade e em brilho.

Barbosa via longe, mas, repito, nem sempre via tudo o que ficava de permeio, entre o seu espirito e o ponto illuminado pela rutila projecção intellectual. As grandes intelligencias têm d'estas falhas.

Ao primeiro aspecto não parecia ser assim, porque Barbosa transferia com felicidade o seu ponto de vista de um para outro lado do problema. Mas era preciso, e d'ahi a explicação da contradicção apparente, que o assumpto fosse vasto e sobretudo fosse vago. Então os movimentos, sendo largos e faceis, pareciam tambem rapidos e precisos. E' o que acontece a certas aves de azas muito compridas. No espaço amplo calculam a linha dos vôos, passando por onde querem. Reduzam-lhe o espaço e as suas azas tactearão, acabando, a tremular, por tocar a superficie da terra.

Ha outro rapaz da mesma geração coimbrã, já morto tambem, esplendida e forte cabeça, que me lembra agora para termo de comparação.

Era o brasileiro Francisco Bastos, poeta, critico, jornalista, orador, tudo emfim o que elle quiz ser.

A intelligencia d'esse era secca, nervosa, faiscante, trazendo á ideia certos cavallos da Arabia que, no latejar das narinas, no fuzilar dos olhos, no trepidar de toda a architectura, são, mesmo em repouso, o movimento que se contem, o salto que se concentra.

Esse era uma intelligencia de combate.

Barbosa lembrava, na esgrima da sua dialectica, um atirador de sala de armas, elegante, ponderado e artistico, lançando os seus golpes com uma pompa de gentil-homem.

Bastos batia-se sempre *sobre o terreno*, e se, por vezes, o gume da sua arma riscava a areia, não era porque o bote falhasse, era porque, querendo metter a ponta da lamina o mais depressa possivel no alvo, seguia sempre o caminho mais curto, ainda que para isso houvesse de chocar com as pedras do solo.

D'ahi vinha a superioridade de Bastos nos conflictos das aulas, quando arcava, em pleitos de sciencia, com os cathedraticos. Egualmente d'ahi provinha a soberba exhibição de Barbosa, que, muitas vezes vencido pelos mestres, era surprehendente de brilho nas paradas da intelligencia coimbrã.

A comparação dos dois póde fazer-se, porque ambos elles, de uma bella cultura geral, eram em materia de estudos officiaes de uma ignorancia suprema, visto que nada estudavam.

Um dia vendo eu, n'um acto, Bastos em *corps-à-corps* com o Dr. Garcia, que, apezar do seu grande talento, parecia, na occasião, não saber mais do que o discipulo, que tudo ignorava, pensei de mim para mim: eis um guerrilha que se bate num desfiladeiro com a tactica de um general.

Vendo um dia Barbosa derrotado, num acto de philosophia, pelas argucias de um cathedratico impertinente, exclamei para commigo: eis um athleta que se vae um pouco abaixo das pernas.

Os dois eram muito amigos e viveram, como todos nós vivemos afinal, num intimo convivio revolucionario. Era-me facil, portanto, ve-los, a cada momento, em choque de opiniões e lançados na baralha da discussão.

Ao fim de pouco tempo, tinha concluido que o espirito de Barbosa era uma machina maravilhosa e complicada, fabricando ideias, produzindo pensamentos com intelligencia, com brilho e com arte. O pensamento mais banal sahia-lhe dos labios como um rajah da sua tenda: esplendido e soberbo nos seus velludos e nas suas pedrarias.

O espirito de Bastos era uma machina simples, solida e ligeira, produzindo ideias algumas vezes brilhantes, mas sempre fortes, sadias e dominadoras e que sahiam singelamente vestidas, mas trazendo, na linha sobria da esculptura, o cunho superior do espirito que as gerára.

E havia mais uma differença. Para fazer parar a machina intellectual de Barbosa, bastava encravar-lhe uma roda das suas complicadas e exhuberantes engrenagens. Para fazer parar a de Bastos, sempre impavida na sobriedade das suas molas, era necessario emperrar-lhe o volante.

D'esta differença fundamental de aspectos psychologicos, resultou a differença de influencias que os dois exerceram na mocidade republicana de então.

O pontificado intellectual perteneceu aos dois. Somente Bastos orientou e Barbosa illuminou. Na penumbra do horisonte, Barbosa, melhor do que ninguem, viu por vezes, num clarão, o ponto para onde era preciso marchar. Mas era Francisco Bastos quem indicava, nas *étapes* e nos detalhes, o caminho que se tornava forçoso seguir para lá chegar.

*

Que bella, que esplendida intelligencia a de Barbosa de Andrade!

Se, ás vezes, não parecia tão grande como era, a culpa não estava em si mesma. Estava na vontade de que Barbosa era um doente e que pela sua flaccidez produzia espasmos e recuos.

Escrevia com um brilho e verve fascinantes. Conheci-o escrevendo nos *Insubmissos*, na *Folha Academica* e no *Intransigente*. O primeiro logar foi sempre d'elle. A prosa sahia-lhe da penna como um regato de luz e tão facil e suavemente como se na verdade ella fosse a liquifacção da sua alma a um tempo estridula e bonançosa.

Nos cenaculos da bohemia coimbrã, o seu cavaco ficou celebre. Tudo o que dizia era levemente tocado de ironia e tinha tanta graça que a gente, ouvindo-o, só se alheava do seu embevecimento para sorrir, e só deixava de sorrir para se absorver na influencia capitosa da sua conversa. Nunca mais encontrei quem conversasse assim.

Não era orador, mas fallava bem. A sua maneira tinha uma technica luxuriante de mais talvez, mas tão iriada de aspectos e noções e tecida de tão luminosas palavras, que o deslumbramento era certo. Embriagava. Fallando em philosophia ou em arte, em que era culto, encantava com um excepcional poder de seducção, durante horas inteiras.

A's vezes errava em coisas banaes, mas tudo se perdoava, visto que, quando a sua conversa não redundava em ensinamento, sempre d'ella resaltava a inebriação que se sente ao ouvir uma aria.

Sem ser um affectivo, tinha bom coração e os seus principios moraes eram solidos. Por vezes, aqui e alem, praticou ligeiros desvios, que fazem parte do natural elencho da alma dos bohemios. Era ainda o resultado de, vendo longe, não ver bem a distancia intermediaria. O que quer dizer: aqui e alem errou um pouco, mas as intenções foram sempre optimas.

Foi uma figura original pittoresca e brilhante, tendo sempre, nos seus estouvamentos de rapaz, um fundo indeclinavel de bondade e honradez.

Por isso tambem a sua lembraça se apagará difficilmente da memoria d'aquelles que de perto o conheceram, o que equivale a dizer d'aquelles que sem reservas o amaram.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.

DUAS PALAVRAS

Foi mandado collocar na capella da Universidade um apparelho telephonico.

Ad majorem Dei gloriam.

(NOTICIA DOS JORNAES).

Ao Telephone — drama sacro com musica de Perosi e do sr. Macedo.

A Padroeira colhendo num gesto todo moderno o seu claro manto azul celeste, desce do seu throno d'ouro e em passos dôces, sob o olhar carinhoso dos anjos, dirige-se ao telephone da Capella:

Após os trrin-tin-tins do estylo, naquella sua divina voz cariciosa que abranda tempestades, a nossa mãe santissima pergunta:

— Estás lá?

Elle, Vasconcellóz, o amantissimo, tremulo e ancioso ante o mysticó-telephonico acontecimento:

— Indó dizes, Divina Estrella. Desde que colloquei o apparelho, lacrimoso espero as ordens de V. Ex.ª, vida, doçura, esperança nossa!

Ella — Deixa por agora o cathecismo e vamos ao que importa.

Elle — Assim seja.

Ella — Trago uma quisilia commigo. Entendo que para pertencer ao meu seculo um telephone não basta, e, achando que isto de andores é um reles e antiquado meio de transporte, pedi ao Papa Gomes I que me comprasse um automovel e elle, o réprobo, recusou-se.

Elle — Justos ceus! Que o vosso divino pé que esmagou a serpente, esmague tambem o hereje.

Ella — Disse-me que não, que não, nem uma bicyclettesinha! Nem que eu seja menos que o Conde do Ameal. Se o Conde deu um deputado á nação, eu fiz mais, dei um Deus ao mundo.

Elle — Tereis um automovel, por minha fé e graus o juro, oh mãe suavissima, se em troca, Senhora, nem mais um celestial olhar dos vossos cahir sobre esse hereje.

Ella — Abandono-o! Que Satanaz o confunda, per omnia saecula saeculorum.

Elle — Amen!

E assim agora, pela calada da noite, sob a maldição dos astros, ao vento, ao frio, á neve, Gomes I, o Réprobo, embuçado em seu manto, tombada sobre o olho coruscante a borla azul celeste, junto aos paços das Escolas, canta melancolicamente:

Mulher ingrata para que m'amaste
Para que juraste *pelo Redemptor*...

RAPHAEL.

O proximo numero da «Patria» publicará um artigo do sr. Dr. João de Freitas.

ECHOS

A primeira nota

Os acontecimentos da nossa vida politica succedem se tão phantastica e inesperadamente que nós temos, ás vezes, a impressão de que auctor de tudo isto é o sr. Eduardo Garrido, das magicas.

A falta de caracter que nós sabemos ser o cunho typico dos nossos homens d'estado e que os tem levado á prática de indignidades sem nome, de imprevistas contradicções, de estranhas apostasias de fazer calafrios na espinha dos cynicos e de ruborisar a face dos criminosos, não nos auctorisava a esperar tanto e d'uma baixeza tão extrema.

Depois do episodio ternissimo, na sala do rei, da reconciliação Hintze-Franco, que, como os senhores sabem, se morderam com os mais ultrajantes ataques, só faltava que o toque de pratos fatal da usança scenica, pozesse em frente da opinião assombrada os srs. João Franco e José Luciano na preparação idyllica d'uma fusão fecundissima, elles, que tambem se apodaram das derradeiras injurias!

E embora jornaes varios deem como rôtas as negociações para o entendimento fraterno, não desesperamos de os vêr, fulgurantes de ambição insolfrida, confundidas as bravas hostes, misturados os preciosos elixires salvadores, a apregoarem por esse paiz fóra, em ousadas peregrinações mystificantes, que a salvação da Liberdade, que a redempção da patria humilhada e envilecida reside nelles e só nelles.

E para se juntarem, hão de convir, que teem a logica da affinidade que resulta da commum torpeza monarchica.

—

Reclamação infructifera

O Mundo reclamou que o novo ministerio apresentasse o seu programma governativo.

Ha muito que os governos de Portugal abandonaram o escrupulo d'esses disfarces sem valor, apresentando-se hoje com toda a franqueza para o cumprimento da sua invariavel missão: satisfazer os interesses proprios e a tradicional voracidade d'uma dynastia de comilões.

—

Mais um...

Na quinta feira passada tomou posse do cargo de governador civil o sr. dr. Motta Prego.

Houve affluencia de politicos regeneradores que aproveitaram a occasião de pôr ao sol as graves sobrecasacas que só sahem da tranquillidade do guarda roupa para a exhibição dos momentos solemnes e que bem diziam na melancolia amarellecida do desbotamento a sua fidelidade de muitos annos.

Houve mais: os foguetes do costume, cumprimentos e discurso, naturalmente commovido, do sr. Prego.

Eh! rapazes: mais um prego para as occasiões de aperto... policial!

—

O verde loiro

Na nossa Universidade não pode um pobre escolar esquecer-se a trabalhar algumas horas por dia, que as congregações emocionadas não comecem a carrega-lo com distincções e premios, de forma que ás duas por tres tem o misero de aguentar-se com as gaitadas da Charanga, a argumentação cerrada dos mestres e o verde loiro a symbolisar-lhe as glorias, artisticamente entretecido pelas velhas mãos carinhosas do Estópido.

Oh, senhores, ao menos poupem o verde aos rapazes!

Em primeiro logar não está provado que os candidatos á cathedra tenham todos feito a sua profissão de fé vegetariana, e, se em forma de corôa o loiro não vae mal ao Camões, temos como certo que o snr. Ulrich ou Caeiro da Matta, por exemplo, lhe preferem o côco democratico.

Bem haja o snr. Dr. Vasconcellos que, espirito ardente e progressivo, já poz os telephones na Virgem e segundo consta vae comprar uma bicyclette de roda livre para o seu menino.

— Isto sim, que é civilisação e da tesa!

—

Não se admire...

No 3.º districto criminal de Lisboa um desgraçado que dá pelo nome de Brandão de qualquer coisa, na ancia de conquistar um empregosito rendoso tem perseguido furiosamente os nossos collegas da imprensa d'aquella cidade, pondo-se ao serviço de todos os governos, admirando-se o nosso presado collega *O Mundo* de que esses serviços não tenham ainda recebido a paga.

Ora não se admire o nosso querido collega, porque nós conhecemos aqui o patetinha, quando era continuo da Associação de S. Vicente de Paula, d'onde foi despedido por falta de geito.

— Aquillo não serve nem para moço de recados que se preze.

Firmeza de convicções

Em Cerveira e em Vallongo os progressistas reunidos dias depois da queda do governo, resolveram que os respectivos centros abandonassem o snr. José Luciano e se collocassem sob o padroado do snr. Alpoim.

E' de notar que nestas reuniões tomaram parte importante, os individuos que o snr. José Luciano escolhera para seus delegados nas administrações d'aquelles concelhos.

Isto é o que se chama comer o isco e... abandonar o anzol.

Querellas

Foi querellado por um *echo* intitulado *a aria* o nosso collega de Lisboa, *A Lucta*. Assumiu a sua responsabilidade o seu illustre director, o dr. Brito Camacho.

A Lucta é um jornal escripto com uma grande serenidade que não exclue de modo nenhum o vigor na apreciação dos factos da nossa politica, accrescendo os primores d'um espirito não vulgar na imprensa portuguêsa.

Tinha, por isso, escapado até agora á furia das perseguições que o poder, do sr. José Luciano ou do sr. Hintze Ribeiro, mas do rei, exerce sobre os jornaes que o combatem.

E' a sua iniciação, pois, no martyrologio em cujos registos se encontram todos aquelles que são animados na sua propaganda ou no seu combate por um grande espirito de verdade.

O Mundo que, pelo seu denodo, figura na primeira fila dos combatentes da Republica e por isso bate o *record* das querellas e das apprehensões, foi tambem mais uma vez querellado por um *suelto* em que accentuava a affronta para o sr. Loubet que resultava do confronto feito por um jornal progressista entre o antigo presidente da republica francêsa e o sr. José Luciano.

Sabida a vida d'um e d'outro, do primeiro feita de austeridade e de respeito pelos principios republicanos, do segundo feita de immoralidades, de manhas, de desacatos á lei, a querella seria d'um ridiculo enorme, pela cynica pretenção que representa, se não representasse tambem esse roubo.

No entanto, estas perseguições servem, pela sua continuidade que a queda do sr. José Luciano não perturbou, para provar que quem persegue, quem rouba, quem opprime é unicamente a monarchia.

A' *Lucta* e ao *Mundo*, os protestos da nossa solidariedade.

Influencia social do clero

No primeiro numero d este semanario publicou se um artigo, em que justamente se protestava contra uma medida governativa que permittia a admissão á matricula na faculdade de Direito aos individuos que apresentassem certidão de frequencia no 1.º anno da faculdade de Theologia. Comprehende-se o intuito da medida, desde que se saiba que a matricula nesta faculdade é permittida a todo aquelle que, tendo apresentado certidão de approvação «nemine discrepante» nos tres annos d'um curso theologico de qualquer seminario, consiga approvação num exame d'algumas das disciplinas ensinadas nos lyceus, feito perante um jury, constituido por lentes da Universidade. Os padres, empenhados em remover todos os obstaculos que porventura possam impedir o seu facil accesso ás mais elevadas posições sociaes, porque só a posse d'estas lhes permitte alargar cada vez mais a sua esphera d'acção, triumpharam mais uma vez. O que significará, porem, esse triumpho? E' o que vamos vêr, mostrando qual póde ser a *influencia social do clero*. Tendo em vista o principio pela philosophia escholastica tão preconisado — *nemo dat quod non habet* — a influencia social do padre ha de necessariamente avaliar-se pela educação moral e scientifica que nos seminarios recebeu.

* * *

Quem attentar na educação moral e scientifica que se ministra nos seminarios onde, dizem, se vae armar o cerebro para a lucta titanica a travar com os inimigos da religião, encarniçados, por amarem extraordinariamente a sciencia e portanto a verdade, poderá aquilatar do que, sob este ponto de vista, possa ser o padre, e consequentemente da sua influencia benefica ou nociva no seio d'aquella parte da humanidade, que elle diz dirigir no caminho da salvação espiritual e da felicidade eterna. Acompanhemo-lo, porem, desde creança, desde o lar domestico, formoso ninho de encantos, até á sua entrada triumphante no seminario diocesano, e d'ahi até ao *terminus grandioso* da missão de que foi investido.

* * *

Educadas geralmente no catholicismo pela familia e pelo mestre eschola, as nossas creanças, cheias de terror e de phantasticas visões que lhes incutiu a perspectiva das penas do inferno, onde só haverá *«chôro e ranger de dentes»*, lá vão a caminho da instrucção secundaria com o espirito assim obcecado, psychologicamente preparadas para não raciocinarem ácerca d'uma verdade scientifica, quando porventura este raciocinio, logicamente deduzido, as possa levar a uma conclusão antinomica com as suas crenças. Muitas vezes, quando no silencio querido do seu escriptorio de estudo, aventuram-se a um raciocinio, mas para logo fogem aterradas. Nem admira, pois que, em santo respeito pela religião do Estado, de forma identica procede o professor, esquecendo a nobilissima missão de que foi incumbido, cheia de responsabilidade social.

E' assim que a essas loiras creanças, a doce esperança do futuro, começa de repugnar a sciencia, de que se afastam como de horripilante espectro que tenta arrancar-lhes a crença que beberam com o leite, ou melhor, que uma educação fanatica profundamente lhes infiltrou.

Apresentam-lhes Deus, como symbolo de justiça infinita e como ineffavel espelho de bondade, como fóco de infinita sabedoria, como sol de brilhantissima luz, em volta do qual tudo gira, magnetica e irresistivelmente attrahido. Não lhes dizem que a infinita bondade exclue a omnisciencia, e vice-versa, pois não seria bom o Deus que creasse homens com perfeito conhecimento de que iriam habitar os antros infernaes, nem omnisciente aquelle que ignorasse o seu destino, após a vida terrena, vale cheio de lagrimas e de dôres. Apurada pelas sciencias positivas a verdade esmagadora do determinismo, Deus, para aquelles que o acreditam, só seria infinitamente bom e omnisciente quando lhes destinasse uma vida de ineffaveis gosos, de prazeres infindos. Ensinam-lhes, porem, o contrario, não obstante esse ensino ir de encontro á razão e á sciencia. E' que a Egreja desfecha excommunhões contra aquelles que collocam acima de todas as religiões a religião bemdita do trabalho, acima de todas as superstições a crença em tudo aquillo que a observação e a experiencia collocam, como panorama deslumbrante, deante da vista poderosa da intelligencia humana. E' por isso que as creanças, quando a acção d'um meio liberal e scientifico nellas se não faz sentir, ou vivem na ignorancia absoluta de tudo aquillo que significa um progresso scientifico, ou num odio feroz contra aquelles que, com um estudo persistente, digno de todos os encomios, vão impellindo a humanidade no caminho da civilisação e do progresso. São estas creanças as que querem ascender ao ministerio do altar, salvo algumas que, amando-o, com ingenuidade o não abraçam, por não se sentirem com forças sufficientes para a observancia rigorosa da mentirosissima lei do celibato, ou para se tornarem, no dizer do Evangelho, o sal da terra e a luz do mundo. D'estas fallaremos em artigo subsequente.

Por agora, occupar nos-hemos das primeiras que lá vão, a caminho do seminario, na doce illusão de se encouraçarem contra os tres *inimigos* da alma: *o mundo, o diabo e a carne*. Com ideas catholicas profundamente arreigadas, indifferentes a todo e qualquer argumento que as anniquille, por mais poderoso que seja, essas creanças, já agora no caminho da puberdade, conservam-se fieis á primitiva educação, não obstante a realidade das doutrinas que os encantavam se lhes apresentar nitida e indubitavel. Sentem dentro do peito uma revolta contra essa realidade que não esperavam, mas a influencia do meio em que vivem, apresentando-lhes como reaes as doutrinas que primitivamente lhes infiltraram, acaba por as conservar na antiga crença, por as determinar no primitivo sentido.

Não é, pois, de estranhar que appareça algum a diffamar aquelles que pensam de maneira differente, ainda mesmo que elles se imponham pela nobreza de sentimentos, integridade de caracter, lucidez de intelligencia, e até mesmo por uma illustração pouco vulgar no nosso acanhado meio scientifico. Não raro acontece d'isto, como por differentes vezes tenho presenciado. E' que em frente da verdade, de argumentos irrespondiveis, d'uma logica de ferro, os padres preferem calumniar, a curvarem-se reverentes. Agarram-se, como a boia de salvação, ao **credo quia absurdum est** de todos os tempos.

E' certo que a regra austera a que, nos seminarios, os sujeitam, a odiosa barreira que deshumanamente levantam entre elles e o mundo exterior, cheio de attractivos e de edificantissimas lições, a maneira pouco amavel como os tratam, a maldade ingenita e repugnante dos padres-mestres que lhes dirigem olhares ferozes e, por vezes, sanguinarios, as reprehensões mais rispidas do que as dirigidas aos creados, a vigilancia rigorosa sobre tudo o que fazem e o que pensam, exercida até pelos serviçaes e capachos, indecorosos e repellentes, as praticas religiosas feitas pelos jesuitas, d'onde incessantemente irradia a mentira que não a verdade, a treva que não a luz, tudo isto lhes faz crear um odio implacavel contra aquillo que os rodeia, abafado pela roupeta nojenta que envergam e pela hypocrisia repugnante em que os educam.

E' então que, clandestinamente, alguns se aventuram a leituras que, sobretudo, lhes digam mal da lei do celibato que detestam, do seminario e do seu corpo docente, leituras que os comprazem a valer, fazendo-as em breve passar para as mãos dos condiscipulos de confiança, a fim de, nas horas vagas d'um estudo improficuo, por banal, trocarem impressões curiosissimas, e, por vezes, cheias de incontestavel verdade.

E' egualmente certo que, quando reunidos para esse fim, não raro apparece algum, cujo espirito já foi aquecido pelas idéas generosas e boas, o qual, com palavras ferventes d'amor, categoricamente declara que, se não fosse uma mãe querida que lhe vota extremos de affecto e carinho, deporia a batina aos pés do padre-mestre, e informa-lo-hia de que, visto repugnar-lhe tanta hypocrisia e deshumanidade, resolvera entrar antes no alegre convivio dos bons e dos honestos, d'aquelles que cooperam generosamente, obedecendo ao cumprimento d'um sacratissimo dever, na causa dos pobres, dos fracos e dos humildes. Este, em regra, acaba por obedecer antes ao sentimento de humanidade que o domina, do que a um desejo familial, cuja realisação lhe acarretaria perniciosas consequencias, bem como para a humanidade que muitas vezes perderia apostolos insubstituiveis. Não é menos verdade surgirem outros que, por causa da mesquinhez de espirito d'envolta com o egoismo e o amor proprio, não avançando tanto, se limitam a mostrar esse odio que de resto existe em todos, mesmo nos capachos ignobeis, em virtude da depressão physica e moral a que ahi os sugeitam.

E na verdade essas **santas creaturas**, as julgadas mais idoneas pela **sua pureza** para praticar as doutrinas de Jesus, não obstante o subsidio da bulla da cruzada que lhes é entregue, ministram aos seus educandos, por quantias relativamente elevadas, quasi exclusivamente o alimento favorito dos chinêses. Para cumulo, obrigam os em seguida a agradecer a Deus o acepipe confortavel (sic) que acabam de auferir. Por sua vez os mestres **veneraudos** agradecem tambem ao Todo Poderoso o roubo infamissimo que lhes proporcionou. Depois ao toque da **cabra**, num silencio lugubre, sinistro, lá vão os seminaristas automaticamente para o recreio, onde, cabisbaixos, espumam de raiva, sustendo imprecações d'um odio feroz, que lhes alaga o peito, contra esses malvados que, lá dentro, saboreiam opiparos jantares.

Tudo isto é verdade. O que é certo, porem, é que, a par d'este justificado odio contra os superiores, a feição moral e scientifica d'elles lá se lhes transmitte lentamente.

O que é a influencia do meio! Como é magico o poder da educação! Como ella imprime caracter!

E' assim encouraçados que estes ministros de Jesus veem ensinar ao mundo *corrupto*, com a palavra e com o exemplo, estas doutrinas **de paz e de amor** que nos seminarios aprenderam. Calcule-se a **beneficencia** dos seus ensinamentos, o quilate da sua moralidade!!!

Apezar dos homens de sciencia lhes demonstrarem, d'uma maneira evidente, que a creação biblica é uma utopia, a immortalidade da alma uma chimera, a originalidade da Escriptura uma mentira, pois que muitas das suas doutrinas e alguns dos seus dogmas basilares, como o do mysterio da Trindade, foram hauridos no brahamanismo, *elles* fecham os olhos a tudo, apresentando invariavelmente o mesmo argumento: — excommunhões vomitadas contra os que propugnam pela verdade, brilhante como o sol e luminosa como o dia.

Joaquim José d'Oliveira

Centro Republicano Academico

Convidam-se todos os estudantes inscriptos neste centro, a reunirem-se na proxima quarta-feira, 4 do corrente, pelas 6 e meia horas da tarde, a fim de tratar d'um assumpto da mais alta importancia e que por sua natureza não permitte delongas.

O presidente
Carlos Amaro

Prevenimos os nossos assignantes de que vamos proceder á cobrança da 1.ª serie, e pedimos-lhes a fineza da pontualidade do pagamento, para evitar novas despezas.

De Lisboa

30 de março

Incontestavelmente, a politica nacional está sendo uma verdadeira *boite-à surprises*. E senão veja-se a mudança portentosa e inesperada, que em menos de oito dias soffreram os acontecimentos! Ainda na minha ultima carta eu me referi á alliança que, segundo todas as probabilidades, se vislumbrava como coisa assente, entre a rua de S. Bento e a rua da Emenda e, já hoje, tenho de «emendar» a mão, reconhecendo em face dos factos, que me enganei. Vem-me á memoria o *refrain* d'uma cantiga que durante os meus dois ultimos annos de Coimbra, ouvia todos os dias, quasi ininterruptamente, á minha visinha engommadeira, na Couraça dos Apostolos.

Bem haja elle
Em ser assim,
Falla p'rás outras
Olha p'ra mim...

Eis o caso. O senhor Franco emquanto fallava ao senhor Hintze já catrapiscava o senhor José Luciano! Hoje, ao que parece, o connubio dos dois estadistas é dos factos que passarão á historia, com o rotulo de incontestaveis. Cabem aos senhores Villaça e José Novaes as honras de padrinhos do auspicioso enlace.

A grande phrase do «messianismo da nossa raça», á força de repetida, desvalorisou-se. Mas, suppondo que para alguns o sr. Franco, tivesse assumido as proporções d'um Messias, Redemptor, acima das podridões humanas e disposto a apparecer um dia na Arcada, encadernado em ministro, de gladio deslumbrante, como Miguel Archanjo rechaçando as legiões malditas ou com um simples chicote á maneira do seu collega de Nazareth, expulsando os vendilhões do templo, devemos confessar que a desillusão é completa. O «ponto de interrogação» que para espiritos ingenuos representaria na politica Franco e a sua hoste, desfez-se com um sopro partido dos Navegantes. E assim, reduzido ás devidas proporções, está o Messias da Rua da Emenda tornado no que sempre nos pareceu — um cavalheiro que já foi ministro, gostou e quer repetir, seja por que maneira fôr.

Não me compete, a mim, chronista humilde, fazer commentarios ao facto e mal avisado andaria quem esperasse acha-los na minha carta d'hoje.

Acho melhor, por exemplo, voltar a referir-me, ainda que levemente, ao dramaturgo progressista Augusto de Castro e ao seu drama, a que a plateia do Normal teve ha dias occasião de ensinar o caminho da caixa do ponto, provavelmente no piedoso intuito de elucidar o auctor, por este declarar no cartaz ser aquillo o seu «Caminho Perdido».

A companhia do Normal manifestou-se nessa noite, excepção feita de Adelina, Joaquim Costa e Falco, toda partidaria do senhor Alpoim — que entrava na peça, disfarçado na actriz Maria Pia. Nunca o vigoroso parlamentar enterrou melhor um adversario — pelo ridiculo. Foi barbaro, foi cruel em demasia o chefe dos dissidentes. A fraqueza do antagonista, a pouca resistencia offerecida pela peçasinha innocente, deviam ter feito moderar os impetos do José-Maria Pia. Mas não. Sua Ex.ª levado pelas paixões politicas, excedeu-se. Não se podia ser mais imbecil, propositadamente, por maldade! Estou em dizer que nunca, em palcos portuguezes, se dispendeu mais somma de talento para representar mal. Desde a voz, uma voz gorgolejada, *faussée*, arripiativa, mixto de perú e de pega — uma voz pavorosa, «de salsa d'entrudo», que bulia com os nervos, enjoava, como um passeio a Cacilhas, em bote, nos dias em que o Tejo «acarneira» — até aos meneios do corpo, com aquella gordura que transformou S. Ex.ª numa bola d'enxundia, sem feitio, todo ás pregas, como os folhos das saias das mulheres! Só visto se acredita!

Em compensação Joaquim Costa foi extraordinario, Adelina um portento, Carolina Falco verdadeiramente inexcedivel de dedicação partidaria aos Navegantes. Houve momentos em que desconfiámos que, disfarçados nos tres artistas, estavam o tio, a tia, e alguma prima do dramaturgo que tivesse vindo d'Anadia a ajuda-lo no transe doloroso. Ferreira da Silva, na peça, pareceu-nos nacionalista.

A peça que, sem esta politica toda, recolheria pacatamente ao archivo depois das suas cinco recitas, banalsinha, innofensiva, commedida, orchatica, como lhe compete aos meritos — caiu redondamente, com grande gaudio d'um sacristão tôlo que diz sandices quisilentas no *Illustrado* a ponto de, pela pretenção, pela inveja mesquinha que lhe reçuma a prosa, valorisar a obra do senhor Castro e dar vontade de lhe chamar Hervieu, Brieux, Dumas e mais nomes bonitos.

E, já que fallamos neste caso curioso, vem a pello contar a divertida historia d'um facto passado por occasião de terem subido á scena em D. Maria as *Almas Doentes*, de Marcellino Mesquita.

Almas Doentes é um caso pathologico de loucuras hereditarias, uma tragedia intensissima, terrorista, um pesadello em dois actos — mas feita com aquella maestria, aquelle talento de dramaturgo, que fazem de Marcellino o primeiro dos theatradores portuguêses. Pode discordar-se dos intuitos da obra, pode achar-se descabida, dissolvente e por isso perniciosa, aquella litteratura d'hospital: especie de galeria teratologica que tem desfilado ante os olhos pávidos das plateias contemporaneas, desde que em palcos europeus se começaram de representar os *Espectros* de Ibsen e outras obras que, na opinião de muitos, nem o proprio genio justifica. Mas, o que não ha negar é a perfeição modelar do trabalho de Marcellino, estragado por um desempenho pavoroso, mas que, a ser representado por um Zaconni e uma Vitaliani, era de molde a produzir aneurismas na plateia.

Pois o criticoide, de que vimos tratando, que, ao tempo, já tinha botado drama em um acto, asneando sobre o mesmo assumpto tratado por Marcellino, com a dupla proficiencia de medico e de primeiro dramaturgo na sua terra, e sempre dramaturgo, mesmo onde outros se encontrem, arrumou no dia seguinte ao auctor e á peça uma catilinaria feroz e desbragada. Até aqui a coisa, se não se justificava pela zoilice que o artigo tresandava, representaria, no entanto, a livre expressão d'um modo de pensar, dado como é a quem tem uma cabeça d'aquellas, metter-se na extravagancia de se servir d'ella para mais alguma coisa, que não seja pôr o chapeu.

Mas o engraçado da historia é que o homem, recordando-se da sua «grande obra», o drama que, por um descuido do gerente, subira á scena no Normal, para rapido descer ao limbo das sandices soporiferas, desembestava de lá esta tirada: — «Se o sr Marcellino Mesquita tivesse visto tal peça (o parto em questão do cavalheiro) não teria escripto as *Almas Doentes*.» E, por aqui fóra, desata a fazer elogios a si mesmo e a tratar da obra do dramaturgo de tal guisa, que parecia um mestre reprehendendo *ex-cathedra*, um discipulo desastrado!

A' noite, no Martinho, Marcellino estoirava o cós das calças, rindo a bom rir do parlapatão e perguntando para os lados: Mas quem é este cavalheiro? quem é este typo?

Portanto console-se o sr. Castro. A sua peça, se não se pode dizer boa, tambem, dispensando os applausos compromettedores do senhor Cayolla, não se pode dizer uma borracheira.

Se não é o Ibsen português, é, certo, um pouco melhor que o sr. Affonso Gayo.

E, á falta d'assumpto, até á semana que vem.

Timido

Contracto dos Tabacos

Da direcção da Associação Commercial d'esta cidade recebemos uma circular dirigida ás associações suas congeneres de todo o paiz, apreciando os desvarios governativos dos ultimos tempos do regimen, apontando todos os males de que enferma a sociedade portuguêsa, cuja origem vê na nossa pessima administração financeira e apontando, ainda, como ultimo recurso para o nosso resurgimento, os rendimentos dos tabacos administrados com honestidade.

Neste sentido se dirige ás associações commerciaes portuguêsas para que sejam ellas as iniciadoras d'um movimento de que resulte a exclusão da conversão; a responsabilidade do Estado, pela renda dos tabacos, do emprestimo negociado com essa garantia; estabelecimento da Regie, mediante uma administração autonoma; eliminação do imposto sobre os generos de primeira necessidade na alimentação publica e assistencia do Estado aos pobres da Escola.

Acompanhamos a Associação Commercial nas suas reclamações e applaudimo-las não só porque ellas estão a dentro do nosso ideal politico, mas tambem, porque o facto de ellas não serem attendidas virá mostrar aos poucos ingenuos que ainda por ahi ha, que a dentro da monarchia nada se póde já fazer de honesto.

Falta de espaço

A absoluta falta de espaço obriga-nos a não publicarmos ainda neste numero do nosso jornal alguns artigos que temos em nosso poder.

Entre elles ha uma critica ao livro de Alfredo Pimenta, que irá no proximo numero, assim como uma carta do snr. padre Antonio d'Oliveira, em resposta a uma noticia que publicámos sob a epigraphe de *A instrucção*.

Pontos de vista

Litteratura

O sr. Julio de Lemos num artigo publicado no Instituto sobre Villaespera, nota contristado que ao eclectismo litterario dos leitores portuguêses, e accentuadamente nas directrizes orientadoras dos nossos escriptores, falleça a leitura da litteratura italiana e hespanhola. Expande-se o auctor na explanação das bellezas da litteratura italiana que acha merecedora de demorado exame (o que deixamos sem contestação,) e lamenta que a hespanhola seja quasi retirada das nossas estantes, tão largamente fornecidas de todos os specimens das litteraturas em voga. Accentua, pois, com desagrado, que, seguindo os nossos litteratos as correntes francêsas, russas e dinamarquêsas, não enveredem tambem a estudar e imitar as duas já falladas litteraturas peninsulares. Da italiana sabemos ser campo uberrimo a agradaveis surprezas e vamos em suppor que muito haverá em aprender na convivencia com a vida litteraria d'um povo que ousadamente vem affirmando a vitalidade resuscitada das raças latinas, mas para a hespanhola (vá isto como ligeira notula) não nos parecem grandes acertos as affirmações aventadas, pois o maior dos poetas citados attinge na craveira dos poetas mundiaes um pequeno numero de furos.

A meu vêr a poesia d'hoje em Portugal, depois de Cesario Verde e Antonio Nobre, teria de voltar muito atraz para seguir Villaespera. Villaespera com os seus satellites abraçam muito de perto Mallarme e identicos para ser avançar o seguir-lhe os passos. E se alguem se devesse dar como magnifico exemplar seria decerto Ruben Dario, directo ascendente de Villaespera e seguidores, que, embora argentino, pode considerar-se hespanhol, pela sua demorada residencia e amizades. Mas estes poetas não merece a pena lê-los porque, afóra o talento innegavel que muitos teem, são todos a mesma coisa, representam uma corrente egual de eguaes aspirações, com passaporte valido em toda a Europa. A Hespanha tem poetas que são a Hespanha e da Hespanha. Esses sim. Trazem o cunho da raça, do typo, e, sendo a expressão escripta da alma d'uma nacionalidade, teem sangue, palpitam e vivem no nosso sentimento como pedaços mesmos de terra de Hespanha.

De tantos lembram me agora os poetas regionaes, Curres Henriquez, gallego; Garcia Rodriguez, andaluz.

Se a Villaespera perguntar quem é este ultimo elle saberá talvez ainda repetir-lhe as palavras encomiasticas com que acompanhou a offerta d'um livro de poesias de Garcia.

Mas, palavra puxa palavra, e já vou muito longe do que queria dizer.

Era meu intuito ao citar as exprobações do Sr. Julio de Lemos aos nossos escriptores, pelo desconhecimento de poetas italianos e hespanhoes, lembrar quanto é nociva esta constante observação de litteratura estrangeira.

Uma de duas coisas: ou os aspirantes a poetas portuguêses teem ou não teem talento. Se teem, o que me parece util para a obra d'elles e para aquelles que a lerem é que lancem o seu estudo á nossa vida, a nossa natureza, a nossa alma e d'ahi arranquem motivos inspiratorios para as suas estrophes. Sejam individuaes, com o seu caracter, com o seu feitio, amando a vida portuguêsa, nos seus aspectos mais flagrantes.

Assim posto o seu talento, puro e sem escoria estrangeira, ao estudo d'uma raça, decerto farão obra perduravel e eterna. Na imitação constante de modelos estranhos, illudindo talvez os pouco familiarisados com escriptores estrangeiros, não conseguirão senão uma obra de moda que alguns mêses de uso tornarão fanada e sem perfume. Estamos litterariamente tão estrangeirados, tão desnacionalisados, que, estou de crer, muito campo virgem existe para aquelle que, com desassombro e vigôr, se lance na ardua tarefa de analysar o sentimento português. Pois julga o meu amigo que mesmo Junqueiro, se simplesmente tem seguido as nortadas da sua inspiração de poeta, sem pruridos de ser o que alguns foram, não seria maior e não nos daria a nós, leitores portuguêses mais agradaveis e profundas sensações que aquellas que nos tem dado, apesar de grandes?

Estou na corrente de espirito de imaginar que precisavamos d'um isolamento absoluto de muitos annos e obrigação, a *knout* se preciso fôsse, do estudo da nossa vida e do nosso meio para produzirmos uma litteratura que se destacasse nitida e clara pela manisfesta expressão d'uma raça e d'uma civilisação. Tenho a illusão de suppôr que muito se offerece na nossa lingua, quasi esquecida e mascarada de mil estrangeirismos, para materiaes esplendidos da obra d'um grande poeta ou d'um grande prosador.

Infelizmente o que menos conhece todo o homem que escreve em Portugal é litteratura portuguêsa e tenho por bem verdadeira a historia que ha dias um amigo meu me apresentou como comprovante d'esta justa asserção.

Dois individuos discutiam Camillo.

Um elogiava — "Camillo é um grande escriptor e raro se encontrará organisação de tão poderoso analysta"...

O outro que já desdenhosamente vinha acenando negativamente a cabeça— «Tá tá! Ora adeus meu amigo! uma porcaria é que tu has-de dizer...

Vê por exemplo a «Lisboa em camisa».

—Oh! menino, notava o primeiro, mas isso não é de Camillo!...

—Ahi tens, volvia o segundo num gesto de satisfação, nem mesmo isso é d'elle...

Thomaz Vireloque.

Caso Djalme

Continuam as justiças de Paredes a dormir sobre este triste caso.

Impede-nos a falta absoluta de espaço de inserir neste numero do nosso jornal uma carta que o nosso collega d'Academia do Porto snr. Manuel Bravo publicou no nosso querido collega *A Vox Publica*.

* * *

O sr. ministro da justiça, em resposta a um telegramma do presidente da commissão de cidadãos que se constituiu no Porto para promover o andamento do processo, disse que ia pedir ao snr. Procurador Regio junto da Relação do Porto informações urgentes sobre este caso, a fim de providenciar como fosse de justiça.

Oxalá que este facto não seja apenas prurido de moralidade para intrujar papalvos, e que, pelo contrario, o snr. Campos Henriques se digne providenciar, para que o snr. Delegado de Paredes aprenda emfim a ser honesto e digno no cumprimento dos seus deveres.

Partido Republicano

A commissão reorganisadôra do partido republicano enviou a todos os presidentes das commissões municipaes e parochiaes republicanas, a todos os antigos deputados propostos pelo partido, aos jornalistas e antigos republicanos a seguinte circular:

Illustre correligionario: — Temos a honra de enviar-lhe, por este correio, um exemplar do projecto de *Lei Organica*, que será discutido no proximo congresso geral republicano.

Tinha a commissão reorganisadora, abaixo assignada, tudo preparado e disposto para que o congresso se realisasse, na cidade do Porto, nos dias 25, 26 e 27 do corrente mês de março.

Alguns correligionarios, porem, e dos mais distinctos e graduados, manifestaram, numa reunião que teve logar em Lisboa, o desejo de, antes da realisação do congresso, se effectuarem reuniões parciaes, em Lisboa, Porto e Coimbra a fim de não só se tornar mais facil e expedita a missão do congresso, mas ainda de se apurarem os nomes que, com mais prestigio e auctoridade, pudessem ser sujeitos á votação para membros do directorio.

Entendeu a commissão reorganisadora que não podia nem devia eximir-se a esta pratica democratica, á qual ella propria concorrerá, quando a isso fôr convidada, para dar todos os esclarecimentos que forem precisos e estiverem na esphera da sua competencia.

Não convoca por isso desde já, como estava assente entre os seus membros, o congresso geral do partido. Espera para o fazer que se tenham realisado as reuniões preparatorias, e, após o conhecimento official desse facto, a convocação se fará no periodo maximo de 48 horas.

Com especial consideração — correligionarios dedicados — Lisboa 18 de março de 1906. —

A commissão reorganisadora

Albano Coutinho
Antonio José d'Almeida
Antonio Luiz Gomes
Cassiano Martins Ribeiro
Celestino d'Almeida
José Cupertino Ribeiro Junior
José Ferreira Gonçalves
José Nunes da Ponte.

* * *

Na quinta-feira, ultima, a convite da commissão organisadora do partido republicano no centro do paiz, reuniram os republicanos d'esta região no Centro Eleitoral Republicano José Falcão a fim de accordarem na escolha dos candidatos que devem ser propostos ao suffragio dos eleitores.

Para o circulo de Coimbra foram escolhidos os nomes dos nossos eminentes correligionarios snrs:

Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, Antonio Augusto Gonçalves, Dr. Francisco José Fernandes Costa, Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e Dr. Joaquim da Silva Cortezão.

Para o circulo de Aveiro foram apontados os seguintes:

Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, Dr. Sebastião de Magalhães Lima, Dr. Antonio Luiz Gomes, Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca e Albano Coutinho.

Não precisam os nomes indicados de quaesquer palavras elogiosas porque demais são elles conhecidos pelo seu caracter e pela sua intelligencia.

A todos os eleitores honestos os apontamos.

Antonio Rodrigues Sampaio

Da commissão encarregada de fazer o centenario de Antonio Rodrigues Sampaio, recebemos um amavel pedido para nas columnas do nosso jornal abrirmos uma subscripção a fim de que em Espozende possa ser levantado um monumento ao fallecido jornalista.

Por muito que nos custe responder com uma formal recusa ao delicado convite, obriga-nos a assim proceder a antipathia profunda que nos merece a memoria desse homem que não teve a par da sua brilhante intelligencia uma forte architectura moral que á nossa gratidão imponha o seu nome.

Não sabemos se Espozende lhe deve grandes serviços; mas que elle deu ao paiz um dos mais escandalosos espectaculos de defecção e traição imprudentissima — não nos resta duvida alguma.

A missão do jornalista, entendemos, não consiste apenas em escrever bem, mas principalmente em pensar bem e honestamente.

A Rodrigues Sampaio faltou esta primacial condição, e d'elle só nos podemos lembrar com o profundo desgosto que sempre desperta o quadro lastimoso d'uma grande intelligencia e d'uma rara energia completamente perdidas por falta de esteio moral.

O mais delicado serviço, pois, que poderemos prestar á memoria do lucido jornalista será não lhe escrevermos muitas vezes o nome nem lhe recordar a pessoa que ao grande poeta Gomes Leal mereceu a condemnação tragica e aviltante que nos eternos versos do *Renegado* para sempre ficou lavrada.

Conferencias

Casualmente soubemos que na Sé Nova, o conego Vidal, (formado pela Universidade catholica de Roma), tem realisado e realisará umas conferencias de aspecto scientifico, nas quaes se propõe demonstrar a falsidade do Materialismo.

Não pretendemos a interrupção d'essas conferencias, antes pelo contrario desejamos que sua Ex.ª continue com ellas, visto que consideramos a ignorancia como sendo o principal inimigo da sciencia.

O que pretendemos, porem, é que sua Ex.ª perca o receio que parece ter e discuta com mais lealdade, para o que tomamos a liberdade de lhe dar alguns conselhos:

Em vez de sua Ex.ª fazer conferencias só para amigos, faça-as para todos (annuncie-as), chame ao local homens instruidos os quaes, comprehendendo-o, lhe poderão tirar algumas difficuldades assim como contestar algumas affirmações.

Mas, para isso, terá sua Ex.ª de descer do pulpito (logar onde a lei o colloca em condições de immunidade) e vir para salas onde lealmente se possa discutir.

Como por certo não agradarão a sua Ex.ª os conselhos dados, porque então as suas conferencias teriam — affirmamos-lh'o — um resultado completamente oposto áquelle que tem em vista, recommendamos-lhe então que tome a peito a instrucção do auditorio.

Sim, porque desconhecendo elle as mais elementares leis da materia e da sua evolução, facil será a sua Ex.ª fazer com que as suas affirmações sejam acceitas pelos ouvintes; é uma questão de lhes dizer as cousas como melhor convier a sua Ex.ª. Não é verdade?

Pois como quererá sua Ex.ª que, sem preparação, o auditorio possa avaliar a verdade das suas affirmações a proposito de assumptos como são o da origem do homem (de que tratou no domingo passado) e os que irá tratar?

Menos receios, mais lealdade e sobretudo mais logica.

Apresente-lhes sua Ex.ª em primeiro logar as premissas que escusado será apresentar-lhes depois a conclusão, elles a tirarão.

Rima mas não lhe convem.

E... porque somos boas pessaas, auxilia-lo-hemos tanto quanto pudermos.

Aqui lhe faremos gratuitamente o reclame ás suas conferencias e no proximo domingo lá iremos ouvi-lo para depois, d'aqui (já que d'outro modo não pode ser) conversarmos um pouco com sua Ex.ª

Pela Universidade

Os alumnos do 4.º anno medico resolveram criar no Hospital da Universidade uma «Maternidade» a qual deverá receber gratuitamente as parturientes pobres, e terá annexa uma consulta aos amamentados.

Esta instituição altamente philantropica merece-nos toda a sympathia e apoio e deve merece-la todos aquelles que, attendendo ás precarias condições do operariado, de algum modo desejem benificia-lo.

Que todos assim o comprehendam e auxiliem a digna commissão, é o nosso desejo.

A sede da commisão, é na rua das Flores, 41, Coimbra.

EXPEDIENTE

Alguns dos nossos presados assignantes teem-se queixado de não receberem o nosso jornal. A todos pedimos desculpa dessa falta e ao mesmo tempo a fineza de dirigirem as suas justas reclamações á nossa administração, a cargo dos nossos camaradas Feyo d'Azevedo e Bissaya Barreto.

AMENDOAS

NA CASA INNOCENCIA, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra.

Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variaveis desde 280 até 650 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, *mas não gesso* nem outras cousas prejudiciaes á saude.

Mandam-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir.

Ha tambem *doces* de diversas qualidades e artigos de *mercearia*.

Vendas pelos minimos preços possivel.

Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebuçados e confeitos desde 1 1|2 até 7 0|0, conforme as quantidades que comprarem.

CHRONICA

(As opiniões do meu visinho)

Esperei ancioso que todos saissem e quando me achei sosinho, em frente d'elle, apurei os ouvidos, para melhor entender as coisas reveladoras que de seu labio esperava.

Elle então começou:

— O meu amigo é muito novo e eu tenho reparado que, ainda por cima, gosta de versos.

Ia a interrompel-o, elle atalhou:

— Perdão! Não me interrompa. Gosta de versos e, o que é peior, fa-los e, o que é ainda muito peior, publica-os, porque eu já li.

Confesso que fiquei chocado. Elle continuou imperturbavel:

— D'ahi, o eu não me admirar do seu enthusiasmo pela provincia. Mas, como sympathiso comsigo, quero dizer-lhe algumas verdades. O senhor não conhece a provincia. O que o senhor vê na vida do campo é só o lado lyrico. O senhor, por exemplo, não comprehende uma paisagem á tarde, sem o toque das Ave Marias nos sinos das aldeias e o regresso ao lar do cavador cansado.

E o meu interlocutor sorria. Eu sorri tambem e elle, notando-o, disse logo:

— E' assim mesmo que o senhor diz nos versos, que eu sei. A rustica simplicidade, a fé, a pureza de coração e mais o aldeão ingenuo de mãos callosas e alma boa e mais isto e mais aquillo. Ora, diga-me cá: o senhor pensa em ser advogado, não?

— E' facto, respondi eu.

— Pois então permitta Deus que o senhor um dia, numa questão qualquer, não tenha que se defrontar com um d'esses cavalheiros e mais com a sua simplicidade. E' d'arrazar, meu caro amigo! A facundia e a velhacaria celebre de Ulysses, o fabuloso velhaco, ficam a perder de vista diante d'aquelle sujeito sorna, que torce o barrete, que não olha direito, que repisa as palavras mil vezes e que o trata por *Sua-Excellencia*. Isto no que diz respeito á simplicidade. Agora o desinteresse. Esse figurão que o senhor alli vê é ladrão *como milho*, é ratinhador e é d'um egoismo feroz... Por uma questão de partilhas, o nosso amigo insulta a mãe, diffama as irmãs e era capaz de pôr as tripas ao sol ao proprio Christo se elle apparecesse a contestar-lhe a herança. Numa aldeia do Ribatejo, já eu vi um irmão matar outro, á bordoáda, por causa d'uma questão que tivera a sua origem numa melancia. No que diz respeito ás mulheres, bem melhor do que eu o poderão informar os padres das aldeias e o innumeravel rebanho de filhos que assistem ao casamento dos paes, quando não é só ao das mães.

Eu estava furioso. Não me contive, gritei:

— Mas a culpa d'isso não é d'elles! E' a ignorancia, o estado de barbarie em que se encontram, mercê...

O meu visinho atalhou:

— Perdão! perdão! As coisas são o que são. Se fossem differentes não eram assim. E' da Sabedoria das Nações e já assim m'o ensinou um professor d'introducção que eu tive.

Fez uma pausa e proseguiu:

— E agora subamos na escala. Vamos á gente fina. A favor d'esses já não póde adduzir os argumentos que eu vejo estremecerem a sua bocca de rapaz enthusiasta. Essa gente é *pseudo-civilisada*, essa gente tem dinheiro, tem mesmo quasi sempre muito dinheiro e podia ser decente se quizesse.

As senhoras vestem á moda, penteiam-se á moda, têm jornaes e romances, têm enxaqueca e são hystericas. Quando se encontram no passeio em tardes de musica beijam-se em ambas as faces como as elegantes da cidade. Duvida? Percorra a provincia, vá aos clubs das terras sertanejas em dias de *salsifré* e verá. O typo da provinciana de romance, da morgadinha de conto, ha muito que passou á historia. A provincia macáqueia tudo e exagera tudo, ainda por cima. A mulher da provincia tem hoje todos os defeitos da mulher da cidade, sem nenhuma das suas qualidades: nem a graça, nem o requinte, nem a gentileza. A donzella da villa, se não é estupida, quando o meu amigo lhe dirige a palavra falla-lhe ridiculamente em Camillo, em Julio Diniz e muitas vezes vae mais longe e diz coisas horrorosas sobre Lamartine! Ah! meu amigo: *Le monde marche*...

Eu estoirava d'espanto. Que homem que era o meu visinho!

— E o que lhe succede a si? — continuou elle, ás grandes passadas pela casa. Como está de boa fé, o meu amigo põe-se logo a sonhar delicias e a idealisar uma creatura adoravel naquella provinciana cheia d'escola e mais pratica que o senhor. Ella tambem sabe ser modesta e timida. Representa bem porque desde muito pequena aprendeu a fingir, a enganar, com tanta maior perfeição quanto o meio é mais restricto e os actores se conhecem uns aos outros. Conhece a vida lindamente, creia. A ingenuidade perdeu-a cedo na atmosphera d'intriga da terra pequena. Tem ouvido todos dizerem mal uns dos outros pelas costas e abraçarem-se volvidos instantes. D'ahi veio-lhe a noção de que a vida era uma comedia que era preciso representar constantemente e onde a fortuna é de quem fôr melhor actor.

E' com esta noção que se prepara para arranjar marido! Antes de chegar á edade propria, para se distrahir da monotonia da existencia começa a comedia do amor. Namora. O namoro é a sua distracção, o seu theatro, o seu baile. Os paes empurram porque receiam vê-las ficar solteiras. Namora tudo! Velhos, novos, amanuenses e segundos-sargentos. Em pouco tempo está desqualificada e não ha um homem serio que a queira para mulher. Em compensação, aos dezoito annos, ahi tem o meu amigo uma madame de Sévigné com erros d'ortographia, uma Soror Marianna sem os inconvenientes do habito e da grade conventual. E como não acreditar numa ingenuidade que escreve coração com *s*! Ah! idealistas, cautella com a provinciana!

O meu visinho desconcertava-me, eu quiz arrazal-o e disse-lhe ironico:

— O meu amigo, na sua mocidade, teve naturalmente alguma desillusão na provincia?

O homem recuou varado. Fez-se pallido, poz os olhos no chão e tornou, depois d'uma grande pausa:

— Tive. Tinha eu vinte annos. Ella dezoito. Foi em Freixo-de Espada-á-Cinta! Eu andava a estudar latim em Lisboa e via-a até nas folhas do Diccionario. Ia lá todos os mêses e nas ferias. Fui lá dois annos a seguir. Da ultima vez não a encontrei no sitio do costume. Vi um trem á porta da casa da familia. Perguntei quem era. Disseram-me que era... a parteira. Casaram-na. Vive feliz. Eu deixei o latim e fiz-me amanuense. Ganho hoje oito tostões cada dia.

Pegou no chapeu e na bengala e saiu sem me dizer mais nada.

* * *

Decididamente mudo de casa. O meu visinho escangalhou-me os nervos.

João Triste.

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 230 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3¼ monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 4 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 9 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

O dever da coherencia

No engrossamento progressivo e constante, ainda que moroso, das hostes republicanas, nos ultimos dezaseis annos, todos reconhecem, entre varios outros factores que o teem produzido, a acção preponderante dos nucleos republicanos que, depois da proclamação da Republica Brasileira e do *ultimatum* inglês de 1890, se formaram no seio das tres academias de Lisboa, Coimbra e Porto.

D'elles emanou, como é sabido, o vigoroso impeto de revolta que, propagando-se á mocidade das outras escolas e bramindo como um clarim de guerra aos ouvidos das classes neutras, até então adormecidas e indifferentes aos destinos do paiz, fez despertar novas energias neste povo, cahido em collapso, e com elles radicou no espirito publico a convicção da inutilidade de todo o esforço de resurgimento patriotico, que não fosse inspirado no unico programma efficaz da solução da crise nacional: — a eliminação da monarchia, e a consequente proclamação da Republica.

D'esse esforço e d'esse programma, secundados por quasi todas as classes e tendentes á implantação do regimen republicano, resultou a formidavel campanha que fez repudiar o vergonhoso tratado de 20 de agosto e poderia ter feito em estilhaços o throno brigantino, se os então dirigentes do partido republicano tivessem sabido prevêr os acontecimentos e preparar as coisas para dominarem a situação, naquelle momento opportuno; e d'elles resultou ainda a actividade divergente e sem unidade, de numerosos elementos revolucionarios, que conduziram á aventura sangrenta e mallograda do 31 de janeiro.

Mas todo o impulso patriotico, republicano e revolucionario, da mocidade das escolas, ficaria quasi esteril, após aquella jornada desastrosa e tragica, se a geração academica que com ella se tornou solidaria, ao abandonar os bancos escolares para entrar na chamada vida pratica, não se impuzesse o sagrado dever de, tanto em homenagem á memoria dos mortos e ao heroico sacrificio dos vencidos, como por convicção politica e dedicação civica, manter uma attitude de irreductivel intransigencia com a corrupção monarchica e protestar altivamente contra as podridões do regimen.

Esparsos pela terra portuguêsa, labutando honradamente pela existencia, encontram-se ainda, na posição erecta de revoltados, muitos dos antigos companheiros de lucta, que se não venderam aos especuladores da quadrilhagem monarchica, rotativa ou dissidente, a troco de empregos publicos e promessas de «*brilhante carreira politica*», e muitos outros que teem mostrado possuir a energia moral sufficiente para resistirem, com penoso sacrificio por vezes, ás solicitações do proprio interesse, em circumstancias precarias de vida.

Muitos, porém, teem desertado, indo offerecer a sua intelligencia e a sua actividade aos miseraveis chefes politicos de um regimen moralmente fallido, que, em manifestos violentos e em documentos publicos que firmaram com os seus nomes, arguiram de causa primacial das desgraças da Patria: uns, levados sómente por desmedida ambição de poderio ou por ostentações de vaidade, visto terem conquistado no magisterio superior, na clinica ou no fôro, posições honrosas e independentes, e acharem-se em condições materiaes prosperas, ou perfeitamente desafogadas; outros, dotados de menos aptidões intellectuaes ou com menor capacidade de adaptação social, compellidos em alguns casos ao abandono da causa por que nobremente combateram, mercê de pesados encargos de familia, precipitadamente constituida, ou de embaraços e privações insuperaveis, de que só poderam libertar-se enfeudando-se a um cacique monarchico que os collocou á mesa do orçamento.

Para os primeiros, ambiciosos e vaidosos vulgares, sem força de caracter, nenhuma attenuante existe para a sua vergonhosa apostasia: desertaram como traidores, o maior numero para os partidos rotativos e alguns para o grupo franquista, que por sua vez trahirão tambem no dia em que esses agrupamentos perderem a esperança no poder, ou lhes não satisfizerem a avidez de engrandecimento pessoal.

D'estes, poucos são os que illudiram a espectativa dos seus contemporaneos. Comediantes de politica, a sua passagem pelo partido republicano serviu-lhes apenas para se collocarem em evidencia e attrahirem as attenções dos chefes politicos da monarchia, a quem se venderam.

Dos segundos, é preciso desconhecer o seu viver intimo antes da transigencia em que cahiram, ou nunca ter passado privações materiaes, para lhes não perdoar o não possuirem uma tempera moral excepcionalmente resistente, que os tornasse capazes de supportarem, e acabarem por vencer, as mais rudes inclemencias. Tendo a consciencia de que a sua abjuração forçada os deprime no seu proprio conceito e na consideração do povo republicano, repudiam intimamente o acto que a força imperiosa das circumstancias os levou a praticar e, não obstante terem modificado a sua conducta externa, conservam comtudo integra a fé nos seus generosos ideaes e não perderam, por isso, o direito á nossa benevolencia e sympathia.

Os outros, porém, os que, sem necessidades instantes da vida material, renegaram o seu passado politico e trahiram a confiança que nelles depositou o partido republicano, esses só podem merecer-nos o mais soberano desprezo.

Vem de longe, entre a academia de Coimbra, a tradição republicana. Já em 1848, algumas centenas de estudantes, a cujo numero pertencia o fallecido Casal Ribeiro, assignavam e dirigiam aos estudantes de Paris uma mensagem de felicitação pela Revolução de fevereiro e pela implantação da segunda Republica, fazendo calorosos votos pelo advento d'ella a Portugal. Assassinada aquella Republica pela traição de Luiz Bonaparte, a geração coimbrã de 48, hoje extincta, sumiu-se toda na voragem da corrupção monarchica, sob o governo de Rodrigo da Fonseca, Fontes e seus discipulos.

Depois de 1862, apparece a gloriosa geração revolucionaria, na arte e na politica, a que pertenceram como os mais illustres Anthero de Quental, Theophilo Braga, José Falcão, Manuel d'Arriaga, Eça de Queiroz e Emygdio Garcia. Succedem-se novas gerações quasi estereis, em que predomina o bacharelado videiro e sem ideaes, mas em que apparecem, de longe em longe, figuras superiores, como Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, Eduardo Abreu e Azevedo e Silva.

Nas outras escolas e academias de Lisboa e Porto, o mesmo acontece, até que em 1890 os dois factos já indicados veem, como em Coimbra, lançar na até então minguada phalange republicana, a élite intellectual e moral da mocidade academica.

As novas gerações escolares que, depois d'aquella, teem passado por Coimbra e pelas outras escolas, teem continuado nobremente a conservar e fortalecer os mesmos nucleos republicanos de propaganda e acção.

Honra lhes seja.

Por cada deserção que se tem dado nas nossas fileiras, entre os que se curvaram ás miserias ou ás seducções da vida pratica, dez ou doze novos combatentes, vigorosos e enthusiastas, teem vindo das academias preencher esse vacuo e engrossar constantemente as forças republicanas.

Um dever indispensavel e sagrado devem, porém, impôr-se todos os que, durante a vida academica, se lançam abertamente na lucta pela Republica: o de manterem mais tarde, depois de largarem os bancos escolares, uma attitude coherente com as suas passadas affirmações politicas, e intransigentemente hostil á monarchia e aos seus homens.

Ao entrar no combate contra a realeza, não é a hypothese mais favoravel da sua proxima queda, a que deve prevêr-se como a mais provavel; mas a de que obstaculos poderosos e imprevistos lhe permittirão prolongar ainda por muitos annos a sua affrontosa existencia, e exigirão um longo e penoso esforço para se chegar a demoli-la.

Fazer publicamente a affirmação da crença republicana, é assumir perante a propria consciencia o perante o paiz o compromisso solemne de, sempre e em todas as circumstancias da vida, combater a monarchia e pugnar pelo advento da Republica, e portanto de sustentar invariavelmente a attitude erecta e altiva de intransigente republicano.

Deixar de respeitar e cumprir este compromisso, pode ser, segundo as circumstancias, ou uma apostasia ignominiosa e injustificavel, ou uma abjuração susceptivel de attenuação ou desculpa; mas é sempre trahir desairosamente a confiança popular na palavra dada aos nossos concidadãos.

João de Freitas.

DUAS PALAVRAS

Effeitos da Fusão

Em chinelos e «robe de chambre» o sr. capitão Dias, commandante em chefe de todas as baterias de «Prócesso», recebe de mau humor o seu novo impedido, Freitas, que, jovial e redondinho, se vem rebolando com a cesta das compras no braço.

— Dá licença, meu capitão?

— Entra.

— Oh! meu senhor, a praça está um inferno; tudo pela hora da morte. Por meia duzia de votos já sorvados pediram-me um dinheirão; o carneiro está carissimo e acho que o melhor será, prò grande dia, mandar matar um burro; bem guisadinho com as batatas não ha eleitor que desconfie. Parece-me optimo, um burro.

— Comtanto que não seja progressista. A vida dos correligionarios é sagrada. Que mais trouxeste?

— Duas piadas malandras ao Dr. Malva do Valle e um guarda-costas para mim, não vá elle correr-me como áquella procissão que V. Senhoria sabe.

— Tens mêdo?

— Não senhor, isto é prudencia; a proposito, trago aqui uma lembrançasinha muito terna do sr. Fortunato d'Almeida... Estava na horta, representando a Morgadinha de Val-Flôr, quando me viu passar. Manda este cabazinho de tomates para V. Senhoria.

— Que tolice! D'isso tenho eu cá muito e melhor. Guarda-os para ti que bem precisas. Adeante. Compraste o vinho?

Impedido, coçando a cabeça:

— Comprei, comprei, mas...

— Mas, o quê?

— E' que, mas...

— Explica-te desgraçado!

— E' que...—cahindo de joelhos — bebi-o, meu capitão!

Rideau.

ECHOS

A primeira nota

Bem lhes diziamos nós. O classico golpe de *tantan* já fez apparecer no palco movimentado da politica portuguêsa os srs. João Franco e José Luciano na primeira postura da annunciada fusão.

E', para principiar, uma mera concentração eleitoral que implica para os representantes a defeza de aspirações batidas nos sinceros platonismos theoricos dos programmas com que os partidos monarchicos costumam *épater* a opinião.

Mas pela frequencia do ludibrio de reclamações que se não cumprem e em que nem sequer se crê, pela immoralidade d'uma união entre pessoas que exprimiram largamente o seu odio reciproco em ultrajes e insultos, pelo intuito de habilidade mystificadora que se traduz em cada attitude, em cada palavra, em cada movimento dos politicos que a monarchia educou nos habitos da sua impenitente corrupção, o publico, elucidado e desilludido, formula sobre os primordios d'essa hypocrita fusão o gesto condemnatorio do seu desdem.

Ha jornaes que affirmam marcar ella o fim do rotativismo amaldiçoado, affirmação que nós só comprehendemos que seja feita com o fim de mystificar ainda mais. Pois não vêem todos que é, pelo contrario, a consolidação do rotativismo e que o sr. José Luciano que succedia até agora sósinho ao sr. Hintze Ribeiro, succederá d'aqui em diante acompanhado do sr João Franco que soffria já o desespero d'um ostracismo irremediavel?

E os senhores verão depois as reclamações esquecidas, os programmas abandonados, as aspirações substituidas pela execução do que á monarchia convem que se faça para deshonra e perdição do paiz!

—

A actriz Virginia

A penna brilhante do distincto critico theatral do nosso presado collega *A Lucta* — Braz Burity, lançava ha dias ao publico um appello sobremaneira sympathico, e que, ao que parece, tem encontrado um acolhimento favoravel da restante imprensa de Lisboa.

E' o caso da grande actriz Virginia, a mais legitima gloria feminina da nossa scena, a amorosa cuja vida artistica tem deixado por palcos portuguêses, ha trinta annos para cá, um luminoso traço de genio e a enternecida vibração de uma grande alma que tudo sacrifica á sua Arte — encontrar-se hoje cansada, esgotada, velhinha e doente, e pela disposição d'uma lei que de modo algum pode ser applicada áquella creatura d'eleição, ser obrigada a trabalhar ainda num *surmenage* cruel a que os seus nervos que tanto têm vibrado, em luminosas crystalisações de Belleza, não podem, nem devem ser sujeitos.

Virginia é d'aquellas personalidades que têm direito á gratidão do seu paiz que a deve conservar carinhosamente, commovidamente, revendo-se na sua gloria, amando-a pelo muito que ella foi, sem ter a crueldade de lhe exigir o sacrificio da sua saude e do socego que ella tanto soube merecer.

A iniciativa de Braz Burity é, pois, justissima e a ella enthusiasticamente adherimos.

A reforma da grande Artista impõe-se como um dever e crêmos que para esta obra se congregarão todos aquelles que, uma só vez, tiveram occasião de admirar Virginia, que são todos que d'ahi por diante a ficaram amando.

—

Explicação

No nosso ultimo numero dizia-se que o sr. Dr. Vasconcellos, espirito ardente e progressivo, já puzera os telephones na Virgem e que ia comprar uma bicyclette de roda livre para o seu menino. Estamos profundamente consternados porque isto deu logar a que varias pessoas, umas, as candidas, sinceramente interessadas por assumptos de ordem religiosa e antegosando já o espectaculo edificante d'um novo e extraordinario milagre, outras, as perfidas, desejosas de annunciar mais um escandalo para a Egreja — nos dirigissem longas e impressionantes missivas perguntando se «o menino» a que nos referimos era o assás conhecido e bem conceituado bambino Jesus de Nazareth, filho de Maria, ou se era alguma loura e robusta creança, filha do sr. Dr. Vasconcellos.

Em nome da lealdade jornalistica e ante a face austera da Historia, aqui declaramos, para que o saiba o mundo e se calem boccas malevolas, que era ao primeiro que nos referiamos, pois que estamos absolutamente convencidos que o sr. Vasconcellos jámais concebeu.

—

Remedio infallivel

Alli um heroe d'Africa que faz o serviço de *fachina*, limpando a casa da redacção do nosso collega — *A Folha de Coimbra* — voltou a fazer tôrpes insinuações ao caracter do nosso valioso correligionario sr. dr. Malva do Valle.

Já lhe respondeu d'um modo claro e terminante o nosso querido amigo, de modo que não conseguimos explicar a insistencia do idiota senão pela falta de momentos lucidos.

E para que elles se repitam por mais vezes, ha só um remedio, mas este infallivel: — o ammoniaco, capitão, o ammoniaco.

—

No Credito Predial

Pelos modos os dois chefes do rotativismo, que, ao sairem do Terreiro do Paço dão ingresso no Credito Predial, têm feito alli asneira grossa.

Os accionistas espirraram forte nas ultimas assembleias geraes e o «Immaculado», tremelicando das pernas, deu explicações de Calino em sua defeza.

Para exemplo lá vae uma.

Luciano Monteiro increpava violentamente, sobre negocios de administração interna, o portentoso estadista da Anadia.

Resposta do homem:

— V. Ex.ª que está para ahi a fallar que chega a parecer alguem é um pelintra que só tem dez acções... Ora, é melhor que se cale...

A phrase não será a authentica mas o *summo* é absolutamente este...

A moralidade d'um argumento d'esta ordem para rebater affirmações d'um accionista que verbera de corrupta uma administração, é toda, integralmente Immaculada...

Só falta o Offenbach para mette-la em musica!

—

Illusões

Nos «Estudos Sociaes», revista catholica mensal que se publica nesta cidade, um collaborador, Carlos Martel, num artigo faz largas e balofas considerações defendendo a participação do clero na vida politica activa dos Estados Modernos.

Que doce illusão Sr. Carlos Martel!

Os padres não podem nem devem exercer direitos politicos.

«O meu reino não é d'este mundo» dizia Christo. A missão do padre sendo um apostolado, a sua acção só se fará sentir nesse mundo ideal e invisivel que se creou na imaginação de Jesus.

Houve uma epoca, é certo, em que o clero afastando-se d'esse reino de phantasia, se intrometteu nos destinos das nações, na vida real e visivel dos Estados.

As consequencias foram fataes para o desenvolvimento das civilisações.

Por toda a parte o padre foi e é um terrivel inimigo do progresso e da liberdade. E este vicio não é exclusivamente do padre catholico, é do padre em geral.

«Chenilles ou papillons, c'est toujours la même bête» disse acertadamente Renan.

Listas republicanas por Lisboa

Domingo ultimo, na reunião dos delegados das commissões parochiaes, foram definitivamente approvadas as duas listas de candidatos republicanos para as proximas eleições por Lisboa.

Os enthusiasticos applausos e as sinceras saudações com que foram votadas por acclamação essas listas, por todos que assistiram a essa reunião, são uma prova bastante eloquente do grande prestigio de que gosam os illustres correligionarios indicados para representar os dois circulos d'aquella cidade.

Figuram nellas nomes respeitaveis. Uns, professores dos mais distinctos das nossas primeiras escolas superiores. Outros, advogados e medicos de valor reconhecido e provado. Todos com uma larga folha de serviços devotados á causa republicana, com uma honestidade, com uma independencia e uma superioridade de caracter raras.

Havendo todas as probabilidades do triumpho republicano na capital, a escolha não podia ser melhor, porque a administração dos nossos negocios publicos precisa d'uma escrupulosa fiscalisação no parlamento, e os candidatos votados possuindo todas as condições de talento, de saber, de eloquencia, de energia e de combate, essa fiscalisação ha de fazer-se certamente com efficacia.

E porque, as referidas listas nos merecem o mais completo applauso e a mais profunda sympathia por todas as razões, aqui registamos com prazer e com orgulho a nossa justa homenagem aos illustres propostos.

O proximo numero da *Patria* publicará um artigo do sr. Heliodoro Salgado.

Será o mesmo?!

Lembram-se os nossos leitores de que sob esta epigraphe publicámos em o n.º 2 do nosso jornal uma carta do nosso amigo e eminente correligionario sr. dr. Malva do Valle, em resposta a umas insolencias da *Folha de Coimbra*.

O sr. dr. Teixeira de Carvalho fez na *Resistencia* umas considerações sobre essa carta que tambem publicou, e é suggerida por ellas a carta que nos é enviada e que gostosamente publicamos a seguir.

Caros amigos e camaradas:

Peço-lhes a publicação da seguinte carta que tambem enviei para a *Resistencia*.

De V. amigo certo e correligionario

Malva do Valle

Ex.mo Sr. Redactor da *Resistencia*

Só hontem, 3 de abril, tive conhecimento das considerações que V. Ex.ª fez á minha carta e por isso só hoje o incommodo pedindo-lhe a publicação do seguinte:

Tenho sempre o maximo respeito pela opinião sincera seja de quem fôr e por isso a discuto quando contraria a minha maneira de pensar.

Diz V. Ex.ª que a expressão «herdar uma influencia» não é democratica.

Herdar uma influencia não é herdar votos nem consciencias, porque isso é um absurdo. O que se pode herdar, o que realmente herdei, foi a gratidão d'algumas pessoas a quem os meus prestaram beneficios. Aquelles mais facilmente seguem o meu conselho, do que o de outros cujos ascendentes aqui não tenham vivido, por não ter nelles a mesma confiança. Já vê pois que herdar influencias não é herdar votos nem consciencias, mas sim maior facilidade em os conseguir; e nesta accepção, unica possivel, é perfeitamente democratica a expressão.

Diz mais que o facto de eu usar d'uma votação que não posso aproveitar em beneficio do meu partido, lhe não parece democratico tambem.

Eu fui aggredido pelo facto de ser republicano e na impossibilidade, demonstrada na minha carta, de orientar esses votos para o meu partido e visto que fatalmente tinham de seguir individuos monarchicos, dirigia-os para aquelles que mais respeito manifestavam pelo meu credo politico.

Era mais democratico (deixando ficar esses votos onde estavam) augmentar a influencia, portanto a força d'aquelles que se serviam d'ella para me hostilisar pelo facto de eu ser republicano?

Entendo que não.

Diz por ultimo que eu não repellia a insinuação que me era feita de proteger a politica hintzacea. — Mas deixando ficar esses votos onde estavam, protegia a politica progressista.

Não protegia nem uma nem outra e simplesmente, como provei na minha carta, me defendia a mim.

Fica assim claramente exposta a minha opinião sobre tal assumpto. Mas, apesar desta maneira de ver, *declaro* que abandono essa influencia porque não quero dar occasião a que qualquer republicano, seja quem fôr, se julgue mais correcto do que eu.

De V. Ex.ª

Malva do Valle

S. Silvestre, 4 de abril de 1906.

Não fazemos por ora commentarios. O nosso illustre amigo dr. Malva do Valle que não necessita do nosso apoio, exige-nos que o deixemos absolutamente só.

E até ver...

Centro Republicano Academico

Reuniram-se na quarta-feira passada os estudantes republicanos filiados no Centro, a fim de tratar varios assumptos e de tomar conhecimento do projecto de lei organica do partido, que deve ser apresentado ao congresso geral do mesmo partido.

Foi nomeada uma commissão que ficou incumbida de estudar esse projecto, tendo de apresentar os seus trabalhos concluidos na primeira reunião que se realisar depois de ferias de Paschoa.

* * *

No proximo domingo de Paschoa, no comicio de propaganda que em Santarem se realisa, usarão da palavra os nossos camaradas do Centro Republicano, Carlos Olavo, Carneiro Franco, Ramada Curto e José Montez.

«Folha de Coimbra»

Com relação a uma nova insinuação que este jornal faz ao nosso correligionario e amigo dr. Malva do Valle e de que só hoje, por nós, teve conhecimento, no proximo numero conversaremos mais largamente.

De Lisboa

6 de abril

Ha, por vezes, na uniformidade dos typos que vivem num grande centro como Lisboa, fóra da inesthesia banal do chapeu de côco burguez, da *cartola* da burocracia elevada e dos maltrapidos que pedem esmolas pelas esquinas, certas creaturas de destaque que passam á historia, que se notam nas ruas, porque ellas trazem comsigo qualquer coisa de inconfundivel, que não permitte ao olhar que uma vez as fixa, classifica-las em qualquer dos typos dominantes que constituem a população da cidade. Muitas vezes essas creaturas são typos das ruas que, ainda passado muito tempo depois de terem desapparecido da scena da vida, perduram na memoria da geração que os conheceu e passam na tradicção ás que depois d'ella vieram. Esses quasi sempre têm uma historia, picaresca ou tragica, mas conhecida, popularisada na multidão. Mesmo essa multidão que os conhece e que lhes faz a lenda, lidou intimamente com elles, acotovellou-os nas ruas, chorou com o seu romance triste, riu com a sua farça desopilante.

São assim o «Rei da Madureza», o «popular José Augusto», a «preta do mexilhão» e tantos outros que, aos poucos, têm desapparecido, com a destruição do Passeio Publico, a abertura de largas Avenidas, a entrada do Ramalho Ortigão das «Farpas» para o convivio dos «immortaes» do Arco a Jesus, a invasão dos carros electricos e o cosmopolitismo de S. Luiz Braga — que, ás doses, divulga o *boulevard* na terra das alfaces. Lisboa, differente já da Lisboa de Eça de Queiroz, perdeu todo o seu pittoresco, e não dá positivamente para sustentar um typo. Quando alguns ainda apparecem não são espontaneos, são copiados e caem a breve trecho, exactamente pela sua artificialidade. A prova do que affirmo está em que o senhor Dantas, por exemplo, como ainda ha dias aqui disse, *não se aguentou* e hoje é tenente medico da guarda municipal. Baudelaire não se aclimatou no nosso paiz e d'ahi a queda. Mais moderno ainda temos o Arte-Nova, o dandy-cau telleiro, contrafacção nacional do *camelot* excentrico de Paris e, como todos sabem, o Arte-Nova tambem desappareceu. Quando não desapparecem naturalmente é a Ordem então que os obriga a confundir-se com a massa anonyma, para que o seu exotismo não ponha uma mancha berrante no camafeu da civilisação contemporanea. Assim o José da Tapada foi preso e mandado, creio eu, para o Limoeiro, á espera de ir viajar por conta do Estado, até á costa d'Africa.

Mas, ha ainda uma outra classe de typos muito curiosos. São os que, ao contratrio dos primeiros, se isolam aristocraticamente do vulgo que apenas lhes presume, ao topar com elles, uma vaga, imprecisa e reservada historia. O quanto aquelles procuram soffregamente a populaça que os applaude estes receiam-na, fogem d'ella, talvez por uma aristocracia toda de pelle, ou ainda porque, mais divergente que a linha externa do seu typo, nelles haja differenciações subjectivas irreductiveis, isolando-se, na consciencia da sua extravagancia, receiando o choque irrefragavel e, certo, doloroso.

Ora succede que acaba de morrer, ha dias, uma creatura estranha, pertencendo a esta ultima classe. Foi a condessa de Farrobo, — Maria das Dôres Farrobo, morta no hospital de S. José e enterrada em cova rasa, no Alto de S. João.

Eu conhecia-a. Era uma velhita andrajosa, muito pallida, com uns tenues indicios de que devia ter sido bella nos seus tempos, de que, sobre a sua pelle branca de mulher loira, assentariam bem os collares de perolas custosas, e entre a frouxa caricia d'um decote de rendas se devia ter mostrado, nos festins das Laranjeiras, ao som dos violinos, sob o brilho esplendido dos lustres, um perfeito collo de mulher. Agora, só sahia de noite, embrulhada num chale esburacado, com a saia preta arrastando a poeira dos *trottoirs*, muito rente das paredes, fugindo até da luzerna que sahia das lojas. Parecia que o seu desejo era occultar-se, reduzir-se. Se acaso nos acontecia fita-la um pouco mais, ou roçar por ella na passagem, logo ella se encolhia toda, medrosamente, aggressivamente, como um gato que se sente atacado e prepara a defeza. Passavamos e ei-la que fugia, olhando ainda a furto para traz, olhando até nos perder de vista. E uma vez, numa scena d'essas a que assisti na alameda de S. Pedro d'Alcantara, porque um garoto ao cruzar com ella lhe chamasse «bruxa» —, via-a depois tombada sobre um banco, arquejante, resfolegando alto, numa crise em que o corpo todo lhe tremia como um vime. E tão enrodilhada, tão miseravel me appareceu, que me acerquei, perguntei-lhe o que tinha. Ergueu-se de repente, disse «chamo um policia» e quiz gritar. Eu afastei-me e ouvi-a resmungar ainda: «garoto», «malandro»... Chamavam-lhe maluca, e numa pharmacia, ao Principe Real, onde á noite se reunem estudantes e onde ella, ás vezes, entrava a comprar um vintem de qualquer coisa, — quasi sempre mostarda, linhaça, um sinapismo, de que me parece que se servia para debellar uma tosse secca que, a espaços, a sacudia toda, — vi-a, uma vez, olhar de tal forma para um alferes de cavallaria que se sorrira ao ve-la entrar, que o rapaz baixou os olhos e corou, vexado. Noutras occasiões espreitava furtivamente á porta e, se via alguem, fugia logo, ia postar-se do outro lado da rua, á espera que o ultimo sahisse.

Contou-me o dono da pharmacia uma scena curiosa de que foi elle a unica testemunha. E' o caso que, em frente do estabelecimento, ha um palacio, d'uma familia brasileira muito rica. Uma noite, creio que pelo Natal — a Farrobo entrou alli. As janellas do palacete fronteiro estavam todas illuminadas, trens paravam á porta, tirados por parelhas de luxo, trintanarios abafados em pelles abriam respeitosamente as portinholas, e viam-se branquejar *toilettes*, plumas, coisas caras e delicadas, envolvendo corpos galantes de mulheres que entravam, subiam a escadaria monumental seguidas por sujeitos graves. Depois a porta fechava-se de novo e só, nas janellas, passavam vagamente sombras de homens e de mulheres, volteando enlaçados, num rythmo que fazia adivinhar uma walsa dolente. Maria das Dôres Farrobo ficou muito tempo alli, sem dizer palavra, fitando aquillo. Nisto, pára um novo trem á porta. Soprando a brasa d'um charuto desce um sujeito apressado. Um garoto, descalço e miseravel, approxima-se pedindo esmola e é repellido. E logo a Farrobo, num grito, chama o pequeno, que vem desconfiado, dá-lhe um pataco que trazia para pagar a linhaça ou a mostarda habitual e diz-lhe radiante, vibrando toda:

— Toma, dou-te eu! Toma lá...

Depois sahiu, sem comprar o que queria...

Caso curioso d'um orgulho abatido que tem d'estes rasgos e acaba num hospital miseravelmente, depois de ter sido a mulher mais adulada do seu tempo, rainha pela belleza, como o homem que lhe dera a posição e o nome, era rei pela fortuna e emprestava dinheiro aos governos dos reis de nascimento que, até hoje, creio eu, ainda lh'o não pagaram...

Só, se o desconto da divida foi feito nas despezas do enterro, com que, numa carreta d'hospital, foi conduzida ao Alto de S. João a condessa de Farrobo.

Timido

Adhesões patuscas

O sr. Reitor da Universidade interpretando o sentir quasi unanime do corpo docente d'este estabelecimento de ensino, acaba de adherir calorosamente á serie de manifestações de homenagem com que *amigos e admiradores* pretendem festejar o sr. Abel d'Andrade, director geral de instrucção publica.

O *Primeiro de Janeiro* entende que este facto traduz bem o apreço em que o «*douto* estabelecimento tem a obra fecunda e renovadora do illustre homem publico a quem o *paiz* tanto deve».

O paiz?! Ora essa! Os amigos e admiradores d'aquelle funccionario, é o que por certo queria dizer o nosso collega portuense.

Nós não vemos — e comnosco está de accordo certamente toda a gente esclarecida — em que fosse fecunda e renovadora a obra do sr. Abel d'Andrade.

Em todos os problemas de instrucção em que a sua acção se tem feito sentir, os effeitos têm sido verdadeiramente desastrosos para os progressos de ensino.

Os nossos homens publicos até aqui, tentando de tempos a tempos uma modificação para occultar a sua exagerada incuria no que respeita ás questões de educação, têm cuidado mais em reorganisar programmas, descurando por completo o que é essencial, fundamental para a efficacia da instrucção, que é o problema do methodo.

Examine-se as ultimas reformas dos lyceus e dos estudos universitarios. O que logo resalta é a multiplicidade de assumptos de toda a natureza, alguns dos quaes de nenhuma utilidade pratica, que os professores têm de infiltrar no cerebro dos discipulos.

Sobre o methodo de ensinar, a respeito dos processos, faceis, simples e rapidos pelos quaes os mestres devem exercer uma salutar suggestão nos espiritos dos alumnos, quanto ao modo de recrutamento dos professores, sobre estas e outras questões importantes que devem ser a base de todas as reformas, nada se tem legislado, nenhuma alteração se tem feito, nem a mais ligeira modificação se tem introduzido.

Nestas circumstancias o que é que o paiz deve á direcção geral de instrucção publica, cujo chefe é hoje festejado e banqueteado?

«O MUNDO»

O tribunal da Relação de Lisboa, na sua sessão de sabbado ultimo, absolveu este nosso querido collega revogando uma sentença do tribunal da Boa Hora num dos processos intentados em janeiro ultimo.

Lembramo-nos perfeitamente da esplendida defeza do eminente advogado, nosso correligionario e amigo, Dr. Affonso Costa, na qual com uma rara proficiencia demonstrou a improcedencia da accusação por falta de provas legaes.

Pois a Relação de Lisboa annullou a sentença condemnatoria da 1.ª instancia, baseando-se precisamente no fundamento juridico apresentado por aquelle distincto causidico.

Ha muito que em Portugal o Poder Judicial tem dado provas de pouca independencia e de nenhum respeito pela lei. Nunca estranhamos todos os actos de immoralidade praticados pelos tribunaes de 1.ª instancia, porque os seus membros são creaturas escrupulosamente escolhidas, não para fazerem justiça, mas a fim de satisfazerem os mesquinhos caprichos dos governos.

A deliberação tomada pela Relação no processo em questão, é um louvavel symptoma da efficacia dos tribunaes superiores, um acto de verdadeira e merecida justiça feita a um jornal que prima pela audacia com que diz todas as verdades, pela altivez com que combate o regimen, os seus processos, os seus homens.

Folgamos muito com o triumpho do *Mundo*. E ao mesmo tempo que aqui deixamos expressa a nossa homenagem de respeito ao brilhante advogado Dr. Affonso Costa, mandamos um grande abraço ao nosso querido amigo França Borges.

Conferencia

Sabbado, 7, o nosso querido amigo Carlos Amaro, realisou na Figueira da Foz, no Centro José Falcão, uma conferencia sobre o thema: *O Operariado e a Republica*.

Analysou a questão social e fez a sua historia especialmente em Portugal. Em seguida demonstrou como a monarchia era uma causa de miseria e de immoralidade, e apresentou as vantagens que uma Republica que tire toda a sua força do elemento popular, pode trazer á resolução do problema economico.

O nosso camarada foi muitissimo applaudido pela numerosa assistencia. A' conferencia presidiu o Snr. Cassiano Ribeiro, que de Coimbra fôra a acompanhar o conferente.

Absolutismo em Portugal

Admira-se o nosso distincto collega o *Mundo* dos jornaes governamentaes não darem qualquer desmentido ao boato que tem circulado a proposito da iniciativa que o chefe do estado tomou e com a qual visa beneficiar a situação da classe militar.

Já não nos admiram a nós estas e outras manifestações de verdadeiro absolutismo, não só porque já estamos acostumados a ellas, como tambem estamos convencidos de que só por actos de absolutismo desenfreado a monarchia conseguirá prolongar por mais alguns momentos a sua agonia.

O que nós admiramos porém, é a paciencia do povo, o qual, apezar das constantes violações feitas á carta constitucional, ainda se não dispoz a tomar por sua vez uma grande iniciativa.

Queira o povo abrir os olhos e dispôr-se a isso, que nós cá estamos incondicionalmente ao lado d'elle para o ajudarmos, tanto quanto pudermos.

Até esse grande dia, nós cá estaremos para apontar ao povo a viciação do regimen, não deixando passar sem registo todos os factos que de tal o possam convencer, e... intimamente desejamos que se repitam, pois que assim mais brevemente elle se convencerá.

Karl Larsen

Acha-se entre nós este distincto escriptor dinamarquês, um dos bons amigos que o nosso paiz conta no estrangeiro.

O professor Larsen, intelligencia do mais puro quilate, tem traduzido algumas obras litterarias portuguêsas, com a proficiencia d'um erudito e profundo conhecedor da nossa lingua.

Deve-se-lhe a versão das cartas da freira portuguêsa Marianna Alcoforado, e publicou ultimamente um livro — O bello Portugal — em que se mostra um apaixonado admirador das bellezas naturaes do nosso paiz que de novo percorre agora, em viagem d'estudo e de recreio.

Saudamos cordialmente o distincto hospede, fazendo votos para que elle leve para o seu bello paiz gratas recordações da nossa terra.

Pontos de vista

.....?

As ferias de Paschoa veem abrir um parenthesis de folga na estopante vida dos academicos que não gastam horas nocturnas em descantes ás luas do seu conhecimento, nem destiam as horas somnolentas das aulas á força de romances e leituras rapidas, onde amorteçam a virulencia contaminante do verbo cathedratico.

E é de cada um fazer as malas e preparar as suas melhores graçolas coimbrãs para empasmecer a população voraz de ditos adoutorados, nas boticas sertanejas d'estas terras da Lusitania.

Toca a burnir o verniz que alguns annos de bancadas escolares e mesas de cafés crearam obrigando o provincianosinho a mostrar-se aos poucos, pelas esburgaduras do cobrimento.

Os comboios abarrotam de mocidade estouvada e, pelas estações fóra, onde um restaurante se tope, correm creados velozes a cerrarem hermeticamente as portas, não vão alguns freguezes academicos, de esfomeados, engulir talheres e mais adornos expostos nas mesas de pasto. Porque é de espantar a voracidade de academicos em viagem e a rijeza elephantica de taes estomagos... No Entroncamento, á passagem d'um comboio de estudantes, foi notada a falta de vinte e seis talheres!! Os patifes tinham-n'os engulipado!

Vá, rapazes que bateis as azas até Paris, as ultimas palletadas no francês.

A' pressa e já o pé no estribo ainda algum mais esquecido pergunta a Mr. Plessis: — *Comment vous portez vous?* não é verdade? diabo de memoria. .

E ahi vae esse grupo de rapazes cheios de audacia espantar Paris num francês de ponta e mola, arrastar por ahi fóra a magia da capa e batina, conjunctamente mostrando, por as casas do Petit Carraux aos palacios dourados das mais caras Rigolboches, a força elastica da mola portuguêsa que creio ser ainda a unica maneira de se poderem manifestar, bem lusitanamente, os estudantes que, á pressa, enfardelam na mesma mala os ultimos significados de francês e os pares de meiás para as mudas.

Decerto, alagados pela agitada vida da grande cidade, energias novas despertarão, creando desejos vagos, suscitados por mil seducções que a multidão das ruas incita, as luzes accendem, a algazarra vergasta e vultos de femeas agitam como caril irritante nos nervos pouco usados na monotona vida coimbrã. Vão surgir vivos, alegres, meridionaes, em pleno boulevard, lançando uma nota rapida da vertigem bohemia da alta pelas noites de descantes a deshoras em vesperas de feriado. Paris será d'elles por umas horas e então virá a occasião de mostrar, a par da confirmação da boa alegria portuguêsa na sua expansão plena, os sonhos de justiça e ideal que corações do sul sabem acalentar e vivificar. Que horas deliciosas esses rapazes serão capazes de passar em Paris lançando um grito bem português por esses boulevards fóra, mostrando que além de Hintze, homem serio, e Zé Luciano, phantasma, existe uma mocidade de sangue na guelra, capaz de um dia levantar a patria de Camões a altura tal que a faça conhecida, mais do que hoje é pelo simples verso d'um revisteiro. Estas viagens devem ter a grande vantagem de lhes alargar o espirito e fazer nelles esta força de iniciativa de que tanto carecemos, dominados por um passado fradesco e praxista que ainda nos prende pelas guellas. E' em contacto com a vida da grande capital do mundo, onde a cada canto uma ideia germina e uma revolução se engendra, que o coração trará um desejo de progresso e de trabalho. Mas tambem será extremamente desolador sentir como é tão finamente certa a phrase de Singer, explicando que para cá dos Pyrineus a Africa começa. E d'esta vez, estou de crer, Singer mudará d'opinião.

Tem corrido para ahi, entre estudantes pouco affectos á viagem já se vê, que ninguem sabe o francês resultando esta viajata num fiasco porque nem pio largarão e serão assim incomprehensiveis para toda a gente, não contando, claro, aquella parte da população que, pelos seus attributos especiaes, é de facil convivio mesmo a linguas mudas. E me affirmaram muitos que levam bastas tenções de demonstrar que a palavra é inutil, em linguas sabias, quando se desce ao amago das coisas.

Posso todavia affirmar que o comité pensou e ponderou sabiamente o assumpto e de todo removeu as graves difficuldades que surgiriam de dar ás linguas academicas a mera applicação de espanadores. Entre o grupo, a commissão nomeou oradores officiaes, que de largo se veem preparando no estudo de substanciaes discursos bastamente repetidos, para que o orador não chegue á occasião e se sinta emperrado, o que seria um grave desastre. Notar-se-ha que estes nada mais farão.

A outros encarregou o estudo d'uns questionarios breves e eloquentes, para serem consultados por algum francês mais curioso sobre as nossas coisas; e, alem d'estes, ainda alguns meramente encarregados do papel de figurantes a quem só é permittido e licito as phrases de admiração com alguns *ouis* ou *mercis* de permeio.

Assim tudo sanado, tudo marcado e medido. Restava somente que, quando em plena actividade, esta machina não fôsse perturbada no seu exercicio, por exemplo por algum curioso indiscreto que desejasse averiguar se mais alguma coisa continha o oradôr e portanto a elle se dirigisse á cata de resposta ás suas averiguações. Comprehende-se que o oradôr ver-se-hia na cruel necessidade de tornar a impingir novamente o discurso pois não tinha nenhum dos seus pensamentos rasoavelmente traduzido pelo util sr. Plessis. Então, para que este caso se não dê, um membro do comité mal a ultima palavra tem soado nos labios do oradôr, corre pressuroso e nas costas lhe suspende o letreiro — *Vide* — e os curiosos afastar-se-hão procurando nas costas dos restantes a taboleta onde diga — *information*.

Primoroso de criterio.

Singer vae mudar de opinião, estou de crêr.

Thomaz Vireloque.

Catastrophe de Courrières

Quizeram os operarios de Lisboa, á semelhança dos seus camaradas do Porto, realisar, ha dias, um bando precatorio em favor das familias das victimas de Courrières, ideia generosa e sympathica que teve já realisação pratica nos grandes centros da Europa e da America. Só o governo português, reaccionario e medroso, arbitrariamente, estupidamente até, não podia deixar de mais uma vez affirmar ao mundo civilisado, a sua desorientação e o seu despotismo.

As associações operarias que tinham tomado essa iniciativa, e que nunca tinham sonhado sequer que lhes fosse negada auctorisação, acabam de reunir-se e deliberar no caminho a seguir. Ficou resolvido comunicar á imprensa francêsa a resolução do governo português em perfeito desaccordo, como sempre, com o pensar e sentir do nosso povo que tão dolorosamente recebeu a noticia d'essa catastrophe.

Muito bem, embora esta resolução vá ferir o patriotismo hypocrita de meia duzia de monarchicos que ha pouco se revoltava contra identico processo, quando das perseguições á imprensa.

E' necessario que a Europa saiba quanto somos esmagados nos nossos direitos, que essa apregoada liberdade é pura invenção e que os nossos protestos e as nossas revoltas têm razão e muita razão de ser.

Não esperamos, é certo, que a opinião da imprensa franceza venha influir de qualquer modo sobre a maneira de proceder dos nossos governantes.

Não. O que nos basta, o que nós queremos é ter a certeza que amanhã, quando o povo se resolver a acabar com isto d'uma vez para sempre, a imprensa estrangeira nos ha-de dar o seu grande e justo appoio.

Excursão a Paris

A's 6 horas da manhã de hontem, partiu para aquella cidade um grupo de estudantes de Coimbra, o qual, juntamente com os de Lisboa e Porto que aderiram á excursão, vai em visita aos seus collegas parisienses.

Já ha bastantes annos que, regularmente, a academia de Coimbra, ou melhor, um pequeno grupo de academicos de Coimbra, a titulo de estreitar laços de amisade com academias estrangeiras — hespanholas — partia em peregrinações recreativo-explorativas, para o que se fazia acompanhar de tunas e annexos.

E' claro que nem sempre regressavam aos patrios lares com a alegria na alma e o jantar no estomago, isto porque o povo do seculo XX — portuguez ou hespanhol — já não vai com tocatas e muito menos com cantatas.

Porém a excursão que a Academia de Coimbra juntamente com as de Lisboa e Porto agora faz, em nada se assemelha áquellas, e para isso o Comité organisador resolveu afastar d'esta as tunas e tudo o mais que pudesse dar logar a quaesquer duvidas sobre os sentimentos dos estudantes que nella tomaram parte.

Merece-nos calorosos applausos este procedimento, tanto mais que achando-se de rastos pelo estrangeiro o nome português, mal pareceria, mais ainda, seria uma verdadeira affirmação da decadencia portuguêsa se a nossa mocidade intellectual fosse — como andam os nossos governos — em reles pedintarias de saltimbancos *auferir as massas necessarias* p'ra... pandega.

Não! Os estudantes portuguêses comprehenderam d'esta vez a sua missão.

A excursão a que nos referimos só tem em vista tornar pessoaes e vivos os conhecimentos que os estudantes portuguêses já tinham das academias francêsas e dos grandes mestres do pensamento.

RAPSODIA

Uma Maternidade em Coimbra

O curso do 4.º anno medico resolveu fundar nesta cidade uma Maternidade e, annexa, uma Consulta d'amamentados. Na circular que esse curso enviou á imprensa veem expendidos os motivos de tal resolução. Esses motivos resumem-se na seguinte passagem: «os alumnos d'esse curso resolveram fazer a sua despedida de Coimbra com a iniciação d'uma obra de altruista beneficencia e publica utilidade, que perpetue a sua confraternisação e radique as recordações da sua mocidade.»

Esta bella iniciativa, destacando na charra e amorpha vida academica, onde as bellas iniciativas são tão raras como são abundantes as bellas cabelleiras, onde as intelligencias se dissolvem ou se pervertem e as proprias linhas physionomicas se esbatem e confundem na mesma nota de bohemia suja — essa bella iniciativa despertou um intenso movimento de sympathia e o successo vae-a coroando da sua aureola d'oiro. Apraz elogiar, uma vez por tantas que é indispensavel accusar ou condemnar.

E o caso é que, de tão pouco acostumado estar um homem a gastar tempo e recursos em elogios e lambugens, lhe é extremamente difficil encontrar expressões por que traduza a vontade e a alegria de bem dizer. Tanto é certo que aquelles que uma vez se destinaram a luctar e a castigar só podem conhecer o vocabulario da indignação, da raiva e da dôr. De tal forma o fim a que se destinaram se apossa d'elles, de tal forma a bocca se lhes habitua á blasphemia e á irreverencia, que, se um dia deparam com uma boa obra, o retalho d'um coração ou a chama d'uma alma, como que ficam confundidos, não encontrando um gesto, uma inflexão, uma phrase que á justa signifiquem o prazer que tal facto lhes causou. Quem inteiramente e sinceramente se lançar a um caminho, com alguma Ideia que o aqueça e o illumine, lhe tome o sangue e a carne, o envolva de embriaguez e de fogo, a custo achará dentro de si palavras d'amor ou faustos d'enthusiasmo que não sejam para essa Ideia resplendente, que de longe lhe sorri como uma seducção viva. E' nesses momentos que se sente bem profundamente toda a verdade d'essas palavras do velho convencional dos *Miseraveis*, olhando, da caverna para onde a vida o havia atirado como a um lobo, o céo azul e dôce: «Oh! Ideal! Só tu existes!»

Tudo nos foge, nos atraiçoa, nos morde, nos vende, nos empeçonha. A propria sombra do corpo nos escapa. Não somos sequer senhores do halito da propria bocca. A cada instante o vento nos rasga os vestidos e as faces, e a cada passo nos surprehendemos completamente nús, sosinhos no meio do caminho deserto, bloqueados pela noite. Dentro de nós e fóra de nós só arde essa luz bemdita. Parece que todas as coisas e todos os seres, todas as tyrannias e todas as cobardias nos esmagam como massas de chumbo e nos prendem os pulsos como os anneis d'uma serpente. Só distende os nossos musculos essa força bemdita. E essa luz e essa força nos salvam.

Não é isto?

Veiu este rosario de mal resadas contas a proposito ou a desproposito de o 4.º anno medico haver resolvido fundar nesta cidade uma Maternidade e, annexa, uma Consulta d'amamentados. Diziamos que essa iniciativa provocou em nós uma vontade enorme de dizer bem, mas que o nosso vocabulario não tem d'essas estrallejantes girandolas de preciosidades estylisticas com que é d'uso solemnisar todos os actos da vida nacional, inclusivé o ter-se realisado em Santo Antonio dos Olivaes uma sessão de tiro aos pombos presidida pelo reitor. A nossa intenção fica manifesta, e isso basta.

Estudantes, a nossa admiração por essa bella obra d'estudantes é tambem um pouco a esperança de que a academia se vá convencendo de que o seu papel neste mundo não é só engrollar a sebenta e seduzir a visinha.

Antonio Granjo.

OS LIVROS

Com o titulo *O Fim da Monarchia*, publicou Alfredo Pimenta um pequeno volume de critica e combate ao regimen monarchico, que se impõe á nossa attenção por qualidades que eu destacarei no decurso d'esta noticia.

O Fim da Monarchia representa, em primeiro logar, da parte de Alfredo Pimenta, anarchista militante, um acto de isenção, uma independencia de dogmatismos de escola que lhe valerá, pela certa, as censuras do impenitente sectarismo libertario e que a mim proprio surprehendeu, costumado como estava a vê-lo commungar no mesmo exagero pernicioso que os torna tantas vezes irritantes.

São raros os livros de critica e doutrina politica, entre nós, onde elles são absolutamente necessarios como meio therapeutico a applicar á falta de orientação geral d'uma sociedade que decahe precisamente pelo desinteresse de que enferma e que resulta como qualidade peculiar da inconsciencia da maior parte. De modo que, ao primeiro aspecto, o opusculo d'Alfredo Pimenta tem, além da actualidade que o seu titulo indica, e que coincide effectivamente com o periodo agonico do regimen que parece não querer morrer sem levar o ultimo recurso e a derradeira parcella da honra nacional, o merito d'uma utilidade indiscutivel.

Escripto com forma clara, marca-se tambem pelo methodo e consciencia da sua critica e pela audaciosa verdade que lhe imprime um tom de vivacidade e de violencia que os absurdos odiosos da monarchia e as pustulas moraes d'uma dynastia inteira absolutamente justificam.

Assim Alfredo Pimenta abre o seu opusculo pela analyse doutrinaria da monarchia e nella faz a demonstração, amplamente fundamentada, da sua inferioridade theorica de regimen condemnado perante as exigencias da moderna orientação politica dos espiritos.

Os defeitos, os erros, os vicios são menos dos homens do que dos principios. Ha systemas politicos que para funccionarem necessitam, por força da logica da sua organisação, do impulso e da sancção da consciencia nacional; são os chamados regimens da opinião, sem a qual não podem viver nem fructificar, e dentro da qual a corrupção é de muito difficil viabilidade. E' o que acontece nas republicas, de que é exemplo frisante a França, onde os governos para se manterem teem de girar dentro das linhas imperiosas d'um programma politico que corresponde ás reclamações soberanas da nação e que reflecte, consequentemente, as exigencias do seu estado evolutivo.

Nas monarchias, regimens de ficção e de privilegio, sem raizes na consciencia dos povos, o processo da sua manutenção consiste em degradar os caracteres, corrompendo-os, em opprimir os espiritos, perseguindo-os.

Como o espaço nos falta, permitta-nos Alfredo Pimenta que passemos por cima da historia justa que faz da dynastia ultima e do seu disfarce constitucional de 80 annos, que nos merecerá, de resto, artigos frequentes da *Patria*, escriptos com a ancia fremente de que acabe um jugo immoral, vilipendioso para a nossa dignidade de cidadãos e para o prestigio d'um paiz que tem na sua historia alguma coisa mais do que esse periodo escuro de traições e cobardias que é marcado pelo advento do duque de Bragança.

Nas suas conclusões reconhece o auctor o que a implantação da Republica representa como facto de alta politica e como condição essencial de moralidade governativa e, para garantia do cumprimento dos compromissos tomados para com o povo, tem a confiança que lhe merece a honestidade comprovada das primeiras figuras do partido republicano.

E' um livro honesto, sincero, consciencioso, logico, que se impõe á consideração dos espiritos.

C. O.

Iniciativa municipal

Informam-nos que o sr. Silvio Pellico, vice-presidente da camara municipal d'esta cidade, foi encarregado de elaborar o relatorio e regulamento da assistencia ao operariado ao serviço do municipio.

Já em tempos o mesmo sr. vereador apresentára um relatorio sobre a reducção do horario dos operarios que trabalhavam nos fornos do gaz.

Folgamos bastante com as iniciativas de caracter social que a referida camara tem ultimamente tomado.

A assistencia ao operariado, a reducção nas horas de trabalho, a creação d'um tribunal de arbitros avindores, ha pouco inaugurado, tudo isto entra no numero das nossas reivindicações sociaes.

A acção da camara municipal é generosa e humana, embora a dentro dos restrictos limites das suas attribuições. Aqui registamos, pois, os nossos justos e sinceros applausos, e oxalá as outras collectividades congeneres do paiz acordem com tão salutar exemplo.

Candidatos Republicanos

Circulo n.º 15

Lisboa (oriental) — 1.º e 2.º bairros de Lisboa, concelhos de Alemquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures e Villa Franca de Xira.

Affonso Augusto da Costa (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio José d'Almeida (Dr.) Medico.

Antonio Luiz Gomes (Dr.) Advogado.

Augusto Cezar d'Almeida Vasconcellos Correia (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.

Circulo n.º 16

Lisboa (ocidental) — 3.º e 4.º bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sobral de Mont'Agraço e Torres Vedras.

Alexandre Braga (Dr.) Advogado.

João Duarte de Menezes (Dr.) Advogado.

João José de Freitas (Dr.) Advogado e professor.

Paulo José Falcão (Dr.) Advogado.

Pedro Antonio Bettencout Raposo (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Circulo n.º 5

Porto (oriental) — 1.º bairro do Porto, Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel.

Antão de Carvalho (Dr.) Advogado.

Antonio Augusto Cerqueira Coimbra (Dr.) Proprietario.

Antonio da Silva Cunha, Commerciante e proprietario.

Francisco Xavier Esteves, Professor e engenheiro.

José Ferreira Gonçalves, Commerciante e proprietario.

Circulo n.º 6

Porto (ocidental) — 2.º bairro do Porto, Bouças, Maia, Povoa de Varzim, Santo Thyrso, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaia.

Antonio Florido da Cunha Toscano (Dr.) Medico.

Joaquim de Azevedo Albuquerque (Dr.) Professor da Academia Polytechnica.

José Bessa de Carvalho (Dr.) Proprietario.

José Nunes da Ponte (Dr.) Medico.

Antonio de Padua Correia, jornalista.

Circulo n.º 7

Aveiro — Os concelhos do districto administrativo.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.

Sebastião de Magalhães Lima (Dr.) Jornalista.

Antonio Luiz Gomes (Dr.) Advogado.

Angelo Rodrigues da Fonseca (Dr.) Lente.

Albano Coutinho, Proprietario e viticultor.

Circulo n.º 8

Coimbra — Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemór-o-Velho, Penella e Soure.

Bernardino Luiz Machado Gulmarães (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio Augusto Gonçalves, Professor.

Francisco José Fernandes Costa (Dr.) Professor e advogado.

Joaquim da Silva Cortezão (Dr.) Medico.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr.) Jornalista.

Circulo n.º 21

Beja — Os concelhos do districto administrativo.

José Jacintho Nunes (Dr.) Advogado e agricultor.

Augusto Baeta das Neves Barreto, (Dr.) Medico.

Verissimo de Almeida, Professor do Instituto de Agronomia.

Antonio Aresta Branco, (Dr.) Medico e proprietario.

Celestino Germano Paes de Almeida, (Dr.) Medico.

AMENDOAS

NA CASA INNOCENCIA, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra.

Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variaveis desde 280 até 650 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, *mas não gesso* nem outras cousas prejudiciaes á saude.

Mandam-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir.

Ha tambem *doces* de diversas qualidades e artigos de *mercearia*.

Vendas pelos minimos preços possivel.

Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebuçados e confeitos desde 1 1|2 até 10 70, conforme as quantidades que comprarem.

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne*, *Galand*, *Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço . . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 5 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 16 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Não temos homens!

Toda a gente para quem a questão capital portuguêsa é a questão financeiro-administrativa tem o costume de dizer e repetir, com a irritante monotonia d'um realejo, que o partido republicano não tem homens á altura da missão de resolver taes diffficuldades; e que, por conseguinte, mais vale deixar estar a monarchia do que proclamar a Republica!

Baldadamente lhes apresentamos homens como Bernardino Machado e Sousa Larcher, isentos pela edade do perigo das precipitações jacobinas, e entre os mais novos, os homens de criterio ponderado, de estudo, de reflexão, reconhecidos por todos como capacidades financeiras de primeira ordem: Antonio Luiz Gomes, Basilio Telles, Duarte Leite.

A nada se movem.

A monotona cantata de que o partido republicano «não tem homens» continúa a produzir-se.

Realmente, homens como os que tem tido a monarchia, não os temos, felizmente.

Nem financeiros como Mariano de Carvalho, como Mattoso dos Santos, como Teixeira de Sousa, como Espregueira, homens que, apesar de todo o seu saber e experiencia, têm posto o paiz a pedir, fazem falta no nosso partido.

Falta fizeram-nos Oliveira Marreca — um santo a quem Alexandre Herculano chamou «o primeiro economista português»; e Rodrigues de Freitas, illustre professor de Economia Politica na Academia Polytechnica do Porto, que com tanta proficencia versou questões financeiras no parlamento; e Teixeira Bastos, auctor illustre do estudo *A Crise*.

Se o paiz, em vez de ter sido administrado falperricamente pelos grandes homens da monarchia, ao serviço dos interesses *brigantinos* (de *brigands*, salteadores), tivesse sido administrado por Oliveira Marreca, Rodrigues de Freitas, Sousa Larcher, Bernardino Machado, Teixeira Bastos, Antonio Luiz Gomes, Basilio Telles, Duarte Leite, o paiz, tão rico pela fertilidade do seu solo como pela capacidade de trabalho e de intelligencia dos seus filhos, não estaria na miseranda situação de ruina em que se encontra.

Mas os «grandes homens» da monarchia não servem o paiz: servem o rei. Isto é: servem a confusão dos dois erarios. Dão ao rei e á familia, á custa da nação, e sem a nação ser ouvida, tudo quanto o rei e a familia exijam, na sua insaciavel sede de ouro e de pandega.

Depois, ha sempre um Carrilho para a falsificação habilidosa dos orçamentos, encobridor remunerado devidamente, de todas as trapaças financeiras de governos ladrões.

A capacidade financeira dos servidores da monarchia foi agora posta á prova na questão dos tabacos.

O governo regenerador não soube resolve-la e cahiu.

O governo progressista não soube resolve-la e cahiu.

O unico que a soube resolver, sob o ponto de vista pessoal, foi o rei — que já está pago da sua *sabedoria*. E, como já está pago, volveu aos regeneradores que por incapacidade tinham já cahido.

O que vão fazer os regeneradores?

— O monopolio — attentado a um tempo contra a liberdade da industria e contra os interesses do Estado.

Entretanto, o partido republicano, apesar de «não ter homens» propõe a unica solução acceitavel, fóra da liberdade de industria:

«Já que essa industria é tão fabulosamente lucrativa, chame-a o Estado a si, explore-a em beneficio do thesouro.»

E o que respondem os «grandes homens» da monarchia?

Affirmam-nos a sua incapacidade, a incapacidade do Estado, a incapacidade do regimen, dizendo-nos que a administração dos tabacos por conta do Estado seria tão ruinosa, como o tem sido a administração do paiz!

Egregios financeiros!

Assim, pois, elles o dizem: os financeiros da monarchia são impotentes para nos salvar — porque estão ao serviço d'um pavoroso cancro roedor que devora tudo.

Assim, pois, que fazer?

Proclamar a Republica.

Governo de opinião, de discussão, de fiscalisação, de responsabilidade, a Republica fará o que a monarchia não pode nem quer fazer.

Mas, emquanto não fazemos a Republica, votemos em candidatos republicanos.

Elles, no parlamento, fiscalisarão a obra dos monarchicos, não os deixando continuar a sua tarefa da ruina d'um paiz para o enriquecimento illegal d'um homem e d'uma familia.

A' urna, pelos candidatos republicanos!

Heliodoro Salgado.

DUAS PALAVRAS

Preveniu o «Diario Illustrado», orgão do sr. João Franco, de que não trataria de politica durante a semana santa para só nos descrever as bem conhecidas torturas de Nosso Senhor Jesus Christo.

Entre cinco milhões de pessoas, soffrendo todas as angustias que hajam por bem decretar os pharizeus da regeneração, e os supplicios supportados por uma pessoa, demais a mais estrangeira, ha perto de dois mil annos, a bocca prophetica do sr. João Franco emmudece para as primeiras e, em attitude de Magdalena, s. ex.ª põe-se a chorar copiosamente ao lembrar os successos tragicos do Calvario e arredores. E' este um curioso caso de sensibilidade retrospectiva.

Não nos admira que, mais dia menos dia, o mesmo sr. João participe egualmente que por morte de Adão e Eva, seus primeiros paes, não tratará por algum tempo da questão dos tabacos e que pelo estado de consternação em que se acha não faz convites especiaes — ou, dado o caso bem natural em pessoa de tão vasta cultura, que s. ex.ª, seguindo as theorias darwinistas, se considere, para honra e gloria de todos os conselheiros, descendente do impulsivo e formidoloso «pithecus», nada nos surprehenderá que appareça amanhã no «Diario Illustrado», tarjada de negro, a sensacional noticia: «Está de lucto o nosso querido chefe politico e conselheiro João Franco pela morte lamentosa do seu muito amado tio, o sympathico e intelligente Gorilla, que no meio dos mais atrozes soffrimentos acaba de soltar o ultimo suspiro num elegante «chalet» do Jardim Zoologico, onde vivia. Ao saber a infausta noticia peorou dos seus padecimentos o sr. Conselheiro José Luciano que tambem é da familia.»

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A differença que ha entre a forma por que os partidos monarchicos apresentam os seus candidatos e a maneira como o faz o partido republicano é profundamente significativa da moralidade dos processos dos primeiros e da opportunidade das ideias do segundo.

Os monarchicos limitam-se a recommendar perante o ministerio do reino os nomes de creaturas ou incorrigivelmente imbecis para não dizerem nada ou sufficientemente indignas para serem discretas e o ministerio do reino faz, com a promptidão do costume, as devidas nomeações.

O partido republicano escolhe, em primeiro logar, numa assembleia do partido, aquelles dos seus membros que revestirem as melhores condições de palavra, de caracter, de trabalho, de estudo, e apresenta-os ao suffragio dos eleitores. A recommendação perante estes é feita pelos proprios candidatos que em conferencias, em comicios, nos jornaes, em palestras, procuram incutir-lhes a justiça dos seus principios, a honestidade dos seus propositos, a efficacia da sua acção.

Este procedimento deriva da orientação democratica que deve regular todo o trabalho do partido republicano e a acceitação enthusiastica que por parte do povo tem a palavra sincera dos seus tribunos, attesta a verdade que elles proclamam e a necessidade da sua implantação immediata.

A monarchia, por seu lado, não tem virtudes que a tornem defensavel e se as suas promessas de liberdade são reconhecidamente d'uma hypocrisia incontroversa, não ha senão roubo e corrupção nos seus processos eleitoraes, torpeza nos seus processos administrativos, violencia e despotismo nas suas manifestações de auctoridade.

De modo que ao povo não teem os monarchicos nada que dizer; o povo é que terá um dia de lhes dizer, por forma conveniente, que se considerem despedidos.

—

Mudanças

Consta que o actual ministerio pouco tempo se manterá no poder, sendo substituido por outro presidido pelo João Franco a fim de *dar força* á colligação liberal.

A substituição d'um bando de farçantes por outro de esfaimados ambiciosos não elimina todos os crimes e todas as delapidações com que os partidos monarchicos têm ludibriado a nação. Que importa pois que esteja Hintze ou Franco & Luciano no poder?

Alerta! que os bandoleiros monarchicos neste levantar de arraial estão trahindo o povo e a nação.

Conselheiro Abel d'Andrade

No «Janeiro» de quarta feira um snr. Amadeu Cunha começa assim um seu artigo:

«Di-lo «Zaralhustra» o propheta inclemente: «A vontade é a maiz alta virtude». Mas essa voz que parece já ter commovido, pela bocca d'Eschylo, e com a sua eloquencia sombria e cheia de mysterio, a patria sagrada dos Deuses, dos Poetas e dos Heroes, fica sem echo, incomprehendida.»

A que proposito julgam os leitores veem estas eruditas e formosas fallas? Que diabo terá o snr. Amadeu com o Eschylo e o Zaralhustra com o snr. Amadeu?

Não teem nada. Quem tem é o snr. Conselheiro Abel d'Andrade e o banquete que lhe offereceram, a respeito dos quaes o snr. Amadeu Cunha deita longo artigo laudatorio. Ora vindo isto a proposito d'um jantar quer-nos parecer que o senhor Director Geral d'instrucção publica não precisaria ao sentar-se á mesa que Zaralhustra lhe viesse dizer que a vontade é a mais alta virtude. Sua Ex.ª gosa, felizmente, de bom appetite e, que assim não fosse, para aperitivo, um propheta inclemente como era o tal Zaralhustra, considera-lo-hia decerto muito inferior ao Vermouth.

Demais é assás conhecida a boa bocca do snr. Conselheiro Abel d'Andrade que, espirito liberto de preconceitos mesquinhos, é homem para comer os prophetas todos e o proprio snr. Amadeu Cunha em pessoa.

Faça-lhe féstinhas co'o Zaralhustra e depois queixe-se, senhor Amadeu...

—

«O Marchante»

Este nosso collega que se publica nesta cidade, transcreveu os «*Effeitos da fusão*» da secção «*Duas Palavras*» do ultimo numero do nosso jornal.

Agradecemos e aproveitamos a occasião para o felicitar pelo seu 3.º anniversario.

—

A Santissima Trindade

Ha uns poucos de dias que a imprensa monarchica nos vem enchendo os ouvidos com louvores ao snr. Hintze e a quem *todo lo manda*, por causa d'essa illegal portaria dos tabacos.

Até o «Seculo» que com tanto empenho atacou o contracto de 4 d'abril, o que, agora se vê, foi mais por interesses da companhia dos phosphoros do que por amor do paiz, vem com musica e foguetes festejar e defender a dita portaria. E para que essa defeza fosse mais brilhante e não enfastiasse os leitores com a sua financeira avidez, houve por bem o snr. Silva Graça manda-la illustrar com as veneraveis effigies do Rei, do Hintze e do Teixeira de Sousa.

Pena é que o director do «Seculo» não lhe tenha juntado a sua, pois nesse caso o triumpho teria sido completo. A sua excessiva modestia, porem, não lh'o permittiu...

Que grande abnegação!..

—

La bête... está d'accordo

Do sr. Padre Manuel Justino Telles, de Braga, recebemos, devolvido, o n.º 4 do nosso jornal, em cuja margem o reverendo, alludindo a uma phrase d'um *Echo* d'esse numero, escreveu: — por «dever de coherencia» *la bête*, como *acertadamente* disse Rénan, devolve o papelucho.»

Ficamos scientes e ainda bem que sua reverencia está d'accordo comnosco.

—

Adiamento

Foram adiados para o dia 6 de maio os doutoramentos que estavam marcados para o dia 29 d'este mês, dia das eleições.

Seria para os da *charanga* poderem ir votar?

Politica em Coimbra

A monarchia constitucional está evidentemente em fallencia aberta; comprovam-no as successivas nomeações de governadores civis para Coimbra. Em curto espaço de tempo estivemos em *Festas*; acabaram-se as *Massas*, fomos para o *Prego*.

E' para aqui que a tyrannia e a corrupção dos bandos infamissimos que nos governam têm atirado o paiz.

—

Salgueiro

Não é o pittoresco Padre Salgueiro do Fradique Mendes tão admiravelmente descripto pelo Eça.

Salgueiro é mais um collaborador dos «Estudos Sociaes» revista catholica, e, se por acaso é padre, certamente deve ser tambem muito pittoresco.

Ora o sr. Salgueiro attribue ao Christianismo a paternidade do movimento de rehabilitação da mulher.

O' sr. Salgueiro, nunca mais diga semelhante disparate!

Christo foi destruidor de toda a ordem, de tudo quanto ha de eterno, o trabalho, a vida.

Elle negou a mulher, a terra, a permanente fecundidade das coisas e dos seres.

E' falso que o Christianismo tenha sido favoravel á mulher.

A emancipação da mulher tem-se feito lenta e progressivamente como consequencia logica do desenvolvimento das instituições, da evolução das ideias, do aperfeiçoamento dos costumes.

E que estranho erro, sr. Salgueiro, citar Jesus como legislador social, elle que viveu numa sociedade totalmente differente da nossa, numa parte do nosso planeta bem diversa, num tempo fundamentalmente outro!

A INSUBORDINAÇÃO

Os gravissimos acontecimentos que tendo o seu romantico começo a bordo do cruzador «D. Carlos», tragicamente se vieram reflectir na tripulação do couraçado «Vasco da Gama», e que ameaçam conduzir á revolta todos os soldados da marinha portuguêsa, acabam de lançar no meio da nossa monotona e acovardada existencia, uma nota ardente e corajosa que não pode deixar de impôr-se pela sua energia e principalmente pelo alto exemplo de camaradagem dado por algumas centenas de homens resolutos.

Não pretendemos de maneira alguma discutir o melindroso assumpto, sobre o qual jornaes de Lisboa guardam tantas e tão justificadas reservas. Sentimos não obstante que o acto d'esses soldados que candidamente sonharam unir ás leis da ferrea disciplina a que estão sujeitos, as suas vagas chimeras de libertação, surprehende pelo seu heroismo e faz calar palavras de reprovação na bocca dos mais sisudos criticos.

Neste meio de covardia e de egoismo habitual em que vivemos, esses homens do mar, rudes e simples, impõem-se pela valentia e pela forte solidariedade que assim os une nesta hora heroica e desgraçada.

Pela Universidade

Sob este titulo, o nosso collega o *Tribuno Popular* escreveu no seu ultimo numero o seguinte, que pedimos licença para transcrever:

«Quem auctorisaria o sr. vice-reitor da Universidade a cumprimentar o sr. director geral de instrucção publica em nome de todas as faculdades universitarias? E' o que toda gente pergunta no meio do interesse perfeitamente legitimo de pôr a claro uma resolução que poderia ter uma alta significação de respeito e de homenagem ou traduzir tão somente uma opinião individual que, embora respeitavel, não assume, de facto, senão uma significação restricta e simplicissima. E tão restricta e tão simples que nem nós d'ella nos occupariamos, se não soubessemos de fonte segura que o sr. vice-reitor, num desconhecimento assombroso da latitude das expressões de que usa, commetteu, de facto, um abuso de poder, cumprimentando quem quer que fosse em nome de todas as faculdades.

Reuniram por ventura as faculdades? Quando e como deram estas ao sr. vice-reitor da Universidade os poderes que elle se arrogou? O sr. vice-reitor apresentou a questão unicamente á faculdade de Direito, reunida para fim muito differente, e, com viva opposição, conseguiu colher uma frouxa adhesão ao seu proposito. Mas d'ahi até estender o caso a todas as faculdades vai uma distancia que, decerto, com maior reflexão, o sr. vice-reitor será, naturalmente, obrigado a medir.

Como certos homens, uma vez no poder, esquecem tão facilmente e tão lamentavelmente theorias e doutrinas de que se confessam defensores e apostolos enthusiastas fora d'elle!»

Não fazemos commentarios da nossa lavra aos factos ou á pessoa a que se refere o *Tribuno*, não vão por ahi dizer que são eternos odios de escolares que nos fazem fallar. Demais, opiniões ou protestos d'estudantes deixaram ha muito de ter o peso que outrora possuiam para que ingenuamente aqui nos pozessemos a gastar tempo e tinta sem resultados beneficos para ninguem. Não vale a pena; quando as arbitrariedades tomam as proporções de que fala e pasma o *Tribuno* não envergonham nem deprimem quem as commette, mas infelizmente aquelles que as supportam.

A' laia de curiosidade sómente fazemos notar o seguinte caso: no restricto espaço de tres mêses, o sr. vice-reitor tem a contar, dos estudantes da Universidade, um pedido d'exame medico legal, e, da parte dos lentes, o desmentido formal ás palavras amaveis que em nome d'elles, segundo diz aquelle nosso collega, S. Ex.ª enviára ao conselheiro Abel d'Andrade. Emfim, *post tot tantosque labores*...

Listas Civis

Confrontos eloquentes

O Sr. D. Carlos de Bragança, o supremo magistrado da nação portuguêsa, recebe, a titulo de lista civil, um conto de reis por dia, 365 contos por anno.

Muitos ingenuos acham que é pouco.

Nós, porém, que estamos a vêr as coisas claro, entendemos que a importancia é extraordinariamente fabulosa.

Porque em primeiro logar Portugal é um pequeno estado, de costumes simples e pacificos, de mediocres recursos financeiros e não póde, portanto, satisfazer tão grossa quantia que absorve uma consideravel parte da riqueza publica sem que o paiz receba em troca qualquer vantagem social apreciavel.

Ao mesmo tempo, em virtude dos absurdos da nossa administração, nós vivemos de emprestimos periodicos nas praças estrangeiras e gastamos duas terças partes da receita publica em pagar os juros d'essa divida.

Por outro lado pondo em confronto a monarchia portuguêsa com as monarchias inglêsa ou allemã, por exemplo, se nestas a lista civil é colossal, os dois paizes são sufficientemente endinheirados para não soffrerem com tão improficua despeza. Accresce que a vida da côrte portuguêsa está muito longe de se comparar com os habitos palacianos inglêses ou allemães tão tradicionalmente conhecidos pelo deslumbramento de fausto, pompa e apparato que os caracterisa.

Agora deixemos as monarchias e examinemos as listas civis das principaes republicas.

A França paga por anno ao seu presidente 216 contos. O presidente dos Estados Unidos recebe 45 contos. O da Republica Argentina, 32 contos e 400 mil reis. O do Mexico, 27 contos. O da Suissa, 3 contos e 200 mil reis. Etc.

E, comtudo, estas nações são muito prosperas, muito progressivas e ricas.

Além d'isso, os presidentes das republicas, attingindo a suprema magistratura pelo seu merito pessoal comprovado, têm legitimo direito a serem pecuniariamente compensados pelas responsabilidades que têm de assumir e encargos que têm de supportar no conflicto dos negocios publicos.

Ora a superficial analyse d'estes simples factos é bastante eloquente. E todavia ficamos assombrados como haja ainda quem encontre virtudes na monarchia, forma de governo que, sobre todos os seus mil vicios, alimenta um fundamental, o de tolerar na primeira magistratura um individuo pelo simples facto do privilegio pessoal do nascimento para a transformar num mero jarrão decorativo no grande Salão Nacional.

OS LIVROS

Da Monarchia para a Republica

(1883-1905)

Eis mais um novo livro que sob este titulo já se encontra desde hontem exposto á venda, e um dos primeiros exemplares é-nos offerecido pelo sr. Moura Marques, o conhecido e sympathico livreiro-editor, em nome do auctor, o nosso eminente correligionario, sr. Dr. Bernardino Machado.

Um grosso volume de 533 paginas, impressão cuidada, conjuncto excellente, o novo livro reune methodicamente os principaes discursos politicos, proferidos nos comicios publicos e nas camaras, as conferencias e outros escriptos varios d'aquelle illustre propagandista republicano.

O nome do sr. Dr. Bernardino Machado, uma das mais respeitaveis figuras do partido republicano português, impõe-se a toda a gente pelas impeccaveis qualidades de homem e raros dotes de professor que constituem o lado saliente da sua bella individualidade.

As suas conferencias, os seus discursos cheios de serenidade e de reflexão, são um repositorio util de idéas e principios sãos e educadores. Em toda a sua actividade de politico militante, elle tem procurado evangelisar. Lêr as suas producções, é receber lições proveitosas de civismo.

E, porque desejamos aprender muito com o seu novo livro, vamos lê-lo com o cuidado que justamente merece, para nos occuparmos d'elle mais de espaço.

No emtanto aqui deixamos expressos os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza da offerta, e ao editor, sr. Moura Marques, só temos a felicitar por vulgarisar tão salutares obras.

Dr. João de Deus Ramos

Esteve ha dias em Beja fazendo conferencias sobre o methodo de leitura de seu pae, o grande poeta João de Deus, o dr. João de Deus Ramos que continua na sua tarefa de propaganda do methodo, que tomou sobre si com extraordinaria dedicação de filho e admirador de João de Deus.

Tendo um verdadeiro culto pela obra de seu pae, tem sido o seu continuador, nessa bemdita cruzada contra os humilhantes 80 por cento de analphabetos com que este paiz, tão merecedor de melhor sorte, se apresenta aos olhos do mundo civilisado.

Desde a conclusão do seu curso o dr. João de Deus Ramos tem-se dedicado exclusivamente a essa obra, realisando conferencias em varios pontos do paiz e trabalhando em obras sobre o methodo, das quaes já publicou algumas e tem outras em preparação.

Tem feito muito, e muito ha a esperar que faça ainda, esse rapaz que, logo depois da sua formatura, quando os nossos bachareis, em regra, mendigam o logarsinho de administrador ou outro qualquer que lhes sirva de degrau para *se arranjarem*, se consagrou d'alma e coração a uma obra boa, procurando ser util a este desgraçado povo que tanto precisa de saber ler, para acordar do seu somno já bastante prolongado.

João de Deus, o primeiro poeta do amor não só de Portugal mas de toda a Europa, no seculo XIX, como disse Marco Antonio Canini, considerava o methodo de leitura a sua melhor obra.

Seu filho assim o comprehendeu e por isso a tem continuado como apostolo dedicadissimo.

Outros apostolos tem tido a grande obra de João de Deus e entre elles não devem ser esquecidos, principalmente, o honrado republicano Casimiro Freire, fundador e verdadeira alma da Associação das Escolas Moveis, e o sr. capitão Homem Christo que intelligente e energicamente se tem dedicado ao ensino pelo methodo de João de Deus, e que muito tem conseguido, apezar dos commentarios ironicos que por vezes se ouvem a outros, incapazes de fazer qualquer coisa util, só pensando na reles politiquice de campanario.

Por um lado esses dois, por outro lado João de Deus Ramos, e ainda muitos outros, todos teem collaborado na propaganda da *Cartilha Maternal*, mostrando praticamente os seus excellentes resultados e contribuindo para a instrucção do nosso povo.

Entre as corrupções e baixezas em que chafurda a nossa sociedade, é verdadeiramente consolador vêr-se figuras como estas, procurando o bem do paiz, ao contrario dos outros que procuram apenas o seu bem a troco do mal do povo.

João de Deus Ramos esteve agora em Beja, tem estado em varias outras terras, e continuará na sua peregrinação, espalhando o bem, com a sua bella intelligencia, a sua palavra eloquente e sobretudo com a consciencia do dever cumprido que é, no fim da vida, a melhor satisfação que o homem pode ter, como disse nos ultimos momentos o grande homem que foi Camara Pestana.

Continue, pois, e terá, quando chegar á velhice, essa satisfação superior a tudo.

J. C.

PELAS REITORIAS

Diz-se por ahi que o senhor Dr. Pereira Dias, reitor da Universidade, pediu a sua demissão e que egual pedido vae fazer o sr. Dr. Avelino Callixto, vice-reitor do mesmo estabelecimento scientifico.

Não é porque nos mereçam especial sympathia estas duas pessoas que nós vamos referir-nos ao seu pedido de demissão.

Quanto ao primeiro não nos esquecemos ainda que é a elle que se deve a expulsão de dois estudantes, quando das questões do Convenio; quanto ao segundo, o sr. Dr. Callixto, bastará recordar o pedido de exame medico-legal que para sempre ficará na historia dos fastos universitarios.

E' simplesmente o pedido de demissão que a estes senhores se attribue, coincidindo com a exoneração de varios reitores de lyceus, que nós vamos examinar com certo interesse.

Investigando os motivos de tal reviravolta na direcção das nossas escolas secundarias e superior, outras razões não podemos encontrar que não sejam os ultimos acontecimentos politicos ou seja a mudança de ministerio.

Uma mudança de ministerio, concluimos portanto, traz comsigo, alem da troca das auctoridades administrativas, a substituição dos reitores dos lyceus e da Universidade. Parece que nada devia ter a instrucção com a sahida dos progressistas e a subida dos regeneradores. Entre nós, porém, isso tem importancia e muita.

Julgamos que o facto da troca de logares entre o nosso Hintze e José Luciano em nada irá influir sobre a intelligencia e a maneira de proceder, justa ou injusta, dos referidos reitores.

Comprehende-se, adentro da logica monarchica é claro, que sejam nomeados novos governadores civis e novos administradores do concelho quando da queda dum governo, porque vivendo a monarchia apenas da burla e da força é-lhe absolutamente necessario que esses homens sejam da sua confiança.

Com os reitores dos Lyceus e da Universidade como comprehender, porém, tal medida?

Só se os governos teem a ingenuidade de suppor que amanhã esses reitores, atacados pelo microbio vermelho da opposição, saiam para a rua entoando a *Marselhesa* e a *Carmagnole* á frente dos romanticos e jovens estudantes portuguêses!...

E claro que nós não podemos suppor tamanha ingenuidade em quem tem mostrado tanta habilidade e é tão sabido em sortes de prestidigitação na gerencia dos dinheiros publicos.

E' portanto, mais uma vez ainda, a costumada interferencia da politica estupida da nossa terra em todas as questões. E' a continuação miseravel d'essa serie de prepotencias que o governo vem exercendo ha tantos annos em todos os ramos da actividade portuguêsa.

Desde o mais simples e pobre casamento na aldeia, em que o padre e o regedor interveem, oppondo todas as difficuldades á sua realisação logo que o noivo os não acompanhe á urna, até ás perseguições canalhas de que são victimas os poucos homens que ousam conservar a sua honestidade atravez de tudo, sempre a politica apparece com toda a sua côrte de calumnias e de intrigas.

Em Portugal não se faz uma estrada porque ella é necessaria á prosperidade d'uma certa região, não se funda uma escola porque uma determinada povoação a necessita. Não, tudo se faz apenas porque isso pode garantir a eleição de certo deputado que amanhã no parlamento ha-de obedecer fielmente á vontade do governo, embora essa obediencia traga comsigo um roubo ou uma affronta ao paiz de que é representante ou se diz ser.

O remedio para a cura da nossa politica esse só o povo o pode dar e o povo bem sabe qual elle é.

O que, comtudo, já se poderia fazer, se os professores de todas as escolas, secundarias e superiores, tivessem uma noção clara dos seus direitos e dos seus deveres, era acabar com esta arbitrariedade de lhe andarem constantemente a mudar os reitores, sem motivos razoaveis.

Para isso não teriam mais do que exigir, e não lhes seria difficil consegui-lo porque ao seu lado teriam a opinião, que só elles podessem livremente elege-los d'entre os seus membros.

E assim não teriam esses professores que queixar-se, como muitas vezes acontece, das suas prejudiciaes arbitrariedades, porque, não cumprindo elles, reitores, o seu dever, teriam aquelles o direito de os substituir.

Alem d'isso essas arbitrariedades seriam em menor numero, já porque os professores haviam de escolher os mais honestos e os mais intelligentes, já porque os reitores se não veriam escudados pelas protecções governamentaes.

Era assim que se procederia num paiz livre.

E. F.

Mulheres americanas

A titulo de curiosidade apresentamos aos nossos leitores uma estatistica, segundo um recente recenseamento, pelo qual se vê que nos Estados-Unidos, de 303 occupações exercidas pelos homens, em 300 trabalham tambem mulheres.

E' evidentemente effeito da forte corrente feminista que na grande e progressiva nação norte-americana se tem desenvolvido mais que em nenhuma outra parte.

Eis a estatistica:

193 ferreiras, 190 donas de cocheiras, 8 fabricantes de caldeiras, 126 chumbeiras, 409 electricistas, 1.041 architectas, 167 pedreiras, 545 carpinteiras, 45 estucadoras, 1.750 pintoras de casas, 211 forradoras de papel, 989 canteiras, 904 carreiras, 84 engenheiras civis, 1.668 empregadas em estradas de ferro, 48 empregadas em carris urbanos, 571 machinistas, 186 moleiras, 323 agentes funerarias, 5.574 barbeiras, 8.119 medicas, 807 dentistas, 11.031 artistas, 2.193 jornalistas, 1.010 advogadas, 3.378 prégadoras, 946 caixeiras viajantes, 10.556 agentes commerciaes, 85.246 caixeiras, 74.153 guarda-livros, 150.000 caixeiras vendedoras, 7.000 portadoras de recados, 3.000 carregadoras, 879 vigilantes e 86.118 dactilographas (que trabalham com machinas de escrever.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em

COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos.

Casa Elyseu da Silva, rua Larga.

Kiosque da Praça 8 de Maio.

Da «Tentação de Santo Antão»

DE

FLAUBERT

O Diabo vôa debaixo d'elle, estendido como um nadador, — de azas abertas, occultando-o todo, semelhante a uma nuvem.

ANTÃO

Onde vou eu?

Ha pouco pareceu-me entrever a fórma do Maldito. Não! Sou levado por uma nuvem. Talvez eu morresse e suba para Deus...

Ah! como respiro bem! O ar immaculado dilata-me a alma. Sou já sem peso! sem soffrimento!

Lá no fundo, por baixo de mim, estala o raio, o horisonte alarga-se, rios encruzam-se. Aquella mancha loira é o deserto, aquelle charco o Oceano.

E outros oceanos apparecem, immensas regiões que eu não conhecia. Eis alli os paizes negros que fumegam como braseiros, a zona das neves sempre esfumada por neblinas. Procuro descobrir as montanhas onde o sol se põe, todas as tardes.

O DIABO

O sol não se põe nunca!

Antão não se surprehende com aquella voz. Lembra-lhe um éco do seu pensamento, — uma resposta da sua memoria.

Entretanto, a terra toma a fórma de uma bola, e elle avista-a em pleno azul, girando sobre os polos, e em volta do sol.

O DIABO

Não fórma ella então o centro do mundo? Orgulho do homem, humilha-te!

ANTÃO

Agora mal a avisto. Confunde-se com os outros luzeiros.

O firmamento não é mais que um tecido de estrellas.

Vão subindo sempre.

Nem o mais leve rumor! nem mesmo o crocitar das aguias! Nada!... e eu debruço-me para ouvir a harmonia dos planetas.

O DIABO

Não has-de ouvi-los! Tambem não has-de vêr a antichtona de Platão, o fóco de Philolaus, as espheras de Aristoteles, nem os sete céos dos Judeus com a vastidão das aguas por cima da abobada de crystal!

ANTÃO

Lá de baixo, parecia solida como um muro. E afinal penetro-a, vou por ella dentro!

Chega diante da lua, — que se assemelha a um pedaço de gelo redondo, banhado de luz immovel.

O DIABO

Era outr'ora a habitação das almas. O bom Pythagoras tinha-a até enfeitado de aves e de flôres magnificas.

ANTÃO

Não vejo lá senão planicies desoladas, com cratéras extinctas, sob o negrume do céo.

Vamos para aquelles astros de mais dôce brilho, contemplar os anjos que os têm nas mãos, como fachos!

O DIABO

leva-o para o meio das estrellas.

Attrahem-se e repellem-se. A acção de cada uma resulta das outras e contribue para ella, — sem nenhum auxilio, pela força de uma lei, unica virtude da ordem.

ANTÃO

Sim!... sim! a minha intelligencia apprehende isso! E' maior esta alegria que os prazeres da ternura! Sinto-me offegante, cheio de pasmo diante da enormidade de Deus!

O DIABO

Como o firmamento, que se eleva á medida que vaes subindo, assim elle crescerá sob a ascensão do teu pensamento; e has-de sentir augmentar a alegria, concordante com essa descoberta dos mundos, nesse alongamento do infinito.

ANTÃO

Ah! mais acima! mais acima! Sempre! Sempre!

Os astros multiplicam-se, scintillam. A Via-Lactea, no zenith, desenrola-se como uma facha immensa, com aberturas de onde a onde. Nessas fendas que lhe interrompem a claridade, alongam-se espaços tenebrosos. Ha chuvas de estrellas, nimbos de oiro em pó, vapores luminosos que fluctuam e se dissolvem.

Por vezes, um cometa passa de subito; depois recomeça a tranquillidade das luzes incontaveis.

Antão, de braços abertos, apoia-se aos dois córnos do Diabo, occupando assim toda a envergadura d'elles.

Lembra-se, com desdem, da ignorancia dos antigos dias, da mediocridade dos seus sonhos. Ei-los, pois, ao pé d'elle, esses globos luminosos que contemplava lá de baixo! Distingue o encruzamento das suas linhas, a complexidade das suas direcções. Vê-os vir de longe, e suspensos como pedras numa funda, descreverem as suas orbitas, desenvolverem as suas hyperboles.

Avista, num só olhar, o Cruzeiro do Sul e a grande Ursa, o Lynce e o Centauro, a nebulosa da Doirada, os seis mil soes da constellação do Orion, Jupiter com os seus quatro satellites, e o triplo annel do monstruoso Saturno! todos os planetas, todos os astros que os homens mais tarde hão-de descobrir! Embebe os seus olhos da sua luz, sobrecarrega o pensamento com o calculo das suas distancias; — depois deixa pender a cabeça.

Qual é o fim de tudo isto?

O DIABO

Não ha nenhum fim!

Como é que Deus havia de ter fim? Que experiencia podia instrui-lo, que reflexão determina-lo?

Antes do principio, não teria exercido a sua acção e agora seria inutil.

ANTÃO

No emtanto, elle creou o mundo, de uma só vez, com o seu verbo!

O DIABO

Mas os seres que povoam a terra surgiram successivamente. Da mesma maneira, surgem no céo novos astros, — effeitos differentes de causas varias.

ANTÃO

A variedade das causas é a vontade de Deus!

O DIABO

Mas admittir em Deus muitos actos de vontade, é admittir muitas causas e destruir-lhe a unidade!

A sua vontade não é separavel da sua essencia. Elle não podia ter outra vontade, não podendo ter outra essencia, — e visto existir eternamente, eternamente exerce a sua acção.

Contempla o sol! Dos seus bordos es-

OS COMICIOS

Propaganda eleitoral

Teem-se realisado varios comicios de propaganda eleitoral republicana nos concelhos dos circulos de Lisboa.

No domingo, 8 do corrente, realisou-se o comicio na Arruda. Depois de o sr. Feio Terenas ter declarado qual o fim do comicio, a assembleia propoz para presidente aquelle nosso correligionario, ao que se oppoz, fundamentando se não sabemos em quê, o administrador do concelho.

Como essa auctoridade a nada se movesse, o sr. Feio Terenas propoz para a presidencia o sr. Constantino Villaverde.

Fallou em primeiro logar o sr. dr. Bernardino Machado que, num eloquente discurso, fez ver que os republicanos não iam alli pedir votos; iam apenas pedir que fossem á urna e queriam que fossem contadas as listas que entrassem na urna, para que os deputados da Arruda, como os outros, fossem verdadeiros representantes do povo.

Fez ver depois a falta de protecção que os governos teem tido para com aquella localidade que não tem escola de ensino agricola nem laboratorios adequados ao commercio que é principalmente de vinhos, naquella região.

Continuou examinando as desgraçadas condições das nossas povoações ruraes pelas quaes os governos só se interessam quando chega a época das eleições.

O sr. dr. Bernardino Machado concluiu dizendo que seria feliz se, ao voltar ali, podesse saudar a Republica victoriosa.

Fallou em seguida o sr. dr. Affonso Costa que accentuou que a monarchia portuguêsa não tem a coragem de mandar ao seio do povo os seus candidatos porque elles não se querem inspirar nas idéas e aspirações do povo, mas só tratam da chapelada que se faz no dia da eleição.

Depois de uma forte accusação contra os falsificadores de votos, o nosso illustre correligionario termina o seu discurso no meio de applausos enthusiasticos.

Por fim usou da palavra o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que foi, como sempre, d'uma extraordinaria eloquencia. Frisou que não pedia votos mas que, se fosse eleito, seria um fiel mandatario do povo.

Referiu-se á miseria do povo português e aos impostos pesadissimos sobre os generos de primeira necessidade.

Termina aconselhando o povo a que resista contra os roubos de voto.

O comicio terminou no meio de enthusiasticos vivas e manifestações, sendo os candidatos acompanhados por muita gente a casa do sr Villaverde, de cuja janella o nosso camarada Carlos Olavo disse algumas palavras revolucionarias com a energia e vibração que o caracterisam.

O triumpho dos candidatos republicanos continuou nos comicios que se realisaram na Alhandra e em Sacavem.

No comicio da Alhandra fallaram, além dos oradores a que já nos referimos, o sr. dr. João Gonçalves e o nosso camarada Carlos Olavo que fallou em nome dos estudantes republicanos de Coimbra.

—

Na sexta feira, 13, realisou-se o comicio em Alcantara. Presidiu o nosso correligionario sr. Soares Guedes que, depois de algumas palavras, expondo os fins do comicio, deu a palavra ao dr. Affonso Costa que foi recebido com calorosas saudações.

Pronunciou um violento discurso atacando o regimen, os seus homens e os processos por elles empregados na politica.

Depois de traçar o perfil dos candidatos republicanos, o sr. dr. Affonso Costa continua no seu discurso, fazendo uma accusação formidavel á monarchia e terminando por incitar os eleitores a levarem á Camara os verdadeiros representantes do povo, o que será um passo para a implantação da Republica em Portugal.

Em seguida falla o sr. dr. João de Menezes.

Contestou com factos as accusações que os monarchicos fazem ao Partido Republicano e, fazendo uma analyse da obra dos partidos monarchicos, demonstrou que elles nada mais teem feito do que desorganisar as energias e enfraquecer as riquezas publicas.

Continuou com a sua palavra brilhante e concluiu entre applausos vibrantes da assembleia, affirmando que no Parlamento defenderá os opprimidos e combaterá todas as indignidades.

O sr. dr. Brito Camacho censurou acremente o sr. juiz Veiga por ter mandado á *Lucta* um aviso para não se referir a um facto recente.

Fez notar que o regimen, sentindo se agonisante, teme que a imprensa diga a verdade.

Foi interrompido pelo sr. major Dias, nesta altura.

Terminou, annunciando que iria fallar o dr. Antonio José d'Almeida, fechando assim o comicio com chave d'ouro.

Este illustre orador começou por dizer que o sr. dr. Brito Camacho dissera que o comicio fechava com chave d'ouro, mas elle, orador, desejaria, em vez de ser uma chave, ser uma tranca para pela força se oppôr aos ataques do regimen.

Analysa em bellas phrases a nefasta administração monarchica e o estado em que se encontra o povo português.

Affirma que, no Parlamento, os deputados republicanos defenderão todos os direitos calcados e atacarão todas as infamias.

Termina dizendo que é preciso que o braseiro em que está ardendo todo o paiz se transforme em labaredas vivas, e, para isso, é urgente despertar todas as energias.

Folgamos bastante com o exito que os nossos correligionarios teem obtido nos comicios e oxalá os seus esforços sejam coroados de bons resultados para gloria e triumpho do Partido.

Juiz Veiga e a imprensa

Houve por bem o sr. Juiz Veiga na sua alta missão de espeque da monarchia portuguêsa, pedir aos jornaes que não tratassem com desenvolvimento a revolta dos marinheiros o que por emquanto não fizessem commentarios. E' claro que este pedido não foi attendido pelos jornaes republicanos da capital que muito altivamente declaram que nem por pedidos nem pela força deixarão de fazer os commentarios que julgarem justos. O mesmo não succedeu aos jornaes monarchicos e pseudo-independentes que nos dias seguintes não publicaram mais que as notas fornecidas pela policia. Alguns, como o *Seculo* que tanta vez tem clamado pela liberdade de imprensa, quando lhe tocam pelos cofres, está visto, apenas publicam a nota official sem se referirem a semi-intimação da policia; outros porém, como o *Correio da Noite*, levam o seu descaramento e a sua baixeza a applaudir a revoltante medida.

Se o sr. Juiz Veiga não contasse com esta obediencia servil de grande parte da imprensa, decerto se não atreveria a fazer um tal pedido.

Muita razão tinha a *Lucta* quando ha tempos se ria da tão apregoada solidariedade jornalistica.

Em que razão funda, porém, o sr. Juiz Veiga essa medida?

Só um motivo pode explicar um tal empenho policial — o medo que esse senhor tem de que, amanhã, o relato desses acontecimentos vá provocar, entre o exercito e o paiz, egual resolução.

Ora tal resolução só poderia ser tomada se houvesse uma razão fortissima. Se o Juiz Veiga tem a certeza de que o exercito e o paiz não teem razão de queixa dos seus governantes, tal medida não se explica.

Se pelo contrario elle não tem a certeza da confiança do povo nos seus dirigentes, bem sabe o governador da Estrella que não são as suas ordens que vão desvia-lo do verdadeiro caminho a seguir.

Os seus pedidos ou ordens só se explicam, pois, como actos de defeza da monarchia.

Mas não ficou S. Ex.ª nesta delicada medida. Elle viu bem que os republicanos não estavam dispostos a acreditar nos taes motivos *d'ordem publica* que fizeram calar a imprensa conservadora, e para abafar as verdades que a imprensa republicana dissesse resolveu prohibir-lhe a circulação.

E' assim que hontem foram aprehendidos os nossos collegas a *Lucta* e o *Mundo*. Continua bem o governo do sr. Hintze que ainda ha dias na opposição berrava contra as medidas dos progressistas sobre os jornaes portuguêses. Se por um lado sentimos que essas violencias se pratiquem, por outro regosijamo-nos porque isso é mais uma prova da impossibilidade dos governos monarchicos se sustentarem no poder permittindo a ampla discussão dos seus actos.

Só podem viver com a violencia e com o despotismo, signal evidente de que não governam nem com intelligencia nem com honestidade. Ainda bem que cedo começou o desmascaramento do governo regenerador, porque alguns ingenuos ainda para ahi acreditavam que elles iam fazer uma politica relativamente seria.

A' imprensa republicana apprehendida os nossos parabens por ter conseguido, com a sua energica attitude, fazer desapparecer as promessas de futura liberdade d'imprensa, que na opposição fizera o governo regenerador.

OS OPUSCULOS

Do sr. Alberto Souto Ratóla, recebemos e agradecemos a offerta d'um folheto intitulado «Paz, Patria e Iberismo» pelo qual o auctor lança á publicidade o seu discurso proferido na sessão solemne commemorativa da «Restauração de Portugal» promovida pela «Academia Aveirense» no dia *1.° de dezembro* de 1905.

Para a reconstituição historica da nossa nacionalidade é incontestavelmente memoravel essa data. Se por um lado o movimento de 1640 representa uma forte affirmação de soberania nacional, pelo qual o povo português procurou reinvindicar a sua independencia confiscada, pelo outro, esse grande acontecimento da nossa historia patria encontra-se intimamente relacionado com o facto da entrada no poder d'uma familia dynastica que tem posto a nação, durante mais de dois séculos e meio sem interrupção, num estado de depressão moral e economica intoleravel.

Recapitule os factos em toda a plenitude de verdade, quem não estiver de accordo comnosco. E veja se a historia de Portugal depois da restauração de 1640 é ou não um quadro vergonhoso de sacrificio d'uma nação heroica e digna ás ambições pessoaes e egoistas d'uma dynastia de degenerados.

A historia dos Braganças desde D. João IV é uma prova frisante de que elles nunca pensaram no paiz que se libertára a si proprio na revolução de 1640, mas sim em serem engrandecidos, em se garantirem no throno.

Para se conservar no poder, a monarchia brigantina collocou Portugal, terra de recursos naturaes fecundos e servida por uma raça de fortes qualidades de intelligencia e de tenacidade, numa condição de subalternidade humilhante, junto da Inglaterra.

Nenhuma das allianças de nações que conhecemos, vexa qualquer das partes. Ellas são entre estados poderosos e ricos. Mas Portugal empobrecido por saques ao thesouro praticado pelos Braganças e moralmente atrophiado pela descrientação governativa, é, pelas successivas allianças com o imperio britannico, uma *feitoria* inglêsa de facto.

Para se engrandecer, numa ancia sem limites, a monarchia brigantina pretendeu varias vezes fundir Portugal na Hespanha. D. João IV, D. João VI, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, todos estes num impeto feroz de megalomania phantasiaram ideaes ibericos.

A consequencia de tudo isto é que Portugal vive sem dignidade e sem independencia, mercê da viciação das instituições e imbecilidade e insania moral dos nossos homens publicos.

O sr. Ratóla, auctor do opusculo em questão, enaltecendo o acontecimento de 1640, mostra que ha ainda no fundo da nossa alma de rapazes, sincero sentimento patriotico. Mas permitta-nos que façamos um reparo para que fique salvo o seu pensamento. Quando condemna o Iberismo, ataca, por certo irreflectidamente, a federação iberica, que são duas coisas diversas. Emquanto o Iberismo, — quer dizer tentativa de união de Portugal á Hespanha constituindo uma só nacionalidade —, nos merece a mais completa repulsão por representar uma «burla patriotica dos partidos monarchicos» como lhe chama o nosso grande Theophilo; federação peninsular, — quer dizer accordo de nacionalidades autonomas como aggregados conscientes —, merece-nos todos os applausos como sendo unico meio, pelo qual Portugal conservará para sempre a sua independencia.

De resto, o sr. Ratóla, com uma phrase cuidada, defendendo a *Paz*, glorificando a *Patria* e combatendo o pensamento do *Iberismo*, apresenta-se-nos um pequeno revolucionario, pelo que o saudamos com sympathia.

A. X.

Candidatos Republicanos

Circulo n.° 15

Lisboa (oriental) — 1.° e 2.° bairros de Lisboa, concelhos de Alemquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures e Villa Franca de Xira.

Affonso Augusto da Costa (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio José d'Almeida (Dr.) Medico.

Antonio Luiz Gomes (Dr.) Advogado.

Augusto Cezar d'Almeida Vasconcellos Correia (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.

Circulo n.° 16

Lisboa (ocidental) — 3.° e 4.° bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sobral de Mont'Agraço e Torres Vedras.

Alexandre Braga (Dr.) Advogado.

João Duarte de Menezes (Dr.) Advogado.

João José de Freitas (Dr.) Advogado e professor.

Paulo José Falcão (Dr.) Advogado.

Pedro Antonio Bettencout Raposo (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Circulo n.° 5

Porto (oriental) — 1.° bairro do Porto, Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel.

Antão de Carvalho (Dr.) Advogado.

Antonio Augusto Cerqueira Coimbra (Dr.) Proprietario.

Antonio da Silva Cunha, Commerciante e proprietario.

Francisco Xavier Esteves, Professor e engenheiro.

José Ferreira Gonçalves, Commerciante e proprietario.

Circulo n.° 6

Porto (ocidental) — 2.° bairro do Porto, Bouças, Maia, Povoa de Varzim, Santo Thyrso, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaia.

Antonio Florido da Cunha Toscano (Dr.) Medico.

Joaquim de Azevedo Albuquerque (Dr.) Professor da Academia Polytechnica.

José Bessa de Carvalho (Dr.) Proprietario.

José Nunes da Ponte (Dr.) Medico.

Antonio de Padua Correia, jornalista.

Circulo n.° 8

Coimbra — Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemór-o-Velho, Penella e Soure.

Bernardino Luiz Machado Gulmarães (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio Augusto Gonçalves, Professor.

Francisco José Fernandes Costa (Dr.) Professor e advogado.

Joaquim da Silva Cortezão (Dr.) Medico.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr.) Jornalista.

AMENDOAS

NA **CASA INNOCENCIA**, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra.

Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variaveis desde 280 até 650 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, *mas não gesso* nem outras cousas prejudiciaes á saude.

Mandam-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir.

Ha tambem *doces* de diversas qualidades e artigos de *mercearia*.

Vendas pelos minimos preços possivel.

Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebuçados e confeitos desde 1 1|2 até 10 70, conforme as quantidades que comprarem.

---

capam-se grandes labaredas que se dispersam para virem a ser mundos. E mais além da ultima, para lá d'essa profundidade onde apenas avistas a noite, outros soes gravitam, para lá d'esses, outros, e outros ainda, indefinidamente...

ANTÃO

Basta! basta! Tenho medo! Vou cahir no abysmo.

O DIABO

pára, e baloiçando-o lentamente:

O nada não existe! não existe o vacuo! Por toda a parte ha corpos que se movem sobre o fundo immutavel da Extensão; e como, se ella fosse limitada por alguma coisa, já não seria extensão, mas um corpo, é illimitada!

ANTÃO

pasmado:

Illimitada!

O DIABO

Ascende pelo céo, sempre, sempre; nunca attingirás o cimo! Desce abaixo da terra durante milhares de milhares de seculos, nunca chegarás ao fundo, — porque não ha cimo, nem fundo, nem alto, nem baixo, nenhum termo; a Extensão acha-se comprehendida em Deus, que não é uma porção do Espaço, tal ou tal grandeza, mas a immensidade!

ANTÃO

lentamente:

Faria então... a materia... parte de Deus?

O DIABO

Porque não? Pódes tu saber onde ella acaba?

ANTÃO

Ao contrario, prostro-me, aniquillo-me diante do seu poderio!

O DIABO

E pretendes domina-lo! Fallas-lhe, até o adornas de virtudes. bondade, justiça, clemencia, em vez de reconhecêres que possue todas as perfeições!

Conceber o que quer que seja para além, é conceber Deus para lá de Deus, o sêr sobre o sêr. Elle é, pois, o unico Sêr, a unica substancia.

Se a substancia podesse dividir-se, perderia a sua natureza, não seria ella, e Deus deixava de existir. Elle é, pois, indivisivel como o infinito;—e se tivesse corpo, seria composto de partes, não seria uno, já não seria infinito. Não é, portanto, pessoa!

ANTÃO

Como? as minhas orações, os meus soluços, os soffrimentos da minha carne, os arrebatamentos do meu ardor, tudo iria dar a uma mentira... ao espaço... inutilmente, — como um trino de ave, como um turbilhão de folhas mortas!

Chora:

Oh! não! Acima de tudo, ha alguem, uma grande alma, um Senhor, um pae a quem o meu coração adora e que me deve amar!

O DIABO

Tu desejas que Deus não seja Deus; — porque se elle sentisse amor, colera ou piedade, passaria da sua perfeição a uma perfeição maior ou mais pequena. Elle não póde descer a um sentimento, nem conter-se numa forma.

ANTÃO

No emtanto, um dia hei-de vê-lo!

O DIABO

Com os bemaventurados, não é verdade? — quando o finito gosar o infinito, num logar limitado que encerre o absoluto!

ANTÃO

Não importa; hade haver um paraizo para o bem, como um inferno para o mal!

O DIABO

As exigencias da tua razão fazem a lei das coisas? Por certo que o mal é indifferente a Deus, visto a terra estar cheia d'elle!

E' por impotencia que o supporta, ou por crueldade que o conserva?

Pensas então tu que ha-de estar continuamente a concertar o mundo como uma obra imperfeita, e que vigia todos os movimentos de todos os seres, desde o vôo da borboleta ao pensamento do homem?

Se elle creou o universo, a sua providencia é superflua. Se a Providencia existe, a creação é defeituosa!

Mas o mal e o bem só se referem a ti, — como o dia e a noite, o prazer e a dôr, a morte e o nascimento, que são relativos a um pedaço de extensão, a um meio especial, a um interesse particular. Pois que só o infinito é permanente, o Infinito existe; — eis tudo!

O Diabo estendeu progressivamente as azas, que agora encobrem o espaço.

ANTÃO

Já não vê nada. Desfallece.

Um frio horrivel gela-me até ao fundo da alma. Isto excede o alcance da dôr! E' como que uma morte mais profunda que a morte. Sinto-me rolar pela immensidade das trevas. A minha consciencia estala sob esta dilatação do nada!

O DIABO

Mas as coisas só te chegam por intermedio do teu espirito. Tal como um espelho concavo, deforma-te os objectos; — e todos os meios te faltam de verificares a sua exactidão d'elles.

Nunca has-de conhecer o universo em toda a sua extensão; por consequencia, não podes fazer uma ideia da sua causa, ter uma noção justa de Deus, nem mesmo dizer que o universo é infinito, — porque seria preciso primeiro conhecer o Infinito!

A Fórma é talvez um erro dos teus sentidos, a Substancia uma ilusão do teu pensamento.

A menos que, sendo o mundo um fluxo perpetuo de coisas, não seja a apparencia, pelo contrario, tudo o que ha de mais verdadeiro, a illusão a unica realidade.

Mas tens tu a certeza de vêr? tens tu mesmo a certeza de viver? Talvez não haja nada!

O Diabo pegou em Antão, e segurando-o com os braços hirtos, olha-o de guella aberta, préstes a devoral-o.

Adora-me então! e maldiz o phantasma a que chamas Deus!

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson,* etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 6 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 23 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Indisciplina

A's muitas doenças de que enferma o paiz e que os jornaes de todos os dias e algum raro livro de anno a anno veem apellidando com titulos cheios d'uma tão suggestiva expressão, taes como — *fome, ignorancia, falta de vergonha, covardia, kleptomania governamental*, etc., etc., etc., — vem juntar-se uma outra que inteiramente nova parece, tão afflictivo é o estado em que se encontra a therapeutica nacional, a tal proposito.

Esta doença mais celebre e mais falada hoje do que a *appendicite* ha quatro annos quando poz em grave risco a vida do Rei d'Inglaterra, tem um nome terrivel: chama-se — Indisciplina.

Segundo se affirma é antigo o mal e naturalmente iria seguindo ingloria e obscuramente nos maleficos destinos se o terror idiota dos nossos governantes o não apontasse como devéras perigoso para a segurança d'um throno — que muitas pessoas tambem julgam coisa tão desnecessaria para a vida da nação como o appendice coecal para a vida de Eduardo VII.

Assim provam os reis que para alguma coisa servem ainda: denunciam, aristocratisando-as, as doenças de que o vulgo soffre e morre sem saber.

Bemdita seja pois a insubordinação dos marinheiros portuguêses que, atemorisando o regimen, nos veio mostrar que o perigo que ameaça a nossa patria, o mais terrivel e o mais nefasto, é aquelle que a imprensa de todos os matizes, ha dias, apavorada, nos vem proclamando em grossas lettras — a falta de disciplina.

Surprehendam-se á vontade aquelles que até aqui julgavam que uma nação para ser forte do que mais precisa é de homens cuja independencia de caracter não supporte as ordens tyrannisadoras de quem quer que seja, e pela vida fóra marchem na altiva e constante affirmação da sua individualidade, esmagando se preciso fôr todos os obstaculos que o medo, a convenção e a mentira ousem lançar contra a livre expansão da sua vida, do seu trabalho e do seu pensamento.

Calem-se todos quantos tendo a ideia, certamente falsa, de que este mundo não é uma caserna, ingenuamente aspiram a conseguir por todos os meios desde a instrucção até á revolução, que emfim desappareçam todos os senhores e todos os escravos, todos os que ordenam e todos os que obedecem e que os odios e as luctas entre os homens para sempre se acalmem em nome d'uma egualdade bem provada e profundamente estabelecida.

Escusam outros de nos vir dizer que ha pouco tempo ainda, tendo centenas de recrutas do exercito francês, cantando a *carmagnole*, insultado e até batido em muitos dos seus officiaes, não obstante a França continua a sua larga obra redemptora, a sua sciencia, a sua arte e a sua industria seguem progredindo sem precisar para isso de vozes de commando nem toques de clarim.

— Que na Allemanha onde se suicidam dezenas de soldados só por evitar o trabalho martyrisante das manobras, o movimento humanitario de todo o operariado allemão cresce de dia para dia e começa agora a querer imitar os processos revolucionarios empregados pelos trabalhadores dos outros paizes.

— Que na Inglaterra, na Italia, na Hespanha, no Japão, por toda a parte, emfim, onde um pouco de liberdade tenha aquecido os corações, os homens ao mesmo tempo que se educam e trabalham vão alimentando o odio vivo e fecundo contra a tyrannia, quer esta envergue uma roupeta, quer vista uma farda, ou simplesmente a sobrecasaca burgueza d'um patrão egoista e explorador.

Tudo isto que ligeiramente aqui deixamos escripto, que faz parte importante da vida actual de todas as sociedades e que, segundo as opiniões mais esclarecidas, constitue as componentes formidaveis do progresso humano, tudo isto e o muito mais que fica por dizer, nada significa — pois que os portuguêses, segundo affirmam pensadores da ultima hora, do que precisam não é de energia, independencia, coragem para a lucta pela vida e para a defeza d'uma liberdade assassinada miseravelmente a cada esquina, de instrucção, de alegria, de enthusiasmo, mas unica e simplesmente de — Disciplina.

Alinhem-se os cinco milhões de habitantes de ambos os sexos, a dois e dois, desde Melgaço ao cabo de Santa Maria e a patria estará salva.

A Disciplina!... — ella serviu aos mysticos anachoretas para, suppliciando o proprio corpo, se defenderem das arremetidas do peccado, do assalto ardente e quasi sempre victorioso dos desejos implacaveis; em nome d'ella os cossacos na Russia matam a *knout* e a tiro milhares de generosos e heroicos revolucionarios e os officiaes francêses, sem vergonha do seu humilhante serviço de policias, mandam descarregar sobre as multidões famintas e desvairadas dos grevistas. Em Portugal onde ella manda agora perseguir e apprehender a parte da imprensa que lhe parece perigosa, faz com que officiaes do nosso exercito, ao ve-la offendida, mostrem desejos de não mais vestir as suas fardas, que nem ante as vergonhas do ultimatum inglês, de Keonga, e do Convenio se lembraram de despir.

Estranha força esta a Disciplina, e maravilhosos sem duvida os seus immensos e fecundos resultados!...

Só vós a não comprehendestes bem, pobres e ingenuos marinheiros, que, infantilmente confiados na bondade dos que podem e mandam, julgando, num allucinado momento, ser possivel a miseros soldados como vós sois, conseguir um pouco de liberdade, ireis saber agora quanto custa ter illusões neste mundo.

Mas nesta hora em que até vos accusam de não possuirdes a moral a a correcção d'um conselheiro d'Estado, vós, heroicos bohemios promptos sempre a arriscar alegremente a vida na defeza da patria, vós, obscuros e rudes filhos do povo, no fundo das vossas prisões consolae um pouco o nosso orgulho com a lembrança de que houve um dia em que as vossas cabeças se ergueram altivamente revoltadas e em que na surpreza da vossa estranha solidariedade, tremeu e empallideceu ante a forte coragem da vossa rebeldia, todo um miserrimo alfobre de ignobilissimos sachristas.

CARLOS AMARO.

ECHOS

A primeira nota

Depois d'uma serie de comicios que foram triumphos sobre triumphos para o partido republicano, e onde os nossos candidatos foram acclamados com um raro enthusiasmo que é um bello symptoma do seu enorme prestigio, hontem em Lisbôa e no Porto realisaram-se comicios magnos para a apresentação geral de todos os candidatos.

Somma de todos os triumphos anteriores, o exito dos comicios de hontem nas duas principaes cidades de Portugal, deve ter sido verdadeiramente colossal.

Quaes as consequencias para o nosso partido? Engrandecimento, força, e prestigio, em primeiro logar, depois, por mais exagerados que sejam os roubos, por mais violentas que sejam as arbitrariedades dos galopins monarchicos, o parlamento ha de fatalmente ter alguns dos nossos representantes a pugnarem pela dignidade e independencia do paiz.

Quaes ainda as consequencias para a nação com a entrada dos deputados republicanos?

Primeiramente, estes serão os seus legitimos representantes que, pelo talento, pelo saber, se imposeram directamente aos eleitores, expondo os seus principios, fazendo lhes declarações sinceras e honestas.

Em segundo logar, os deputados republicanos, sahindo do suffragio consciente e voluntario, comquanto sejam na camara baixa uma minoria restricta, ao lado dos outros, productos da *candidatura official*, pseudo representantes da nação, terão uma manifesta superioridade.

O que é a representação nacional no nosso vicioso systema monarchico parlamentar?

E' uma verdadeira dictadura de falladores.

Governar não é fallar, dizia Littré. Os deputados que os partidos monarchicos impingem á força, por meio das mais ignobeis fraudes, visam apenas o seu proprio engrandecimento, procuram por meios illegaes attingir situações vantajosas. Fallam, fallam, fallam, enchem o *Diario das Camaras* com discursos pomposos, balofos, rhetoricos, encobrindo o vasio dos seus cerebros com affirmações sem plano, sem nexo, sem idéas, sem principios doutrinarios.

Selecção de capacidades e aptidão governativa, taes são as condições que devem presidir ás eleições nos Estados modernos.

Os candidatos republicanos disputam as eleições baseando-se nestes principios. Se vencerem, como é de suppor, darão uma salutar lição de moralidade.

A' urna, cidadãos!
Viva a Republica!

—

Um alvitre

Frei José dos *Qurassões* sahiu-se agora com um longo aranzel, chamado *provisão com força de decreto*, em que prohibe aos padres do patriarchado que andem em bicyclette, que usem fatos de côr, que vão a theatros, etc, etc.

Mas, entre todas estas regras, a que mais nos impressionou foi aquella em que sua eminencia prohibe aos padres que vivam com mulheres de menos de 45 annos.

Este limite de edade terá por fim evitar o augmento do grande numero de *afilhados* que o clero já tem?

Se é este o fim, não seria melhor Frei José deixar os pobres homens viverem com quem quizessem, e recommendar-lhes apenas a leitura do folheto *Greve dos ventres?*

Dava o resultado e era menos cruel, sr. patriarcha...

—

Chave d'ouro

A *Correspondencia de Coimbra* faz uma synthese da sessão de abertura do congresso de medicina e diz que os discursos foram encerrados com chave d'ouro pelo sr. Hintze Ribeiro.

Chave d'ouro?!

Talvez o collega fosse illudido na sua boa fé; devia ser de pechisbeque...

—

"Patria,,

Muitos dos nossos estimados collegas da provincia têm continuado a saudar-nos com palavras de immerecido elogio.

Agradecemos penhorados.

—

"A Lucta,,

Este nosso brilhante collega de Lisboa appareceu na quinta-feira ultima, 19, augmentado de formato e melhorado nas suas diversas secções.

Está agora d'um bello aspecto e muito mais interessante.

Folgamos com os seus progressos e muitos parabens.

—

Um protesto maçonico

E' digno de ser lido um protesto altivo dirigido pelo Grande Oriente Hespanhol ao Grande Oriente Lusitano Unido a proposito d'uma tentativa de perseguição de que ia ser victima o nosso eminente correligionario Sr. Dr. Bernardino Machado, por um artigo seu sobre Fallières.

O «Mundo» de 19, publicou-o na integra.

—

Revolução

O artigo que sob este titulo no n.º 2 da *Patria* o nosso querido companheiro Carlos Olavo escreveu, foi transcripto pelo nosso presado collega *Democracia do Sul*.

Agradecemos.

—

"Voz da Officina,,

A este nosso presado collega agradecemos a transcripção que, no seu numero de 21, faz do artigo de Heliodoro Salgado, publicado no nosso ultimo numero.

—

Magoas

«O Conimbricense» de 17 do corrente lastima e mostra-se profundamente magoado com a falta de enthusiasmo pelas luctas eleitoraes. Acha o collega que este facto é um symptoma evidente de que affrouxa no povo d'esta cidade o amor pelas instituições constitucionaes e o sentimento patriotico.

Pudera! Se os nossos actos eleitoraes, as instituições constitucionaes, tudo é burla, ficção, sophisma de que os governos em Portugal lançam mão para explorar o povo!

São estranhas as magoas do «Conimbricense».

O collega devia lamentar-se menos com esses factos que parece sentir com uma rara penetração psychologica, e chorar muito com os vicios parlamentares d'um regimen insustentavel que produz tão lastimaveis consequencias.

Ora aqui está, ó collega, para quanto servia vêr as coisas claro...

Imprensa Monarchica e Imprensa Republicana

Controntos

O recente melhoramento da *Lucta* diario republicano da capital que já agora satisfaz melhor a duas necessidades fundamentaes de todo o jornal moderno, a doutrinaria e a de informações, de idéas e de factos, suggere-me umas breves considerações sobre a imprensa politica portuguêsa.

Não sei se alguns dos nossos leitores n'um impulso de curiosidade, procuraram alguma vez comparar e analysar no seu fundo os jornaes monarchicos e os jornaes republicanos.

As differenças são radicaes.

Emquanto a imprensa monarchica reflecte mentiras e alimenta mesquinhos interesses partidarios e cubiças as mais vergonhosas, a outra, a republicana, serve a verdade, pugna pela justiça e pela liberdade, quer levantar alto o prestigio da nação.

A imprensa é incontestavelmente uma das grandes forças da actualidade, um poderoso instrumento de propaganda e de suggestão.

Nenhuma das grandes creações humanas desempenha um papel tão importante na vida social, como o jornal. E' incalculavel a sua influencia. Pode-se dizer mesmo que elle é um grande factor do destino dos povos.

Não é só sobre os espiritos esclarecidos que o seu enorme poder se faz sentir. E' sobretudo sobre as camadas anonymas mais facilmente suggestionaveis e irritaveis.

As maiorias não teem meios para analysar a sua vontade, os seus desejos, as suas idéas, os seus sentimentos. O jornal é para os espiritos simples um verdadeiro oraculo, indiscutivel, infallivel, porque crêem cegamente no que elle propaga, nos raciocinios que exprime, nas opiniões de que é orgão.

Mas a imprensa é uma instituição. Como qualquer outra instituição social, porém, ella deve inspirar-nos tanto maior respeito, quanto maior porção de verdades incarnar.

Os jornaes politicos e monarchicos em Portugal teem sido pelo seu numero, pela sua tiragem, pelos seus processos de discussão e apreciação dos factos, uma fonte constante, um vehiculo permanente da dissolução dos costumes, da corrupção de caracteres, da desorientação dos espiritos, de perversão de consciencias.

Porque elles não teem cumprido a sua fecunda missão com o ardôr, a fé, a lealdade e a sinceridade que exige um apostolado. A imprensa monarchica só tem diffundido falsidades e erros. O seu papel não tem sido outro senão o de alimentar as mais aviltantes ambições pessoaes.

Sampaio, Ennes, Marianno, Navarro, os mais conhecidos representantes d'essa imprensa conservadora, hypocrita, funesta, se tiveram dotes litterarios e feitio jornalistico, faltou-lhes, porém, uma forte disciplina mental e sobretudo moral que os tornasse capazes de com a lucidez dos seus juizos, a segurança das suas apreciações e a clareza das suas vistas, dirigir as consciencias, educar as intelligencias, transformar, emfim, uma sociedade.

Analyse-se em bloco a obra d'elles, percorram-se os periodicos a que elles vincularam os seus nomes. A impressão que se tem é desoladora. As producções das suas pennas, aliás brilhantes e vigorosas, nunca provocaram grandes e nobres emoções que só o sentimento da verdade e o espirito de equidade podem despertar.

Evangelisar, esclarecer, orientar, diffundir luzes, tornar lucidos os problemas mais importantes da vida social e individual, combater os abusos, defender com honestidade e abnegação ideas generosas e humanitarias, da liberdade, do progresso, da solidariedade e da paz, a nada

d'isto a imprensa monarchica tem correspondido.

Com o seu culto do passado, o seu conservantismo intoleravel, a imprensa monarchica, longe de ser fonte de todas as virtudes e instrumento do aperfeiçoamento, estorva o natural desenvolvimento da sociedade portuguêsa.

Felizmente a existencia d'uma imprensa avançada destruindo todos os prejuizos, combatendo audazmente todos os erros e vicios sob os quaes vive a nossa sociedade, encarando com intelligencia os mais complexos problemas da vida nacional, discutindo com proficencia todas as questões — prova á evidencia que a culpa não é fundamentalmente da instituição, mas sim dos individuos que a representam na imprensa conservadôra.

E' immensa e salutar a influencia que a imprensa republicana tem de exercer no destino proximo do nosso povo.

E como as instituições republicanas são sobretudo educativas, a imprensa que as serve, incutindo nos espiritos principios sãos, infiltrando nos cerebros idéas elevadas e generosas, insuflando nas almas sentimentos nobres e bons, desempenha digna e louvavelmente a sua missão, e no meio da anarchia dos nossos costumes politicos, ella forma um nucleo importante de resistencia, mostrando bem claro, com altivez e com brio, que os jornaes e jornalistas avançados não foram attingidos da perversão moral e desorganisação mental de que os jornaes e jornalistas monarchicos dão dia a dia a prova frisante e deploravel.

Alberto Xavier.

«A Dôr»

Damos hoje em folhetim *A Dôr*, um dos bellos contos de Fialho d'Almeida.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Arbitrariedades policiaes

Durante a semana passada foram só dois os dias em que os jornaes republicanos da capital poderam circular livremente.

Ao lermos os jornaes apprehendidos, nada nelles encontramos que possa justificar as arbitrariedades policiaes. O nosso collega a *Lucta* explica-nos, porém, que era exactamente por nada de subversivo esses jornaes inserirem que o sr. Hintze os mandava apprehender. A' primeira vista parece um absurdo, mas a *Lucta* parece ter razão.

De facto, o sr. Hintze, desde que subiu ao poder, que elle não vê muito seguro, anda, naturalmente, com desejos de arranjar uma *pavorosa* que lhe permitta um *ávontade* nas proximas eleições ou um 31 de janeiro que o deixe descançado por alguns annos.

Quando lhe chegou aos ouvidos a revolta dos marinheiros esperou naturalmente que a imprensa republicana desatasse a bradar *ás armas* e chamasse o povo á revolução. E, para mais a excitar, pediu-lhe S. Ex.ª, por intermedio do Juiz Veiga, que tratando-se d'um caso d'extrema gravidade, nada dissesse sobre o assumpto.

No dia seguinte, em logar das proclamações revolucionarias, tão desejadas para o seu plano, S. Ex.ª encontrou apenas o relato dos acontecimentos. Elles tinham comprehendido o seu plano, os patifes!... E furioso mandou então apprehende-los, dando assim uma satisfação ao *Seculo* e outros jornaes que se tinham submettido ás suas ordens, e não viam com bons olhos a enorme tiragem dos nossos collegas republicanos. O que é mais engraçado, porém, é que o poder judicial se recusou a tomar conhecimento das apprehensões por não terem sido feitas com fundamento legal e não lhe terem sido participadas no praso de 24 horas.

O Mundo vae, por isso, processar os srs. Hintze e Veiga como auctores do roubo que lhe foi feito.

O que fará o tribunal que os julgar, já nós o calculamos, mas ainda assim esperaremos.

O sr. Hintze, porém, é que não deve estar muito satisfeito com a prudencia dos republicanos... Paciencia.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Proezas d'uma dynastia

OS BRAGANÇAS

Um dos nossos eminentes historiadores e criticos caracterisa rapidamente a acção dos reis de Portugal desde 1640, data desde a qual o paiz tem sido o explorado feudo d'uma familia, que pelas suas ambições e cruzamentos nunca teve o sentimento da patria:

.....

Ninguem mais cobarde e indeciso do que este personagem, que foi glorificado como restaurador da nacionalidade portuguêsa, quando elle nunca perdeu ensejo de sacrificar a nação ao seu bem estar pessoal.

Como preço da sua segurança no throno, D. João IV offerece Pernambuco aos Hollandêses, e procura negociar com a França e a Hespanha a troco da nacionalidade que o acclamára. Os seus ministros e conselheiros eram os jesuitas; D. João IV mandou o padre Vieira a Paris, a negociar o casamento do principe D. Theodosio com a filha do duque de Longueville, vindo este governar Portugal, e D. João IV refugiar-se-ia no Brazil, fazendo-se ali um reino independente.

Este pensamento da familia dos Braganças foi realisado por outro cobarde, D. João VI.

Fez-se um segundo projecto de casamento em 1643, do principe com a filha mais velha do duque de Orleans, mademoiselle Montpensier, ficando o principe rei do Algarve; um terceiro projecto era o casamento da infanta D. Catherina com D. João de Austria, ficando D. João IV com o titulo de rei do Brasil, por accordo de Hespanha; um quarto projecto era o casamento de D. Theodosio com uma irmã de Carlos II (1650), reunindo-se assim outra vez Portugal á Hespanha.

A morte do principe, victima do fanatismo religioso, não deixou realisar estes projectos.

D. João IV, no seu feroz egoismo, lembrando-se de que seu irmão D. Duarte fôra indigitado pelo partido nacional para chefe da revolução de 1640, deixou-o morrer no estrangeiro victima das intrigas do embaixador de Philippe IV.

No seu successor, D. Affonso VI, transparece a demencia proveniente da devassidão, e o egoismo com que, para o casamento de sua irmã D. Catherina com Carlos II, entrega Bombaim aos inglêses, dando-lhes a chave das nossas possessões no Oriente.

Os jesuitas, repellidos do governo pelo energico ministro Castello Melhor, levantam um pretendente, seu irmão Pedro II, que lhe rouba o throno e a mulher, e em 1676 procura juntar Portugal á Hespanha pelo casamento de sua filha com um principe castelhano.

A devassidão, o fanatismo, e a negação do patriotismo apparecem fortemente caracterisados em D. João V, e Portugal, pelo tratado de Methwen, fica tributario da Inglaterra. Os jesuitas são os seus ministros, e bestificaram livremente esta nação.

Ainda a ideia da fuga para o Brasil apparece em 1755, quando por occasião do terramoto, D. José teve o plano de abandonar Portugal. A inferioridade quasi imbecil d'este rei serviu para a maior manifestação da iniciativa do marquez de Pombal; porém, a obra do grande ministro foi destruida pela camarilha, que se aproveitou da demencia de D. Maria I, fanatisada pelo seu confessor.

As terriveis heranças da cobardia, da demencia e da sensualidade apparecem em D. João VI, que nos abandona á invasão francêsa, fugindo para o Brasil, e vendendo-nos aos inglêses pelo affrontoso tratado de 1810.

O genio da intriga proveniente do elemento austriaco, apparece pela primeira vez em D. Pedro IV, que atraiçôa a patria rebellando-se com o Brasil, convertendo-o em imperio seu, de combinação com o proprio pae, que lhe escrevia, que aproveitasse para si o partido da independencia.

Posto fôra do Brasil, veiu fomentar a guerra civil em Portugal, e fundir-nos-ia com a Hespanha, tornando-se imperador da Iberia, se a morte em 1834 lhe não atalhasse estes planos.

D. Maria II, herdeira do orgulho anstriaco, reagiu sempre contra as fórmulas liberaes do constitucionalismo, e, para se manter contra a resistencia nacional, não hesitou em chamar uma intervenção estrangeira armada, que manietou a nação em 1847. O seu casamento com um allemão, veiu introduzir um caracter de indignidade em contraste com a altivez do sangue hespanhol.

D. Pedro V, tão chorado pela sua morte prematura, proclamava nas suas conversas a decadencia dos povos latinos, diante da admiração pela servidão allemã, e oppunha-se ao estabelecimento dos caminhos de ferro em Portugal.

D. Luiz, levado ao throno pelo accidente do fallecimento de seu irmão, realisou a prophecia de sua mãe, que dizia: — *Desgraçados dos portuguêses se o Luiz chegar um dia a reinar.* A sua chronica está feita nos jornaes progressistas, que alludem a planos ibericos de combinação com Napoleão, e nos tratados com a Inglaterra, como o de Lourenço Marques, do Zaire e de Gôa.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Dr. João de Deus Ramos

Foi incumbido pelo governo de continuar a propaganda do methodo de leitura de João de Deus, em todas as escolas primarias e especialmente nas escolas normaes e districtaes, o dr. João de Deus Ramos.

Esta commissão será desempenhada gratuitamente, devendo o commissionado apresentar annualmente o relatorio dos seus trabalhos.

Folgamos com essa resolução, attendendo á provada competencia do dr. João de Deus Ramos.

Fallecimento

Falleceu em Sobral de Monte Agraço o dr. Eugenio Libanio Nogueira Dias que foi victimado por uma infecção colhida no exercicio da sua clinica.

Era um bom medico e um bom cidadão, sendo por isso muito sentida a sua morte naquella localidade, sua terra natal.

Ao nosso amigo França Borges, director do *Mundo* e parente do fallecido, enviamos a expressão das nossas condolencias.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Carta-circular

Damos em seguida a Carta-circular dirigida pelo nosso amigo e correligionario Dr. João de Freitas, aos eleitores de Carrazeda de Anciães.

Nella encontramos affirmações sensatas que são um bello elemento de propaganda e, por isso, lhe damos publicidade:

Exm.º Sr.

Vae celebrar-se em todo o paiz, no proximo dia 29 do mês corrente, um dos actos da vida politica que mais deve interessar a todo cidadão: a eleição geral de deputados.

Tratando se, pois, da escolha dos representantes da nação portuguêsa na camara electiva, a nenhum cidadão, que sinceramente se preocupe com os destinos da nossa Patria, é licito abster se de exercer o sagrado direito do sufragio.

Os eleitores do circulo n.º 4, formado por todos os concelhos do districto de Bragança, e do qual V. Ex.ª é tambem eleitor, vão ser mais uma vez solicitados para votarem em candidatos dos partidos monarchicos; e estes candidatos, uma vez eleitos, continuarão a servir e defender no parlamento, além dos seus interesses pessoaes e os do partido a que pertencerem, os interesses illegitimos da monarchia, que são diametralmente oppostos aos verdadeiros interesses do paiz.

A monarchia e os homens que a teem servido reduziram Portugal á triste situação em que se encontra. Sem credito no estrangeiro, teve de consignar as receitas das alfandegas como garantia ao pagamento dos *coupons* e amortisação da divida externa, e a divida interna tem-se avolumado espantosamente, por novas e ininterruptas emissões de inscripções; de modo que o total da divida nacional, excedendo a 700 mil contos, absorve quasi 60 por cento das receitas annuaes do Estado e ameaça conduzir-nos a uma nova bancarrota, mais grave do que a de 1892.

E não obstante isso, a defeza militar do paiz acha-se em estado de completo abandono. Faltam armas, munições, fardamentos, material de artilharia e efficazes fortificações terrestres; e sendo um paiz maritimo, com uma longa extensão de costas, não temos marinha de guerra digna d'esse nome, pois não possuimos um só verdadeiro navio de combate.

Não temos instrucção, sendo neste ponto uma das nações mais incultas do mundo, com a extraordinaria percentagem de quasi 79 por cento de analphabetos. Não temos tambem credito agricola. O grande lavrador só encontra capital na Companhia de Credito Predial, dirigida alternativamente pelos dois chefes rotativos, que apenas procuram servir os amigos politicos; e o pequeno lavrador, não podendo obter capital a uma taxa moderada de juro, agonisa lentamente nas garras da mais desenfreada usura.

Mercê dos impostos aduaneiros, de consumo e do real de agua, verdadeiramente oppressivos e intoleraveis, que incidem sobre os generos alimenticios de primeira necessidade, — bacalhau, arroz, assucar e até a carne, o pão, etc., — Portugal tem o triste privilegio de ser o paiz da Europa em que a vida é mais cara, do que resulta que as classes trabalhadoras e até a classe media, por insufficientemente alimentadas, são dizimadas assustadoramente pela terrivel tuberculose.

Em materia de liberdades populares, os ministerios do engrandecimento do poder real, dominados sómente pela preoccupação de agradarem ao rei, a quem obedecem servilmente, teem-n'as violade e restringido uma a uma, desde a liberdade individual, de imprensa, de reunião e de associação — dependentes do poder discricionario do juizo de instrucção criminal e dos funccionarios policiaes — até á liberdade de voto, que é odiosamente menosprezado pelas auctoridades administrativas e pelos galopins da politica rotativa.

Esta desgraçada região do Douro, que ha annos vem atravessando uma pavorosa crise vinicola, não tem visto até agora adoptar pelos governantes monarchicos providencias algumas tendentes a combatê-la e a pôr termo ás angustias da presente situação em que o viticultor se debate, por não encontrar para os seus vinhos venda remuneradora das despezas que fez com a cultura. E porquê? Porque a isso se oppõem os interesses do fisco, sempre avaro, e os interesses illegitimos de exportadores sem escrupulos, que são os eleiçoeiros de todos os governos.

Enumerar os maleficios que o paiz deve atribuir á monarchia de Bragança, ao rei actual e aos partidos e governos monarchicos não é assumpto compativel com o estreito espaço d'esta circular. Limitar-me-hei portanto, para complemento d'esta ligeira exposição, a frisar que só a sustentação do rei e de toda a familia real portuguêsa custo annualmente ao thesouro mais de 3:000 contos de reis, embora a dotação fixada no orçamento, em harmonia com a lei, não exceda a 525 contos. Quer dizer: a sustentação da realeza absorve ao depauperado thesouro seis ou sete vezes mais do que a quantia legalmente auctorisada!

Republicano desde os dezaseis annos de edade, e natural do concelho de Carrazeda d'Anciães — onde por largo tempo tenho residido e aonde me ligam relações de familia e legitimos interesses — conheço bem, por estudo e observação propria, não só os males que affligem o paiz e as suas necessidades mais instantes, mas ainda os males e as necessidades especiaes d'este circulo de Bragança.

E por isso, propondo me ao sufragio dos eleitores do circulo, como candidato da minoria na proxima eleição de deputados, cumpro um imperioso dever civico, sem que no meu espirito influa o menor intuito de interesse ou de engrandecimento pessoal.

E' no cumprimento d'este dever que eu venho solicitar o suffragio de V. Ex.ª e o seu apoio eleitoral, para a eleição de 29 de abril, afirmando a V. Ex.ª que se, fôr eleito, pugnarei no parlamento, quando em minhas forças caiba, pela defeza dos altos interesses do paiz e das liberdades populares, assim como pelos sagrados interesses e necessidades especiaes d'este circulo.

Agradecendo o acolhimento favoravel de V. Ex.ª, subscrevo-me com a maior consideração — De V. Ex.ª concidadão muito attento e venerador — Pombal d'Anciães, 10 de abril de 1906.

João José de Freitas

Publicações

Recebemos e agradecemos um folheto intitulado: *O Instituto de N. S. da Graça de S. João do Campo e o Bacharel Cortezão.*

*

Recebemos tambem um folheto intitulado *Greve dos ventres*, de Luiz Bulfi. Indica varios meios praticos de evitar as familias numerosas, fazendo assim propaganda do neo-malthusianismo.

Agradecemos a offerta e, por nos parecer de utilidade, recommendamos o folheto ás pessoas interessadas.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

A Dôr

Quando o ultimo *orango* deu origem ao primeiro homem, e esse homem, chegando á virilidade pôde desfructar a grandeza da indomavel força de seu pai, domada pela bondade hilariante da sua luminosa intelligencia, fez um dia a si proprio esta pergunta:

— Em que differo eu d'aquelle carrancudo sér, que não falla senão por guinchos e só por contracções grotescas se exprime, que para a alegria tem um grito e um urro para a cólera, que vê morrer os filhos e fugir-lhe a esposa, sem que o invada este desconsolado entorpecimento que eu sinto se não remedeio o mal, e se para o que me cerca não encontro explicação?

Elle caminha aos saltos, coberto de pellos e ululante de vinganças, trepando pela nodosidade dos caules e enchendo do seu terror feroz as grutas e os maciços das florestas palpitantes de ninhos, pisando sem remorsos as corolias mais purpureas e os calices mais olorantes, e não vendo na vastidão opulenta e na chromatica irradiante d'esse mundo alado ou d'esse mundo vegetal, mais que a rêde em que descuidosamente os seus inimigos vem cahir, e onde elle faz as suas victimas!

E' das differenças superficiaes de estructura — de eu estar nú e elle vestido de pellos, de elle ter cauda e eu não, dos seus pés terem o feitio das suas mãos prehensis, emquanto as minhas plantas se espalmam pela asperidão das marchas a que as submetto — é das differenças apparentes de organismo, que nascem estas discordancias e natureza — nelle a seccura, a ferocidade, o egoismo e a inconsequencia — em mim o sagrado terror da responsabilidade, o alcance de vistas que me perturba, a previsão sagaz que me aconselha, e esta commoção sem origem que se entorna no meu corpo, e me tortura ou me enthusiasma, conforme provém de uma necessidade satisfeita, ou conforme provém de um contratempo inesperado?

E como se interrogava em voz alta, no meio dos castanheiros que as trepadeiras vestiam em amplexos concupiscentes nas suas couraças de folhas, viu surgir dos rochedos negros em que pousava, o velho deus das selvas, alta figura cingida de cachos e coroada de flôres, com barbas de musgos e vasta cabelleira de relvas verdejantes.

— Abre a cabeça de teu filho, disse o deus.

O homem tomou o machado de silex, chamou seu filho, e fazendo-o ajoelhar fendeu-lhe o craneo de um só golpe.

— Essa caixa de osso que partiste, é como a casca lenhosa de certos fructos tropicaes de que te alimentas. Partida a casca, esses fructos revelam a polpa delicada, de extraordinario tecido e exquisito sabor.

— Guarda esse fructo, disse o deus. — E após, com imperio:

— Abre a cabeça de teu pai! ordenou-lhe. O homem encontrou na toca do grande baobab o velho *orango* que lhe dera o ser, acocorado e tropego, roendo talos. Deu-lhe as boas noites, pediu-lhe a benção como de costume, e quando o *orango* lhe estendia a mão lanugenta, sentiu na fronte o gume do machado que lhe separava o craneo em duas metades.

— Extrahe-lhe o fructo, tornou o deus, e o homem obedeceu.

— Bem, disse o outro.

E apontando cada um dos cerebros desnudados:

— Este é o cerebro de teu filho, este o de teu pai. Vês que é maior o do pequeno que o do velho, não vês? Agora segue com a tua unha estes arabescos mysteriosos que sulcam a polpa arrancada ao pequeno. Elles desenham o que quer que seja de legenda em hieroglyphicos: é a buena-dicha da especie humana. São as *circumvoluções*, que mal se esboçam no cerebro do *orango* e que os teus levarão mais e mais profunda e profusamente impressas. Até teu pai o cerebro era alguma coisa tosca como o granito; de ti por diante elle lapida-se, depura-se e modifica-se — é a pedra preciosa, caustica na sombra e tenebrosa na luz, dotada de fulgor proprio e propensa a illuminar ao longe os tenebrosos recessos dos instinctos que herdaste e tens de transmittir suavisados e aptos á utilidade, pela cultura a que tu mesmo os forçarás. Corta-os ambos em pedaços e examina-os bem.

São da mesma materia, teem indentica fórma e parecem do mesmo valor. Mas um é o ferro bruto que o mineiro distilla do filão recondito, o outro é o ferro dotado de propriedades magneticas. Pódes chamar áquelle, carvão negro e torvo, se tiveres olhado neste o diamante lapidado, que scintilla pelos engastes das tuas orbitas como se ardesse vivido na corôa de um rei.

Dedicações d'um jornalista

O *Noticias do Norte*, diario de Braga, que tem por director politico Jacintho Fernandes, mostrou nos ha dias, debaixo do seu titulo, a rubrica de jornal regenerador.

Achamos a mudança naturalissima, attendendo ás qualidades de caracter do sr. Jacintho.

Um homem que como catholico *atacou* o *Portugal Jesuita* de Grainha; mais tarde como republicano e anti-catholico publicava no seu jornal — o mesmo d'hoje — artigos revolucionarios e anti-clericalistas, denunciando escandalos do Seminario e luctando contra o coio jesuitico de S. Bernabé; que affirmava em conversa as suas tendencias libertarias defendendo formulas mais avançadas que o republicanismo; voltou ás manadas monarchicas devidamente penitenciado dos peccados contra ellas commettidos. Por ellas lisongeiramente acolhido, como era natural, deu-se pressa, generoso, em as percorrer *a todas*, para que nenhuma chorosamente lamentasse a sua falta.

Apenas chamada á mangedoura a cambada lucianesca, logo o lesto Jacintho vibrou d'enthusiasmo annunciando *confiadamente* a salvação da Patria. Não foi em vão. Estimulos sahiram de todos os lados a anima-lo, alentando o reconhecidamente as bolsas partidarias. Mas o coice não vinha longe. Estala a *patriotica* dissidencia progressista, e, lepido ainda, o nosso homem segue-a para d'ahi a pouco lhe virar as costas. Ingratos, não o animaram!

Luciano pode contar com elle e os seus representantes na cidade dos Arcebispos, recebem com amor a volta do filho prodigo ao seu seio. Mas o Diabo arma-as! E o sopro diabolico impelle Luciano para a solidão do lar d'onde nunca devia ter saído, verdade seja.

Fugido o homem do fragor da lucta que a sua evidencia determinava, não precisa já do valioso appoio de Jacintho que reconhece então a urgente necessidade d'ir acudir áquelle que vae ser o alvo dos ataques anti-ministeriaes. Ei-lo então agora fazendo a sua profissão de fé regeneradora. Era a logica!

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que fôr mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;
Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;
No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;
Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Candidatos Republicanos

Circulo n.º 8

Coimbra—Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemór-o-Velho, Penella e Soure.

Bernardino Luiz Machado Gulmarães (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio Augusto Gonçalves, Professor.

Francisco José Fernandes Costa (Dr.) Professor e advogado.

Joaquim da Silva Cortezão (Dr.) Medico.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr.) Jornalista.

OS COMICIOS

Propaganda eleitoral

No domingo, 15, continuaram os comicios de propaganda eleitoral nos circulos de Lisboa e no de Setubal.

O primeiro foi na Labrugeira, presidido pelo sr. Gaspar de Carvalho que deu a palavra, em primeiro logar, ao sr. dr. Bernardino Machado. Este nosso correligionario, revoltando-se contra os desmandos da monarchia, apresenta em breves phrases o seu programma no parlamento.

Diz que quer a ordem nos processos de administração, a instrucção do povo, a liberdade de voto, emfim, todas as regalias a que tem direito este povo que dizem livre, mas que não o é nem pode ser emquanto existir a lei de 13 de fevereiro.

Terminou no meio de grandes applausos, ouvindo-se muitos vivas á Republica soltados num verdadeiro delirio.

Seguiu-se o dr. Affonso Costa que verberou atrozmente o regimen monarchico e os seus politicos que só cuidam dos seus interesses, desprezando o povo que cada vez é mais explorado com impostos.

Com o discurso do Dr. Affonso Costa que foi alvo de grandes manifestações, terminou o comicio, dirigindo-se os srs. drs. Bernardino Machado e Affonso Costa para a Atalaya.

Nesta localidade realisou-se, ao meio dia, outro comicio, presidido pelo sr. Fernando Barreto.

Fallaram os mesmos oradores, reproduzindo o sr. dr. Bernardino Machado pouco mais ou menos o discurso-programma proferido na Labrugeira e fazendo o dr. Affonso Costa um eloquente discurso que arrebatou o auditorio.

O terceiro comicio teve logar na Merceana onde os candidatos foram recebidos com um enthusiasmo indescriptivel.

Dirigiram-se os dois candidatos a casa do sr. Filippe d'Almeida, a cuja porta eram esperados por muitas creanças que sobre elles lançaram grande quantidade de flores, no meio das acclamações do povo.

Em casa do nosso correligionario sr. Filippe d'Almeida se realisou o comicio a que presidiu o sr. Luiz Antonio Caiano.

O sr. dr. Bernardino Machado fez o confronto entre a monarchia e a republica, confronto entre os dois regimens em geral e em especial applicados a Portugal.

A proposito refere-se ao facto de o Visconde de Chancelleiros que poz toda a sua boa vontade ao serviço da monarchia, de que foi extrenuo defensor, se ter recolhido a uma indolencia por todos estranhada. E' que esse homem de espirito lucidissimo estava descontente com os processos administrativos dos monarchicos e, se não se bandeou com os republicanos, foi por uma questão de consciencia, aliás louvavel.

Fallou depois o dr. Affonso Costa que apresentou o seu programma como candidato republicano.

Mostrou o que seria a Republica em Portugal e, a proposito, estabeleceu o parallelo entre o nosso paiz e a republica da Suissa, a respeito de administração publica.

Depois de imponentes manifestações partiram os candidatos para Alemquer.

Ao comicio nesta villa presidiu o sr. Arthur Gonçalves.

O sr. Dr. Bernardino Machado disse que se sentia bem entre a população operaria de Alemquer e resumiu em poucas palavras o seu programma: protecção aos humildes e em especial aos operarios.

Referiu-se, a proposito, ás leis vantajosas para os operarios, que referendou quando ministro, e que, justamente por serem vantajosas para aquella classe, não foram cumpridas pelos seus successores.

Convidou os eleitores a cumprirem com os seus deveres civicos, evitando chapeladas e votando nos candidatos republicanos.

Tomou em seguida a palavra o dr. Affonso Costa que criticou ponto a ponto o governo da monarchia.

Diz ser indispensavel a reforma da lei eleitoral.

Fecha o seu discurso dizendo que se a monarchia encerrar mais uma vez o parlamento, com medo dos republicanos, estes irão para as barricadas tomar-lhe contas dos seus actos.

Fallaram ainda o operario da Alhandra, sr. Augusto Bernardo, e dr. João Gonçalves que foram muito applaudidos.

Fallou tambem o dr. Antonio José d'Almeida que, com o sr. Feio Terenas, tinha chegado ao principiar o discurso do dr. Affonso Costa.

Atacou fortemente o regimen e analysou a dynastia governante demorando-se principalmente na critica a D. João VI.

Apresentou o seu programma que é liberdade para tudo, por tudo e para todos.

Terminou o comicio no meio de vivas á Republica e morras a diversos individuos.

*

No circulo occidental houve comicios na Lourinhã e Torres Vedras.

No primeiro fallaram os drs. João de Menezes e Alexandre Braga.

O dr. João de Menezes diz que os republicanos querem que a administração do Estado seja honesta, o que não tem succedido até agora.

Pagamos de impostos 49 mil contos que vão para viagens ao estrangeiro e para locupletar os ministros e os seus amigos. Para que os republicanos não digam isso é que os monarchicos não os querem no parlamento.

Faz o confronto entre a Suissa e Portugal.

Naquella republica todos são soldados; todos os annos fazem em poucos dias o seu serviço militar e voltam para casa com as espingardas.

Em Portugal não se faz isso porque os governos bem sabem que o povo, na posse das espingardas, iria logo ao Terreiro do Paço escorraçar os causadores da sua miseria.

Em Portugal os pobres não podem mandar os filhos á escola, porque nem sequer teem com que os sustentar e vestir; na Suissa ha as cantinas escolares e as creanças pobres são vestidas pelas escolas.

Em Portugal a familia real ganha 500 contos por anno e cada filho do rei é uma novo fonte de receita para a familia, ao contrario do que succede com os pobres. Na Suissa o presidente recebe 3 contos de reis, e ninguem da sua familia tem logar á mesa do orçamento.

Com estes exemplos mostrou o que é uma Republica e o que é uma monarchia.

Terminou por pedir ao povo que não deixasse roubar a eleição.

Depois d'uma grande salva de palmas e de vivas ao dr. Menezes, toma a palavra o dr. Alexandre Braga.

Mostra o estado em que está o paiz, com uma divida publica de 900 mil contos e diz que os credores quando vierem pedir o pagamento d'essa divida o farão pela bocca das espingardas.

E', pois, uma desgraçada situação que existe por culpa dos eleitores que systematicamente teem dado o voto ao primeiro que o pede.

Poderá o povo, não conhecendo os candidatos republicanos, dizer que tão bons são uns como outros.

A prova de que não é assim é que os republicanos veem dizer ao povo o que pretendem, o que nenhum deputado do governo tem a coragem de fazer.

Elles tudo promettem e nada cumprem; os republicanos apenas promettem defender no parlamento os interesses do povo.

Diz que a principal producção d'aquella região é o vinho; pois os governos nada teem feito para proteger a industria vinicola.

Ha pouco fez-se uma lei para proteger os interesses do viticultor da Bairrada José Luciano, presidente do conselho.

Para acabar com tudo isto é necessario que os republicanos vão ao parlamento.

Alexandre Braga fecha o seu discurso com um bello rasgo oratorio que a assembléa applaudiu com enthusiasticos vivas e uma salva de palmas.

D'ahi seguiram os oradores para Torres Vedras.

O dr. João de Menezes diz que não vem pedir votos. Apenas pede que não consintam o roubo da urna.

Nada lhes promette; nunca faria isso, porque não ha maior vergonha do que a venda do voto; quem vende o voto é capaz de vender a mulher e os filhos.

Refere-se á falta de protecção áquella região, essencialmente vinhateira, onde os proprietarios vendem o vinho por um preço miseravel por causa dos impostos de real d'agua e outros.

Um governo honesto devia supprimir os impostos sobre os generos de consumo, que é o mais infame porque contribue poderosamente para o depauperamento da raça.

Depois de mais algumas considerações, termina, declarando novamente que não pede votos. Se concordam com elle, votem nos republicanos; se não concordam, votem contra elles. Mas não deixem roubar a eleição. Falla depois Heliodoro Salgado que estabelece a largos traços as differenças entre os regimens monarchicos e republicanos.

Falla no processo seguido, de ha muito, pelos partidos monarchicos: faltarem, no governo, ás promessas feitas na opposição.

Nesse ponto é superior a todos o progressista.

A proposito refere-se ao facto de Fontes ter sido posto na rua, em 1886, por se recusar a arranjar 500 contos para as despezas d'um casamento com que o povo nada tinha. Logo os progressistas, que na opposição reclamavam economias, se prestaram a fazer o que Fontes tinha recusado.

Muito applaudido, termina o seu discurso ao qual se segue o do dr. Alexandre Braga.

Como candidato cumpre-lhe dizer aos eleitores o que pensa e o que quer, para que elles possam dar-lhe ou recusar-lhe o voto.

Se os republicanos forem ao parlamento, será o mesmo que ir lá o povo todo; se forem os monarchicos, farão o que os amos lhes mandarem.

Desde a implantação do constitucionalismo que temos sido victimas d'esses filhos da politica porca e nefasta.

Não sabemos ao certo o que irão fazer ao parlamento os deputados monarchicos, mas tudo leva a crêr que serão os mesmos rufiões ao serviço da mesma bandalheira.

Haverá mais impostos e mais folia, mais sangue roubado ao povo e mai viagens, mais hiates e mais *cocottes*.

Hoje dentro da monarchia não ha chefes de partidos, ha chefes de quadrilhas; mas os antigos quadrilheiros tinham coragem, atacavam de frente, ao passo que estes veem mascarados em fardas reluzentes, dizem que nos defendem e só nos exploram.

Com este discurso terminou o comicio, com uma extraordinaria manifestação a todos os oradores.

*

No dia 16 houve um comicio em Villa Franca.

O sr. dr. Bernardino Machado diz que o partido republicano é um partido de ordem. No anno passado onde é que houve a ordem e se cumpriu a lei, nas eleições?

Onde o partido republicano se apresentou, fiscalisou o acto eleitoral.

Onde elle estava em minoria houve desordem, falsificação e violencia.

Os republicanos querem a ordem em tudo e hão-de impô-la até no parlamento onde só desordem tem havido.

O partido só aspira a trabalhar pelo bem do paiz. Quer todas as liberdades. E' necessario que todos votem, todos defendam os seus direitos. Referiu-se á liberdade da imprensa que é constantemente vexada no seu livre direito de critica.

E' necessario engrandecer o partido para que a sua acção moralisadora seja cada vez maior.

Depois usa da palavra o dr. Affonso Costa que desenvolve alguns pontos do programma do dr. Bernardino Machado. O partido republicano não quer arranjar caciques nem eleiçoeiros; quer só a affirmação de principios e de ideias.

Analysa rapidamente os males trazidos ao paiz pela monarchia.

Põe em evidencia qual será a acção moralisadora dos republicanos no parlamento e termina dizendo ao povo que defenda a todo o transe os seus direitos.

Segue-se o dr. Antonio José d'Almeida que, depois de saudar as senhoras, esboça em poucas palavras o seu programma no parlamento.

Enaltece a obra revolucionaria do partido republicano e elogia o povo de Villa Franca que mostra querer acompanhar as manifestações de progresso.

Fallou ainda o sr. dr. Anselmo Xavier que num pequeno discurso fez a analyse da vida do trabalhador que mal ganha para pagar os impostos.

O presidente, sr. Dias da Silva, depois de algumas considerações sobre o proximo acto eleitoral, encerrou o comicio.

*

Em Almeirim o sr. dr. Guilherme Godinho tomou a presidencia do comicio, dando, primeiro, a palavra ao sr. Avelino de Sousa que em palavras enthusiasticas verberou os governos monarchicos e mostrou a necessidade que o povo tem de intervir na administração publica.

Seguiu-se o nosso companheiro José Montez que falla em nome dos estudantes republicanos de Coimbra.

Elogia os candidatos republicanos cuja vida de sacrificio pela causa publica é garantia sufficiente para que o povo possa votar nelles.

Depois de explicar qual a funcção do povo quando vota, termina incitando-o a ir á urna mostrar a sua vontade de intervir na administração publica.

Fallou a seguir o sr. dr. Ramiro Guedes.

Apresentou o programma dos candidatos republicanos e comparou o nosso paiz com a França, mostrando a differença de impostos que o povo paga num e noutro paiz.

Convida o povo a cumprir o seu dever.

Falla depois o sr. Manuel das Neves que compara Portugal com a Suissa e saúda a victoria futura do partido republicano.

Segue-se o dr. Francisco Godinho que diz ser monarchico e esperar o possivel resurgimento do paiz dentro do regimen vigente.

Respondeu-lhe José Montez que em phrases vibrantes de enthusiasmo e cheias de verdade, rebateu as affirmações d'aquelle orador.

As palavras de José Montez foram recebidas com muitos applausos do povo.

Em seguida encerrou-se o comicio.

*

Por esta resumida resenha dos ultimos comicios, se vê que o nosso partido não tem descurado a sua propaganda eleitoral com o que muito folgamos, porque crêmos bem que não será improficua essa tarefa.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

—Comprehendo! disse o homem pensativo.

—Olha melhor esse miolo dos dois fructos descascados. Cada polpa se me afigura formada de lobulos ou espheroides. E' como um continente dividido em nações pelos grandes rios, ou um paiz repartido em districtos, pelas grandes estradas reaes. Cada districtos é a potencia que rege alguma determinada funcção do corpo—são as bossas. Ha a bossa da memoria, a bossa da intellingencia, a bossa da luxuria, a da gula...

—E apontando cada proeminencia, o deus chamava-as pelos seus nomes. Algumas que eram salientes na criança, ou mal se esboçavam no *orango* ou positivamente não existiam. Em compensação o cerebro do bruto tinha noutras, um desenvolvimento colossal a respeito do pequeno. O deus fazia-as comparar miudamente, uma a uma.

Todas as que presidem á direcção de necessidades animaes, instinctos ou appetites, são consideraveis em teu pai, dizia elle ao homem. Todas as que se referem ao intellecto são de surprehendente grandeza em teu filho. Eis por que buscas alguma coisa mais na vida que a replexão do teu estomago se tens fome, a ingestão de agua corrente se tens sêde, que o repouso se tens somno, e o coito brutal se a virilidade do teu sexo faz explosão ante a femea que passa, serva obediente da tua crueldade ou docil instrumento da tua lascivia! D'esse instincto, que a natureza instituiu para povoar os seus continentes e os seus mares, encher de rumor as florestas e de cardumes as aguas, instincto todo grosseiro nos que te são inferiores, tiraste tu os effeitos mais dôces, as symphonias mais limpidas, os mais castos threnos e as mais scintillantes volatas. Chamaste-lhe o amor, e crystallisando o amor transfizeste-o na adoração. A' femea escrava quebraste as algemas, não consentindo que os seus pés sangrassem, como os teus rudes pés de luctador, nos abrolhos da selva e nos espinhos da maledicencia. Da tua rude cabana fizeste um templo, da tua fé um lampadario, uma cupula da tua religião e da mulher o teu deus. No santuario do teu amor, puzeste o deus, e da cupula do templo o lampadario encheu de esplendores mysticos a tua familia e a tua alma. Pela adoração domaste a tua força, aprendendo a ser dedicado para os fracos, altivo para os soberbos, cruel para os maus, justiceiro, generoso e valente! Estas qualidades deve-las á tua intelligencia, fluido singular que emana d'este lobulo—e apontava—e te destacou dos teus antepassados. Por essa faculdade, dominarás os elementos e os animaes, serás rei e senhor, porque o teu braço obedecerá sempre á tua cabeça. Cada geração receberá da anterior um patrimonio de idéas adquirido, entregando religiosamente á que lhe succeder, acrescentado pelos seus esforços, esse patrimonio sagrado e inviolavel. A tua ambição será satisfeita, descança.

—E serei eterno? disse o homem, tremendo áquella idéa.

—Na historia.

—Na vida! Que me importará a historia? Se poderei viver assim sempre, dominando mares e povos, e experimentando cá dentro esta plenitude de seiva que extravasa do meu corpo, e se desentranha em colossaes alegrias?

—Não! disse o deus com voz profunda. Morrerás!

—De que me serve então tudo isto? exclamou elle contrahindo a face serena, que uma graça infinita deificava. E erguendo os braços desesperado cahiu a chorar a mesquinhez da sua condição. O velho deus sorria.

—E qual a bossa, que no cerebro de meu filho corresponde a este horrivel veneno que a tua palavra me faz beber?

O deus apontou-lh'a, dizendo:

—Esse veneno chama-se a *Dôr* e nunca envenenou teu pai.

—Faze-me então voltar á nativa bruteza dos meus, disse o homem. Prefiro a inconsciencia rude do *orango*, a essa intelligencia que illuminando-me a vida me faz d'ella um ergastulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptivel e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora.

A voz do deus bradou:

—Jámais!

E desde então esse animal vaidoso, julgado o mais perfeito e o mais livre dos seres vivos, tornou se no miseravel escravo que eternamente geme sob o chicote do seu verdugo—esse verdugo que se chama: o Pensamento.

Fialho d'Almeida.

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço . . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 7 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 30 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Monarchia e Republica

Subordinada a este thema realisou o nosso camarada Carlos Olavo, no Centro Republicano José Falcão, da Figueira da Foz, a sua annunciada conferencia que inserimos neste logar pelo que ella revela de enthusiastica esperança no resurgimento da nossa terra pela realisação do ideal que defendemos com todo o ardor das nossas almas de rapazes.

Quero antes de tudo saudar os republicanos d'este centro que se organisaram sob o patrocinio do nome prestigioso de José Falcão, figura de tão superior quilate que ainda hoje paira sobre nós como fonte de permanente inspiração republicana, na idolatria sentimental das nossas almas pela sua grande envergadura moral e na admiração consciente dos nossos espiritos pela sua poderosa e incomparavel influencia intellectiva.

Quero tambem felicitar-me e felicitar todos os meus correligionarios pelo grande movimento, pela consoladora agitação em que eu sinto palpitar o corpo abatido d'esta pobre nacionalidade que um espirito de pessimismo amargurado, peculiar aos povos nos periodos da sua desgraça, via já na brancura da sua mortalha, a desapparecer na ultima pagina escura da sua historia.

Mas o movimento d'agora vem clarear a esperança dos homens crentes que pensaram sempre como Quinet em face da decadencia da França, que mortos eram aquelles que se dispunham a passar a certidão d'obito d'um povo que tem ainda grandes condições de vitalidade, de energia, de força, para realisar a sua propria libertação.

E parece-me que os homens do nosso partido comprehenderam a verdadeira e democratica missão a desempenhar em face das nossas actuaes circumstancias, desenvolvendo por toda a parte um trabalho de educação civica e de propaganda salutar que honra a um partido politico que tenha a pretenção de assumir um dia a direcção dos interesses do paiz.

Posso dizer-lhes a este respeito, com certa auctoridade, porque percorri em varias d'essas peregrinações algumas povoações ruraes, que grande foi a minha satisfação ao vêr o enthusiasmo, muitas vezes o delirio, com que o povo dos campos acolhia a verdade intuitiva das nossas palavras de combate e como até no espirito inculto lhe calava a justa doutrina proclamada.

Mas esta missão só a póde exercer um partido que tenha fundamentos de justiça, motivos de sinceridade a determinar e a orientar as suas campanhas.

Então a utilidade que d'ella resulta é d'um alcance incalculavel: chama o povo á fiscalisação dos negocios administrativos, interessa-o nos movimentos da politica nacional, orienta-o e educa-o na corrente dos melhores principios.

Neste procedimento se marca uma differença radical entre os processos dos republicanos que apparecem a apresentar os seus programmas e a defender as suas ideias, nos comicios, nas conferencias, em todos os pontos em que se pódem pôr em contacto com as classes populares, e os dos monarchicos que não apparecem nunca, que desprezam o povo, que só teem ambições a satisfazer e que para marchar para a sua realisação são capazes de patinhar sobre os direitos, as regalias, as conveniencias, as leis, os interesses e até sobre as vidas dos seus concidadãos!

Ora esta differença que se nota nos processos resulta claramente — d'uma differença fundamental na moralidade, opportunidade e justiça dos dois regimens politicos: monarchico e republicano.

As monarchias, como formas de governo que assentam sobre o privilegio e sobre a hereditariedade, estão condemnadas irremissivelmente em face da moderna orientação doutrinaria dos espiritos. Para se illudir d'alguma maneira as aspirações que se formavam na consciencia dos povos e dar uma forma hypocrita de satisfação ás reclamações formuladas pelos propagandistas e pelos paladinos que se inspiravam na Revolução Francêsa, appareceu o disfarce mystificador do constitucionalismo que não representa mais do que uma ficção e uma mentira.

Os senhores, nós todos, temos, pela carta constitucional, simplesmente apparencias de direitos, de garantias, de liberdades.

Diz-se na carta constitucional, por exemplo, que a camara dos deputados é a expressão da vontade nacional. E, no entanto, os senhores sabem que não tiveram nunca representantes seus no parlamento porque as leis eleitoraes são feitas de maneira a facilitar a corrupção e a fraude, e que, quando não bastem os vicios e os sophismas da propria lei, lá estão os galopins que o regimen assalariou para roubar as urnas, lá estão as auctoridades subservientes para cortar os nomes dos republicanos nos recenseamentos, lá estão os agentes da violencia para tudo quanto fôr necessario para que das urnas não saia, pura e integra, a vontade do povo português.

Mas supponhamos que as eleições se realisam com toda a correcção e com toda a legalidade; supponhamos que a camara se constitue com verdadeiros representantes do povo que lá vão defender dentro os seus interesses e exprimir as suas reivindicações.

O rei tem, pela mesma carta constitucional, a faculdade de a dissolver quantas vezes quizer, quando ella, porventura, lhe não convenha ou não seja do seu agrado.

Mas supponhamos ainda que os eleitores insistem nos seus representantes e as camaras não são dissolvidas. As suas reclamações não serão realisadas, as leis liberaes não serão levadas a effeito, as suas aspirações não serão um facto, porque acima d'essa camara está outra de absoluta confiança do rei, porque é da sua inteira e exclusiva nomeação.

Mas supponhamos ainda, que a camara dos pares sancciona as leis que a primeira camara approvou contendo a satisfação dos interesses populares, o reconhecimento dos direitos dos cidadãos. Isso não quer dizer que ellas tenham realisação, porque acima de tudo, das camaras, do povo inteiro, está, consagrada pela mesma carta constitucional, a vontade do rei, expressa no *seu veto absoluto*, que annulla todas as leis e todas as reformas que não tenham a sua sancção.

A carta constitucional, por exemplo, proclama inviolavel a consciencia dos cidadãos, livre de censura e coacção o direito de exprimir o seu pensamento por palavras e escriptos.

E, no entanto, as nossas leis de reunião e de associação põem á discripção das auctoridades administrativas o impedirem as nossas conferencias e o prohibirem os nossos comicios; as nossas leis de excepção põem em risco não só a liberdade dos cidadãos, mas até a sua vida, por delictos de opinião; as nossas leis de imprensa suffocam cada vez mais a liberdade do pensamento. E acima de tudo, das disposições draconianas das proprias leis e contra as proprias leis, está o arbitrio de auctoridades sem escrupulos e sem pundonôr.

Basta isto, para provar que vivemos num regimen despotico e que a carta constitucional é a sua mascara infamante e vilipendiosa!

E se fôrmos a reparar na marcha d'essas leis que constituem toda a nossa legislação politica, teremos de notar, com tristeza e indignação, uma accentuada e profunda evolução regressiva.

Basta isto para nos determinar a um movimento sério e forte de protesto e resistencia contra a obra de reacção politica que a monarchia vem ha tantos annos a realisar impunemente e cynicamente em Portugal.

*

A republica, contrariamente ao que succede na monarchia, é um regimen que assenta essencialmente na eleição e as instituições democraticas valem principalmente pelo concurso esclarecido de todos os cidadãos proclamados eguaes e livres.

E' por isso que o primeiro cuidado da republica é diffundir a instrucção de modo a tornar os individuos aptos para funcção politica e social que a todos compete.

E' por isso, que não é para admirar a grande differença que se nota entre o orçamento de instrucção publica de 1867, na França, sob o imperio, que é de 8.490 contos e o de 1901, sob a Republica, que é de 48.840 contos.

Eu não tenho tempo para citar sequer a obra social da republica francêsa expressa nas suas leis e nas suas reformas. Simplesmente lhes direi que é admiravel o progresso realisado sob o regimen republicano, a obra de fraternidade que implicam as suas leis de protecção operaria, o seu trabalho de laicisação do ensino que significa o principio da libertação da consciencia humana, a realisação progressiva de todas as liberdades a ponto de não haver ali delictos de opinião e de doutrina.

A revolução produzida sob a republica é tão notavel que naquella França, que nós nos habituámos a considerar conservadora, não é viavel hoje um governo que não tenha o proposito de realisar uma obra profundamente social e humana, em harmonia com as reclamações formuladas por um povo organisado e consciente.

Benoit Malon tinha razão quando affirmava «de formas logicas de governo, apenas conheço a republica e é para ella qne a lei fatal do progresso encaminha os povos».

*

Pelo que fica dito, facilmente se infere qual é a attitude mais digna e mais rasoavel a assumir em face do regimen deshonrado e perdido que ainda hoje vigora em Portugal. E' aproveitar todos os meios de lucta e de protesto, fazer convergir contra elle todas as parcellas do nosso esforço, toda a energia dos nossos braços, todas as violencias da nossa cólera.

E, estando á porta as eleições, exprimir por meio d'ellas a nossa reprovação á sua vilissima conducta que tem atirado sobre nós o desprezo e vergonha.

E que esta lucta eleitoral seja o prenuncio da victoria completa da Republica, pela reparação das nossas liberdades, pela moralisação dos nossos costumes politicos, pela reorganisação das nossas finanças, pela instrucção e educação do nosso povo, fazendo d'elle um povo de cidadãos conscientes com a noção dos seus direitos e dos seus deveres.

*

Ao terminar Carlos Olavo a sua conferencia, as muitas dezenas de pessoas que completamente enchiam a vasta sala onde ella se realisou fizeram-lhe uma enthusiastica manifestação, com vivas áquelle nosso camarada, ao Grupo Republicano Academico, á Republica, etc., etc.

A assembleia fez depois uma grande ovação ao nosso camarada Ramada Curto obrigando-o a fazer uso da palavra.

Este nosso amigo, num improviso brilhantissimo, fez resaltar a obra nefasta da monarchia, conduzindo-nos a este estado de decadencia economica e politica.

Com uma fina ironia fez o exame dos varios grupelhos que pretendem governar-se á sombra do regimen e terminou com um rasgo de eloquencia mostrando a necessidade inadiavel, para o levantamento da nossa nacionalidade, da implantação da Republica no nosso paiz.

Uma extraordinaria salva de palmas cobriu as ultimas palavras de Ramada Curto, terminando a brilhante sessão com vivas enthusiasticos a s vultos mais prestigiosos do partido republicano, á patria livre, etc etc.

DUAS PALAVRAS

O paiz soffre — todas as pessoas estão d'accordo sobre esta inatacavel verdade: os philosophos e os barbeiros, os politicos e os jornaes, o exercito e a marinha, o clero, a nobreza e o povo. O paiz soffre, não ha duvida nenhuma que padece.

Mas de que soffre o paiz?

Aqui surgem as graves dissidencias de opinião; os philosophos não estão d'accordo com os barbeiros, os politicos discordam dos jornaes, o exercito e a marinha não se entendem com o clero e se a nobreza e o povo não pegam da penna para se insultar mutuamente sobre o assumpto em questão é porque a nobreza e o povo infelizmente não sabem escrever.

Pois tambem nós queremos, custe o que custar, dar opinião sobre o caso, opinião independente e altiva, opinião desassombrada, maneira de vêr de quem não deve e não teme:

O paiz soffre e soffre de prisão de ventre. Ora ahi teem...

O intestino do paiz não funcciona facil e livremente como seria para desejar.

Tem durezas a nossa heroica nacionalidade; no seu honrado ventre existem cibalas rijissimas, respeitabilissimas, inamoviveis, com a consistencia e a grossura de calhaus que a seringa diaria da imprensa não consegue amollecer.

For mais que a tripa nacional se esforce não saem, e, só por vezes, quando Deus quer, alguns gazes se escapulem com sonoridades patrioticas que lembram o hymno da carta e o «God save the King». Dizem que applicando bem a orelha lá por dentro se ouvem rumorejar vagas «palavras d'honra», «responsabilidades precipuas» e que ás vezes, em dias de maior regosijo, uma deliciosa voz de barytono entôa agradavelmente as canções canalhas da Yvette.

Aquillo não é uma tripa — é um phonographo...

E é uma grande pouca vergonha! Se o paiz quizer salvar-se de tão exquisita e desastrosa doença, só tem um caminho a seguir:

Encher-se de coragem, acocorar-se mesmo juntinho á fronteira, mandar tocar o hymno da restauração, fazer força e... zás. — Ficará assim a patria alliviada e a historia contará mais tarde um rei a mais no exilio.

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

O procedimento do governo para com os republicanos é indecoroso e infame. Durante toda a semana foram apprehendidos os nossos jornaes sem as razões com que a lei justifica o facto.

O intuito do governo que é, claramente, prejudicar a propaganda eleitoral que o partido republicano exerce por meio da sua imprensa, é um intuito que revela a indignidade suprema dos seus processos e a sua inilludivel falta de apoio na opinião publica.

No entanto, estas perseguições de todos os dias, estes attentados insistentes ás leis, aos interesses, aos direitos, aos brios dos cidadãos, enchem de revolta todos aquelles em cuja natureza a sensibilidade e o pundonôr se não extinguiram de todo, a ponto de determinar nos mais pacificos e moderados uma ancia irreprimivel de legitima insurreição.

Foi um grande espirito da França moderna que o disse: «quando a resistencia é um direito, a resistencia é um dever.» E não ha nada que mais constitua para nós todos, cidadãos portuguêses, um direito á resistencia effectivada numa revolução que decisivamente nos redima, do que os vexames, os roubos e os crimes de que somos, ha tantos annos, victimas resignadas e humildes.

Ah! senhores; se não o fazemos, para vencer ou para morrer, somos bem dignos do desprezo universal!

—

Criminosos celebres

O nosso querido collega *O Mundo*, farto dos innumeros roubos com que o teem honrado todas as quadrilhas que costumam manobrar nos conselhos da corôa,

resolveu pedir contas por intermedio do tribunal do commercio de Lisboa, ao enfatuado pateta que dá pelo nome de Hintze Ribeiro e ao creado ás ordens do regimen, o honesto Veiga da corregedoria.

Vão, pois, perante o poder judicial, responder pelos seus actos estes dois homens que até agora, impunemente, teem commettido todas as vilezas contra aquelles, que, não sabendo pactuar teem vindo pela vida fora, combatendo o regimen e os seus homens.

E' advogado do *Mundo* o nosso eminente correligionario sr. dr. Affonso Costa, o que é bastante para se ter a certeza de que hão-de ser bem defendidos os legitimos direitos do nosso presado collega que vão ser julgados por um jury de homens honestos, o que nos dá a convicção de que justiça ha-de ser feita e de que ha-de ser condemnatoria para os reus Hintze e Veiga a sentença que houver de ser proferida.

E isto que nos alegra pelo que representa de justo, entristece-nos tambem pelo que ha-de ficar a menos nos cofres publicos, porque é delles que ha-de sair a indemnisação que de direito o *Mundo* exige.

Não é verdade, senhores?

—

Um deputado

O *Primeiro de Janeiro* do ultimo sabbado apresenta aos portuenses os retratos dos progressistas dissidentes que se propunham a entrar no parlamento representando o Porto, e entre elles figura a vera egffie do sr. dr. Pedro Martins, que aquelle jornal faz acompanhar de varias palavras elogiosas.

Parece-nos no entanto incompleto o que aquelle jornal dizia a respeito do illustre alpoinista, e, já agora, será bom lembrar alguns dos factos mais notaveis da vida politica do futuro deputado, para elucidação das gentes e subsidio para a historia dos homens do regimen.

Assim este sr. dr. Pedro Martins — é aquelle mesmo que por occasião do centenario de Garrett, em nome da Academia de Coimbra, affirmava que os estudantes que alli se encontravam haviam um dia de voltar ao Porto mas com as Kropatschecs para correr o regimen e os apaniguados; era então republicano...

— é aquelle que depois de lente da Universidade e, por consequencia, em condições de vida para se manter honestamente no seu posto, alcançou um logar de deputado por favor do fallecido Barahona; era então progressista...

— é aquelle que depois da questão dos tabacos apparecia a dizer ao povo que o sr. José Luciano era um apostata e mais partes; era então dissidente...

— é aquelle... é aquelle.. que afinal não é mais do que um discipulo e continuador do outro, do Fernando Martins de Carvalho.

—

Uma pergunta

Uma noticia telegraphica de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro* diz o seguinte:

« A rainha sr.ª D. Maria Pia esteve hoje lunchando na Pastellaria Bijou, na Avenida. »

E que tal seria o real *deslunch*, sr. correspondente?

—

Os Padres no Parlamento

Dizem de Paris que o infallivel Papa, Pio X, decidiu não permittir que os padres se apresentem como candidatos ás proximas eleições do parlamento francês sem previo consentimento da auctoridade ecclesiastica.

Esta deliberação do santissimo Padre, provocada pela lei de separação do Estado e da Egreja, votada ha pouco em França, é que não deixa de ter, contra o costume, as suas vantagens. Vae, pelo menos, desinfectar durante algum tempo do microbio fradesco o parlamento da grande republica.

Porque não ha-de Sua Santidade mandar fazer o mesmo em Portugal?

Se o divino successor de S. Pedro conseguir-nos livrar das provocações do padre Brandão e da inesgotavel oratoria do padre Luiz J. Dias, quasi lhe podemos garantir que esse facto, seguido dum *Padre Nosso* e uma *Ave Maria* rezados com unção, lhe hade trazer, pelo menos, uns cem dias de indulgencias...

—

Outros tempos

O jornal *Novidades* que até aqui ha um tempo fazia a propaganda das candidaturas republicanas, dizendo-as mesmo necessarias para a monarchia, pela acção fiscalisadora que desempenhariam os deputados republicanos no parlamento, apparece agora muito melancholico, apresentando as listas por obrigação, pondo antes as monarchicas e já nada dizendo sobre a utilidade da representação do partido republicano em côrtes.

Mudaram os tempos; a bolsa dos tabaqueiros abriu-se e acabaram as indignações patrioticas.

Hoje os deputados republicanos já não são precisos porque não ha já necessidade de contrariar aquelle sujeito gordo que nós sabemos.

—

Os Snobs reaes

O snob Guilherme da Allemanha continua na sua grandiosa missão de immortalisar os homens deste seculo.

Toda a gente se recorda ainda do seu comico telegramma á viuva de Zola: *Seu marido é immortal.*

Agora acaba de telegraphar o mesmo á viuva de Curie, o descobridor do *radium*, morto ha dias tragicamente numa rua de Paris.

Como se os telegrammas dum idiota, que só pensa em manobras militares e marchas de continencia, podessem ter algum valor!

O Guilherme de *cá* tem outros snobismos: assigna livros e quadros... dos outros.

Cada um no seu genero!

O 1.º de maio

Vae ser mais uma vez festejado o 1.º de maio e apezar da ingenuidade que caracterisa em Portugal todas as manifestações deste genero, visto que os operarios de Coimbra pensam principalmente em aproveitar um como pretexto para constituirem uma federação de classes, cujo alta importancia é escusado provar, merece-nos toda a sympathia a sua festa.

Vão os operarios entregar ao presidente da Camara, o snr. Dr. Marnôco, uma mensagem em que será dito quanto o povo trabalhador de Coimbra deve ao seu lucido e bem orientado espirito e á bondade do seu coração. E' de justiça a concessão das oito horas de trabalho que, por iniciativa do seu illustre presidente, a camara de Coimbra decretou para os seus operarios, constituindo um motivo de legitimo orgulho para o snr. dr. Marnôco e ficará como um nobre exemplo a seguir por todos aquelles cujo fim unico não seja a exploração criminosa do misero e desgraçado trabalhador português.

Irão depois ao cemiterio lançar flôres sobre as campas humildes dos seus irmãos que sem nome e sem gloria foram descançar dos seus soffrimentos e luctas e a quem jámais a historia lembrará os mil sacrificios das suas existencias heroicas e desconhecidas.

Não se esqueçam os operarios de procurar na Conchada aquelles seus dois companheiros que em 12 de março, ha tres annos, as balas dos soldados vararam á ordem do mesmo governo que acaba de ganhar as eleições em Coimbra.

Procurae-os bem e perguntae a vós proprios se o vosso dever está cumprido.

Ide á valla commum... elles devem lá estar.

Reunião

Em assembleia geral reuniram-se no sabbado os estudantes da faculdade de Philosophia afim de resolverem a attitude a tomar perante o artigo do regulamento dos trabalhos praticos por obrigar ao pagamento de 3$000 réis *por cadeira* cada alumno.

Foi nomeada uma commissão composta dos estudantes: Alberto Feyo, Bissya Barreto, Carlos Elias, Aureliano Fernandes e Pacheco, que deverá da melhor maneira conseguir a modificação ou supressão de tal disposição.

São inteiramente justas estas reclamações, pois é incomprehensivel que se exijam 3$000 réis para pagar a agua e gaz que o alumno gaste durante o anno.

Mas... afinal os srs. governantes teem uma certa razão em procederem assim e em difficultar quanto possivel a instrucção.

Não lhes podemos levar a mal.

E' uma legitima defesa.

Não é essa cohorte de semidoutos que a Universidade vomita todos os annos que concorre para sustentar e propagar estas malditas doutrinas de liberdade e de egualdade chimerica que ameaçam subverter a nossa sociedade?

Brevemente teremos o prazer de annunciar que foi deferido pelo sr. Hintze Ribeiro o pedido que os povos fizeram a el-rei D. João III nas côrtes de 1562. « Que os estudos de Coimbra se desfaçam por serem prejudiciaes ao reino, e a renda se applique para a guerra; e quem quizer aprender vá a Salamanca ou a Paris, e não haverá tanto letrado nem tanta demanda ».

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

De Lisboa

28 de abril

A' hora a que escrevo, a cidade inteira está em vesperas d'uma batalha. O povo de Lisboa prepara-se enthusiasticamente para, mais uma vez, ir perante a urna provar o seu completo, o seu absoluto alheiamento do regimen e dos seus homens.

Hintze trapaceia d'uma forma escandalosa tocando a reunir á sua horda de galopins e de malandros, e é possivel que, do que se passar ámanhã, alguma coisa saia, de inusitado e de esporadico, na proverbial brandura dos nossos costumes e na inercia de carneiros em que, o eleitorado português tem a pouco e pouco caido, supportando todos os roubos e violencias com que os bandos monarchicos lhe teem experimentado a paciencia.

O que fôr soará. Simplesmente, d'esta vez, a capital está resolvida, ao que parece, a defender *á outrance* os seus direitos. Bom será. Contra o absolutismo legalisado só ha o recurso da acção illegal dos individuos, e os povos que supportam todas as tyrannias e vexames que lhe infligem os de cima, sem recorrerem ao ultimo e unico protesto admissivel, estão, em absoluto, condemnados a desapparecer. Ora parece-me que esta convicção entrou de ha uns tempos a esta parte, no espirito de todo o português que não seja ou rematadamente estupido ou completamente canalha.

A situação é a que Hintze, num momento em que o medo o fez sincero, concretisou nesta phrase — «vivemos sobre um braseiro».

De facto, a corda não pode esticar mais e o braseiro que a monarchia atiçou está, mais tarde ou mais cedo, destinado a devorá-la, purificando o paiz e resurgindo-o para uma vida nova.

Os recentes acontecimentos da armada bem o provam e se, como parece ser um facto averiguado, tudo o que se passou não foi mais do que o manejo ignobil d'um bando monarchico sequioso de se impôr, para attingir a gamella onde os restantes fossam, d'ahi já nos vem a consoladora certeza de que o descontentamento geral, tão facilmente aproveitavel por corrilhos audaciosos, melhor e mais espontaneamente se prestara a ser canalisado a favor das ideas que o paiz hoje inteiramente proclama e defende.

E já que fallei nos acontecimentos da armada, direi que nada mais odioso do que tudo quanto se está passando.

Sabe-se, diz-se em toda a parte, escreve-se nos jornaes, que os marinheiros foram levados a fazer o que fizeram por suggestões de poderosos. Alguns, os cabeças de motim, declaram-no nos depoimentos que fazem, aberta e francamente.

Pois bem, o regimen e o seu governo que, no momento critico, tremeu possuido d'um terror panico, agora não apara responsabilidades e atira-se em nome da disciplina aos marinheiros, aos humildes, áquelles diante dos quaes pouco antes destallecera de susto, sem perturbar, levemente sequer, os que envolveram esses desgraçados na perigosa aventura.

Isto é simplesmente logico, no entanto. O contrario é que seria de pasmar partindo d'um Hintze, d'um Alpoim ou d'um mentecapto perverso como o Luciano.

Não se hostilisam como os cachorros paridos pela mesma cadella, os homens da monarchia.

Teem só cuidado em não esfolar a teta que a todos alimenta, e, unidos, solidarios, defendem-na todos com a furia de cevados que presentem que lhes vão tirar a comida.

E' a solidariedade na Calabria e os trezentos e tantos marinheiros que serviram d'instrumento para que o conviva que fôra afastado se fizesse temer e retomasse o seu lugar á mesa, esses, que paguem em S. Julião a conta do brodio.

O processo, como vêem, é simplicissimo.

Occorre-nos, no entanto, ácerca de isto tudo, a celebre phrase do romano— «*quousque, ó Catilina...*»

Até quando, ó Corja, abusarás da nossa paciencia...

Timido

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Um manifesto

D'um grupo de republicanos d'Alcobaça recebemos um bem redigido manifesto, aconselhando os eleitores do circulo de Leiria a manifestarem-se pelo bem do paiz, votando na lista que o partido republicano apresenta ao suffragio dos eleitores do circulo oriental de Lisbôa.

Prestam assim os nossos correligionarios d'aquella região um bello serviço á republica e por consequencia ao paiz, e d'aqui os saúdamos fazendo votos pelo bom resultado dos seus trabalhos.

ELEIÇÕES

Até á hora a que o nosso jornal entrou na machina recebemos os seguintes telegrammas:

Lisboa—Redacção *Patria*, 5, 3, t.—Maioria enorme nas assembleias da cidade. Consta que foi preso na Azambuja, onde se encontrava vigiando o acto eleitoral, o sr. Dr. Bernardino Machado, havendo grande indignação por esse facto.

*

Lisboa — Redacção *Patria*, 9, 55 n. —Houve em todas as assembleias uma animação enorme, sendo as urnas mais concorridas que nunca.

Em Lisboa, circulo oriental, o republicano mais votado obteve 3:886 votos e o monarchico 2:519. No occidental o republicano 2:405 e o monarchico 2:570. Faltam ainda 9 assembleias da cidade e muitas ruraes. Devem ser certas apezar de todas as manigancias 2 candidaturas do circulo oriental.

*

Santarem — Redacção *Patria*, 6, 46, t.—Na cidade o republicano mais votado teve 155 votos e o monarchico 488 votos. Ganhámos a minoria em varias assembleias. Nas ruraes têm-se feito vergonhosas chapelladas.

Na assembleia da Azoia onde a eleição foi ficticia o governo teve 869 votos. Em todas as outras se fez a mesma manobra.

*

Cuba — Redacção *Patria*, 10, 49, n. —Os monarchicos torpemente colligados fizeram todas as violencias, pressões, chantages com tudo, até com a justiça. Conseguiram sobre nós uma maioria de 2 a 17 votos. Os republicanos obtiveram 370 votos e os monarchicos, 372 a 387.

*

Porto — Redacção *Patria*, 12 n. — Correram tranquillas e sem enthusiasmo as eleições, sendo mixtas as mesas. Nas assembleias centraes a victoria foi dos republicanos. O republicano mais votado no bairro oriental foi Xavier Esteves com 1:327 votos e o monarchico com 1988.

No bairro occidental, 949 e 2:180 respectivamente. Os dissidentes obtiveram no bairro oriental 2:005 votos e no occidental 797.

A votação progressista foi vergonhosa, não vae além de 100 votos. Em Gaya o apuramento sabido dá 500 votos aos republicanos; em Paços de Ferreira, 220.

Em Maia e Amarante houve votação republicana.

Centro Republicano Academico

Convidam-se todos os estudantes inscriptos neste centro a reunir no proximo sabbado, pelas 7 e meia horas da noite, a fim de resolverem sobre um assumpto de grande importancia.

O presidente,
Carlos Amaro.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

29 d'abril

Alienado o Brasil, cujo tratado de separação é redigido pela Inglaterra, na pessoa de Lord Stuart, occorre o expediente de hostillisar, de rosto, o idealismo vintista. Como? Dando o rei, e não o Povo, uma nova Constituição.

O instrumento d'esta miseravel aventura, cujo fundo moral é a mais impudente das burlas, é o primogenito de D. João VI, — o irrequieto e estupido D. Pedro. Mas desacreditado pela sua qualidade de *brasileiro*, e, não menos, pela notoriedade das suas allusões deprimentes para Portugal, o velhaco recorre a um expediente: — realisar o seu sonho soberano mediante a entrega da filha ao irmão, ao Infante D. Miguel, isto é ao *rei*, ao *cabeça* dos absolutistas-apostolicos! Sancho faz-se Machiavel; Gil Braz surje em attitudes de Yago!

D. Miguel, porém, tão sincero e leal como o futuro sogro, acceita o convite, simplesmente para mais tarde o trahir. Pela sua parte, o pae da noiva ajustada, d'essa noiva que, na aventura, não passa de uma mercadoria politica, de um negocio para as duas facções hostis; esse pae, esse homem, que se permittia velleidades de Washington e de Bolivar coroado, dava-se assim, a frio, a entregar a filha ao chefe visivel, e já prestigioso, do despotismo, isto é, ao representante da politica de Carlota Joaquina — a Alexiwena da Bemposta e do Ramalhão!

Pelo que lhe dizia respeito; D. Miguel, já então annunciado por «o terror dos pedreiros», por o Messias, jura a Carta outhorgada pelo irmão e promette casar com a filha do seu figadal inimigo. Que farçantes! E se não houvesse successão, o reino passaria, *em dote*, á Infanta Maria Thereza, princeza da Beira, casada já em Hespanha, e com um filho nascido, de nome D. Sebastião, *o segundo do nome*, quando recebesse ou tomasse a corôa!

Completo.

E' sob este ambiente mephitico, de caverna infecta, que a Carta de 1826 é posta em acção. A noção da soberania, conferida na Constituição de 1822 ao Povo, na pessoa dos seus representantes legalmente eleitos *(art. 26.º)* era assim, e deste modo, comprehendida pela monarchia que, desde o contracto nupcial de Vienna, a podia endossar, como uma lettra de cambio, a quem melhor conviesse.

Com tal germen, é inteiramente intuitivo o que, sob o seu aspecto politico e juridico, esta baixa comprehensão de deveres proprios e de direitos alheios, collectivos, nos trará. E' a negação de todo o ideal democratico de 1820, mantido na Constituição de 1822; é o privilegio, a renuncia em beneficio de uma familia sem precedentes civicos, de todas as liberdades publicas, de todas as franquias immanentes e historicas que, desde os fins do seculo XVIII, se tornaram para toda a Humanidade como que imprescindiveis e fundamentaes.

80 annos de Constitucionalismo Outhorgado).

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que fôr mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Criticas sectarias

A Obra, orgão do operariado jornal que se publica em Lisboa, a proposito d'uma noticia que correu mundo fóra sobre uma deliberação da republica norte-americana negando a entrada no seu territorio ao notavel revolucionario e escriptor russo Maximo Gorki, aproveita a occasião, com uma falta de senso e clareza de vistas deploravel, para negar a efficacia dos principios republicanos.

Já a *Era Nova* periodico anarchista d'esta cidade, por varias vezes, commentando acontecimantos isolados, tem tambem attribuido sem razão aos principios republicanos alguns erros d'actividade governativa.

Lamentamos profundamente a falta de justiça com que esses jornaes apreciam os factos.

Se em qualquer republica os seus governos tomam medidas algumas vezes censuraveis por não corresponderem ás modernas aspirações democraticas, todas as criticas dos homens intelligentes e de honestidade devem rechair sobre aquelles que, por uma falsa orientação, não são coherentes com as theorias que defendem e pelas quaes luctam.

Nós combatemos com carradas de razão as monarchias, os seus processos de governar, os seus homens, pelos vicios que contem um regimen atrazado e insustentavel que se basea essencialmente no privilegio e na oppressão, pela desmoralisação de que dão constante prova aquelles que as servem sem o mais ligeiro vislumbre de bom senso e de probidade.

Os que lançam invectivas á republica, unica forma juridico-politica compativel com o actual estado da evolução das idéas e dos costumes, pois que assenta fundamentalmente na liberdade e na egualdade social, dão um lamentavel symptoma de imbecilidade.

Não se atacam nunca os principios, sobretudo quando são de salutares resultados como os principios republicanos.

Todas as criticas as mais incisivas devem ser dirigidas aos homens que num dado momento por uma falsa comprehensão dos seus deveres politicos e falta de senso governativo commettem erros e arbitrariedades de todo o ponto imcompativeis com os principios.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Pontos de vista

A proposito de Arte

A confusão das escolas litterarias, reflectindo processos diversos, hostilidades irreductiveis de objectivação artistica, não consegue apagar o traço nitido que marca a tendencia irresistivel da Arte para a moderna concepção orientadora. No meio do tumulto onde apparecem revivescencias de antigas escolas, influencias de transitorios processos decadentes, estão principalmente em face o bysantinismo esteril dos artistas puros e a arte forte dos que bebem a inspiração nos haustos da vida.

Eu não preconiso exageros nem sectarismos em Arte, que, de resto, não servem senão para restringir o seu campo largo e fecundo. O exclusivismo impertinente que affectou a *Arte social* não foi mais do que a reacção logica produzida em face do pretendido dominio d'um processo litterario estranhamente alheio a toda a vida.

Os artistas pareciam ser entes privilegiados, desdenhosos pelas desventuras do mundo, arredados do vasto meio em que se produz a acção dos caracteres e dos sentimentos e, portanto, da fonte principal de todas as producções artisticas.

Prejudicavam d'este modo a sua arte que apresentavam talvez com requintes de originalidade pessoal, talvez com bellezas inéditas de phantasia, mas sem uma emoção verdadeira, sem uma figura real, sem um sentimento authentico arrancado á propria alma humana e resultando, consequentemente, d'uma esterilidade e falsidade absolutas.

Era o frio cynismo de esthetas sem coração, o orgulho refinado de imaginativos insinceros, o vicio brilhante de gosadores desinteressados, o egoismo desvergonhado que repudia o espirito de sacrificio derivado da piedade e do amor, que formava a base d'essa litteratura que podia escorrer a sua immoralidade na fórma modelar do Bourget mas que, seguramente, degradava e falseava a missão do artista. D'ahi a formação do opposto processo, erigido em formula d'arte, cultivado principalmente por quem tinha vivido a vida do soffrimento em contacto com as baixas camadas opprimidas, retido no cerebro o espectaculo lancinante da sua miseria, vibrando ainda os nervos na commoção de tantas cóleras, talvez juntamente sentidas e juntamente gritadas, e que teve sómente o erro faccioso d'uma limitação forçada e d'uma preoccupação excessiva.

Ora o espirito moderno, definido na utilidade orientadora da influencia intelectiva, condemna formalmente a concepção exclusivista da *Arte pura* por inconsistente e inutil, e, no seu anceio de libertação de formulas e barreiras, arranca a *Arte social* do seu exagero sectario, tornando-a ampla, fecunda como a propria natureza onde se inspira e onde se molda.

* * *

A proposito d'este assumpto tão debatido, o escriptor francês Eugène Montfort, impressionado e inquieto pela crescente tendencia social da arte que, diz elle, «representa uma ameaça pendente sobre a litteratura», resolveu abrir na sua revista *Les Marges*, um inquerito entre um grande numero de escriptores da sua terra.

Para unidade d'esse inquerito Eugène Montfort estabeleceu como base esta citação de Guy de Maupassant: «os romancistas teem por principal motivo de observação e de descripção as paixões humanas, boas ou más. A sua missão não é nem ensinar, nem flagellar, nem moralisar. Todo o livro de tendencias deixa de ser um livro d'artista.»

As respostas foram o mais contradictorias possivel. Uns como Saint Georges de Bouhélier e François de Nion são da mesma opinião de Maupassant; outros como Maurice Maeterlink de opinião contraria; outros ainda como Marcel Ballot admittem o romance social desde o momento que seja ao mesmo tempo um bom romance; Catulle Mendés, uma vez que o sentido social da obra d'arte não tenha sido premeditado, resultando a sua efficacia não d'uma intenção demonstrativa mas da propria emoção involuntaria; e por fim Octave Mirbeau diz-nos que o unico alcance social da arte reside no facto de crear *seres vivos*, emquanto que a prédica no romance e na scena deixa indifferentes espectadores e leitores.

Depois de registar estas opiniões o critico Léon Blum commenta o texto de Maupassant e define rigorosa e precisamente o que deve entender-se por arte social.

E o seu primeiro cuidado é accentuar que é do consenso unanime dos intellectuaes que no dominio illimitado da arte ha generos em que um livro de tendencias, tendo por fim expresso e patente «moralisar, flagellar, ensinar,» póde ser realmente um livro d'artista e cita para comprová-lo a *Historia* de Michelet e os *Chatiments* de Hugo.

Portanto, em these geral, é evidente que a arte não é incompativel nem com a tendencia, nem com a doutrina, nem com a intenção de ser util, porque não são nem determinados generos, nem determinados processos technicos que caracterisam a obra d'arte, mas a qualidade da emoção suscitada, a adaptação dos meios ao assumpto escolhido, a simples, encantadora justeza da sua exteriorisação.

As divergencias agrupam-se, pois, em volta d'uma porção definida da mesma arte que é constituida pelo romance e é sobre elle que Léon Blum concentra as suas observações. E' preciso distinguir o romance de tendencia, do romance de these ou de prédica. O que se chama um romance de these comporta desde o seu principio como o enunciado d'um theorema a que o seguimento da obra servirá de demonstração; o de prédica é uma aggravação da these em que a conclusão theorica em logar de ser conduzida pela propria acção é nos expressa numa conferencia persuasiva que um dos personagens debita.

Ha pois probabilidades para que estes romances sejam despidos de valor artistico, porque o pensamento premeditado de tirar uma certa conclusão, levaria o auctor a não ser verdadeiro nas suas impressões, a subordinar a imaginação a uma determinada ideia, a constranger a observação na sua verdade, a influir no caracter dos seus personagens, a escolher parcialmente as consequencias do seu assumpto de modo a corroborar a these escolhida.

* * *

Mas a verdade d'esta argumentação não attinge o romance social, porque na verdadeira e salutar interpretação da vida, no desenho dos quadros fieis ou verosimeis dos caracteres humanos e das paixões humanas, a imaginação póde conservar essa liberdade nobre e inspirada que é garantia da belleza da fórma, a observação póde conservar a verdade indispensavel para a coherencia da obra d'arte, o artista póde manter a sinceridade das suas emoções e dos seus sentimentos que asseguram a sua elevação e a sua honestidade.

A obra de Balzac, por exemplo, é eminentemente social pela grandeza dos seus quadros intensamente humanos, pela justeza das suas figuras, integras nos seus sentimentos, nos seus vicios, nas suas paixões, pela potencia de pensamento e de observação, pela força de realisação emocional que a fez uma obra util, forte e verdadeira onde os artistas d'hoje ainda pódem colher a efficacia de exemplos justos e as lições d'uma orientação adequada a seguir na sua arte.

Carlos Olavo

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Um manifesto do Dr. Eduardo d'Abreu

Recebemos um manifesto assignado pelo dr. Eduardo d'Abreu, em que analysa a situação politica do paiz e do partido republicano. O austero democrata, depois de demonstrar que com a actual lei eleitoral é impossivel ir ao parlamento alguem que não tenha «chumbada na face» ou «appensa ao ventre» a etiqueta do regimen, e de ter explicado as razões por que não tem consentido que o partido republicano ponha e defenda a sua candidatura, salienta o facto de os republicanos de Lisboa terem resolvido, em face da actual lei, abster-se da lucta eleitoral e reclamar uma reforma, baseada no suffragio universal, e consignando a autonomia politica das cidades e a proporcionalidade de representação, permittindo assim a intervenção de todos os agrupamentos partidarios na gerencia dos negocios publicos, e o facto de os dirigentes do partido republicano de Lisboa terem resolvido concorrer agora ao acto eleitoral. E pergunta: «Então a lei é boa ou é má? Permitte ou não permite a representação do partido? Affirmando depois: «A incoherencia a que me refiro, poderia ser funestissima ao partido republicano português, se não tivesse a salvaguarda lo a perfeita lisura dos republicanos eleitos, quaesquer que elles sejam, lançando ao mais completo desprezo os favores do Ministro». Concluindo: «O invariavel argumento sempre produzido, quando o apito regio chama ás eleições, é que o partido republicano deve sempre acudir á chamada, visto não estar preparado para a Revolução politica».

Em poucas palavras, sem pruridos de critica, a nossa opinião de republicanos. Ninguem hoje de boa fé poderá dizer que o partido republicano não está preparado para a Revolução politica. Só a cobardia dos que teem que perder e dos que teem que responder perante a nação adduzirão o argumento. As maiores cidades portuguêsas são republicanas e os nossos homens teem dado provas publicas da sua competencia scientifica e civica.

E não ha incoherencia, se se vir a questão dum modo global. Os dirigentes do partido republicano de Lisboa não dizem hoje que a lei é boa, antes dizem, como hontem, que ella é a negação do suffragio e o estrangulamento da vontade nacional. Mas um partido d'opposição e principalmente um partido revolucionario, não pode ter uma tactica invariavel. O partido republicano perfilha ainda, e praticará quando fôr governo, os principios exarados na reclamação da reforma eleitoral que fez distribuir pelo paiz e publicar nos seus jornaes. O partido republicano não póde admittir sequer a legitimidade strictamente juridica da lei eleitoral vigente. Mas desde que as circumstancias permittam admittir a possibilidade de ir ao parlamento, pela unica força da massa republicana, um só deputado republicano que seja, o partido republicano não deve abster-se. Esse deputado irá levar ao regimen a contusão e a desordem, porque bastará a sua bocca abrir-se num protesto para que as quadrilhas de toda a especie se alarmem e estremeçam de pavor. E' exactamente assim. A voz dos deputados republicanos tem sempre soado no nosso parlamento como um trovão. Não fallamos já nos effeitos da propaganda nos campos e nas provincias, quasi inteiramente descuidada até ha pouco tempo, e não fallamos já na necessidade de concorrer ao acto eleitoral como pratica de democracia e revista de forças. Lembrando-nos só da indignação, da raiva que se apoderará de todas as consciencias limpas vendo praticar declaradamente um roubo, e sabendo nós, por experiencia propria até, que é essa indignação, essa revolta, que teem sustentado e feito progredir o partido republicano, que é bem um producto espontaneo da politica e do genio portuguêses, não podemos senão applaudir a revolução d'agora do partido republicano.

Cumpre-nos agradecer ao illustre republicano a amabilidade de nos enviar o seu manifesto, congratulando-nos por que volte á vida politica activa com a mesma fé, a mesma inquebrantavel fé de sempre.

A analyse que faz do estado actual do exercito e da marinha é absolutamente modelar de precisão e d'energia, e convencidos estamos de que, a forma de levantar a força amada contra o rei não é anima-la, occultando a sua desorganisação, ou melhor, a sua decomposição actual. E' pelo contrario mostrando as chagas, abrindo bem essas chagas, que convenceremos o soldado e o official da necessidade inadiavel de proclamar a Republica.

E' o que tem feito e é o que faz o sr. capitão Homem Christo.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annunciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

RAPSODIA

Casus horrendus

Numa correspondencia de Lamego para o *Seculo* noticia se que o novo administrador, por occasião de tomar posse, recebeu uma poesia de felicitação d'um ignorado poeta que vive para os lados da Mangueija.

E' verdadeiramente a prostituição da Poesia. A Poesia, até aqui, tinha-se offerecido sómente aos deuses, aos principes e aos que voltavam das batalhas triumphantes e gloriosos. Ella trazia sempre um manto d'estrellas e o thuribulo com que ia incensando céus, reis e heroes era d'oiro macisso. Era a grande dama que só uma vez concedia os seus favores. Aquelle que conseguia beber o ar que os seus cabellos agitavam podia morrer satisfeito, porque na sua cova ella faria chover incessantemente as rosas e as bençãos. Mal assomava, toda a terra estremecia num deslumbramento. Offerecia, dava-se, mas com essa majestade que tem o sol, com essa mysteriosa seducção que tem o mar, com essa doçura que tem a noite. Era grande, era forte, era doce. Grande como a eternidade, forte como um beijo d'uma bocca amante, doce como uma caricia de mãe.

Tinha caprichos doentios, é certo. Muitas vezes desnudou o seio ao desejo dos tyrannos e dos scelerados. Mas ainda nesses momentos ella era a soberana que se abandonava. O seu olhar era sempre resplendente como a chamma sagrada d'um altar. Quando abria os labios, era como se as petalas d'uma flôr vibrassem um cantico. Se os seus sentidos roçavam uma parede, a parede transformava-se logo num palacio encantado. A sua sombra derramava-se como um luar em volta de nós.

Esse ignorado poeta da Mangueija, porém, veiu revelar-nos uma coisa monstruosa. Não, ella já não é a apparição ideal que nos extasiava e illuminava. Ella vende-se num prostibulo infecto, numa aldeia perdida entre montes. Esse poeta dormiu com ella e roubou-lhe esse trapo que foi offerecer ao novo administrador. Com tal trapo procurará provavelmente captivar as boas graças do administrador e sollicitar-lhe que intervenha para ser nomeado amanuense da administração. Quem sabe mesmo se seria ella que lhe deu o trapo, dizendo-lhe: «Vae, filho, vê se o commoves. E' possivel que te despache e os meus labios depois saber-te-hão melhor. Não calculas como custa a uma bocca com fome dar um beijo. Se imaginasses o immenso esforço que preciso de fazer para unir os labios contra os teus, não hesitarias um instante. Vae, filho!»

Não é licito duvidar do facto. Ella vive na Mangueija e terá mandado já bilhetinhos e recados d'amor ao proprio abbade.

Certamente, a poesia acaba — e acaba estrictamente á fome. Que tende a desapparecer já os «sabios» tinham averiguado e verificado. Reconheceu-se mesmo que desempenhava já na actualidade um papel apagado e inferior. Os «sabios», todavia, explicavam o acontecimento lamentavel «scientificamente». A poesia, diziam, acabava porque a prosa vae ganhando a sua sonoridade, a sua cadencia, o seu rythmo, e tem uma maior plasticidade, podendo portanto definir e traduzir melhor a vida. A poesia é a ficção. Ora nós caminhamos para a verdade. A verdade é a prosa.

Esta theoria tem o mesmo valor que as theorias sobre os phenomenos sismicos. A razão ultima, ou melhor, a razão unica é esta: ella prostituiu-se e morre estrictamente de fome.

O' Carlos Amaro, suicida-te!

Antonio Granjo.

Uma pagina d'um Diario

Numa carruagem de segunda classe da linha do Norte encontrei, juntas com uma luva de camurça, esquecidas ao canto d'um banco, as paginas que se seguem. Por julgar que ellas encerram em si um curioso documento psychologico, resolvi-me a publicar a parte impessoal d'essas notas diarias. Se o legitimo proprietario tiver conhecimento d'este principio d'indiscripção, mais facilmente poderá reclama-las a quem subscreve estas linhas.

*

Dia 9 — Cheguei. São onze e meia. A villa inteira dorme, sem um ruido, negrejando, na treva humida da noite. Emquanto escrevo, neste quarto banal e frio d'hospedaria, á luz mortiça da vela, uma chuva miuda e cortada d'um nordeste aspero, vem, a espaços, fustigar os vidros. Tenho frio. Foi talvez de ter aberto a vidraça. Para o lado da estrada, rumoreja um grande mar revolto e negro d'arvores batidas de vento. Quando a chuva descança, vem d'alli, do escuro, o lamentoso uivar d'um cão vadio. O homem do carro disse-me que a viuva do casal estava a morrer. Aquelle cão, uivando, na noite lugubre, faz-me passar um calafrio na espinha. A chuva recomeça, fecho a janella, olho a cama. Estou moido, mas tenho a certeza de que, se me deitasse, era um martyrio, não podia dormir.

Como estará o dia amanhã? Esta semana tem chovido sempre, continuamente. As estradas estão um horror. Da estação para aqui, julguei por vezes que o carro se voltava, naquelle mar de lama, em que as rodas se enterravam até ao eixo. Atravez dos vidros, distinguia, vagamente, a um lado e outro, vultos indistinctos de arvores, uma linha indecisa de vallados e, á luz fumarenta das lanternas, uma ou outra oliveira escorrendo agua, torcida de vento, num gemer lamentoso dos troncos.

Tive vontade de voltar para traz. Perguntava-me o que vinha cá fazer, que esperava, que procurava ainda? Na chuva, no vento, nos solavancos do carro na lama negra, no intenso frio que, atravez da frinchas das janellas, vinha fazer-me tiritar encolhido a um canto, julguei vêr a colera da natureza que me recebia assim, aggressivamente, n'uma furia desabrida, como se eu fosse um estranho ou um inimigo.

E porque vim eu? Talvez seja por ter medo de me julgar ridiculo que eu nem sequer a mim o confesso.... Mas a verdade é que Lisboa aborrecia-me.

Foi por isso que vim...

— Noto, com interesse, que até comnosco representamos. E' estranho! E' extranho e é covarde.

Porque afinal isto não é mais do que uma modalidade da covardia. E' a falta de desassombro, é o inveterado habito de representar com todos, é a hypocrisia que nos leva a calar uma opinião com medo que ella possa susceptibilisar, a occultar uma crença porque *os mais* se podem rir, a suffocar um sentimento para não desmanchar a linha d'impassibilidade que nos impuzemos.

E, assim amordaçados, manietados, toda a grande belleza da vida se perde, e, em vez de homens vivendo e sentindo livremente, na expansão consciente e serena da sua personalidade, transformamo-nos em manequins correctos, sem um impeto, sem uma sinceridade, sem qualquer coisa d'intenso e de bello, que justifique a nossa razão d'existir, sequer ao menos, como animaes.

Pergunto de novo: porque estou eu aqui? E agora parece-me achar a resposta facil.

Estou aqui porque necessito viver ao pé d'ella, na mesma terra onde ella vive, porque preciso ve-la, de passagem que seja, um momento que seja, mas que, nesse instante eu possa seguir com a vista a oscillação rythmca do seu andar, a altivez graciosa do seu busto, e a desmaiada côr do seu perfil suave. Poder parar, á noite, em frente á sua casa e, no escuro, sem que ninguem me veja, fitar as janellas illuminadas e vêr passar nos vidros uma sombra que pode ser a sua ouvir, por vezes, o som d'uma voz que póde ser o seu.

— Relendo o que insensivelmente fui levado a escrever, penso como isto tudo é velho! Mas como em todos os tempos isto foi assim! Philosophos e poetas, tantos e de tão diversos modos, teem escripto, tem pensado theorias e sonhado poemas, sobre esta grande coisa, feita de tão pequeninas coisas, que não se define, que não se raciocina e que tem permanecido a mesma, immutavelmente a mesma, atravez dos tempos decorridos. —

A chuva redobrou d'intensidade. Bate d'enxurrada no empedrado, em frente da janella. Mas, não sei porquê, parece que uma grande serenidade me entrou na alma. Como estará o dia amanhã? Ve-la-hei? Ha tantos mêses... Tenho a certeza de que se ha-de impressionar quando me vir. Como ella me fez mal, como ella é differente do que eu julgava, mas... como eu lhe quero, como eu lhe quero... Preciso dormir. A pouca distancia d'aqui ella dorme tambem.

Dorme! Que linda deve ser a dormir! Não suspeita sequer que eu estou aqui pensando nella e tão perto. A certeza de que a tenho a poucos passos de mim, de que amanhã, ao abrir a janella do meu quarto, posso vê-la passar na rua, surprehender a sua commoção ao avistar-me, tudo isso me consola um pouco... Quando se soffre, uma qualquer coisa nos allivia. A candeia d'um casal que se avista num descampado, numa noite negra, brilha como um pharol. Estou consolado. Ve-la-hei amanhã? A chuva cessou, mas o maldito cão, agora, uiva sem descontinuar.

.....

Pela copia

João Triste.

Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS
BIJOUTERIAS
ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FORRAR CASAS

Arames e rêdes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETTES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da Motocyclette Alcyon

A **Motocyclette Alcyon** de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com *machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força*, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina **Alcyon** mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portugueza, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETTES

BICYCLETTES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funcciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funccionar elles funccionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recomeçar

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. . . . . 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra